

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião

FABIO PY MURTA DE ALMEIDA

UMA ECOLOGIA REFÉM DO PODER ECONÔMICO:

Leitura exegética sócio-econômica de Deuteronômio 5,12-15

São Bernardo do Campo,

2007

FABIO PY MURTA DE ALMEIDA

UMA ECOLOGIA REFÉM DO PODER ECONÔMICO:

Leitura exegética sócio-econômica de Deuteronômio 5,12-15

São Bernardo do Campo,

2007

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião

UMA ECOLOGIA REFÉM DO PODER ECONÔMICO:
Leitura exegética sócio-econômica de Deuteronômio 5,12-15

Por:

Fabio Py Murta de Almeida

Orientador:

Milton Schwantes

Dissertação apresentada em cumprimento parcial do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião da UMESP- Universidade Metodista de São Paulo para obtenção do grau de Mestre.

São Bernardo do Campo,

2007

FOLHA DE APROVAÇÃO

UMA ECOLOGIA REFÉM DO PODER ECONÔMICO:

Leitura exegética socioeconômica de Deuteronômio 5,12-15

() Aprovada 11 de dezembro de 2007

Examinadores:

Prof. D. Dr. Milton Schwantes (Presidente) – UMESP

Prof. Dr. Renatus Porath – UMESP

Prof. Dr. Haroldo Reimer - UCG

A Leila Manhães de Oliveira,
que nessa etapa complicada da nossa vida,
não nos furtou de seu
apoio irrestrito e companheirismo fiel.

AGRADECIMENTOS

Diante das dificuldades encontradas no transcurso no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, sobram-nos palavras de felicidade e de gratidão pelo apoio oferecido pelo programa que não hesitou em acolher-nos sempre da melhor forma e com os serviços relevantes para o cumprimento de tal etapa.

Nesse caso, o agradecimento vai para a Universidade Metodista de São Paulo, que nos acolhe com dignidade em suas instalações. Ressaltamos a prontidão e boa vontade de todos os segmentos do funcionalismo diante das datas, em especial o nome da Márcia, que nunca hesitou na ajuda e na busca das soluções dos envoltos institucionais.

Em relação à direção e a coordenação do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, venho demonstrar gratidão frente à ajuda irrestrita em todas as vezes em que os acionei. Junto à coordenação, quero destacar o apoio na parte de ensino e pesquisa, dado pelo Sistema de Bibliotecas Dr. Jalmir Dowden, o qual sempre foi muito bem ambientado e com a vastidão de obras necessárias para a confecção desse trabalho.

Quero agradecer ao coordenador prof. Dr. Antonio Carlos Mello Magalhães e ao Prof. Dr. Paulo Augusto de Souza Nogueira, ambos pela coordenação e pelo apoio dado, disponibilizando-nos a bolsa do IEPG, cujo recurso foi sempre muito bem acionado, em prontidão e zelo, pela prof^a Ana Maria Fonseca.

Ressalto também o quanto o corpo docente se mostrou atualizado em seu exercício, incentivando especialmente a busca da excelência discente. Agradecendo, passo a nomeá-los: Prof. Dr.: Archhibald Woodruff, Prof. Dr.: Antonio Carlos de Melo Magalhães; Prof. D. Dr.: Milton Schwantes, Prof. Dr.: Tercio Machado Siqueira e Prof. Dr. Renatus Porath.

Agradeço de forma mais específica ao Prof. D. Dr.: Milton Schwantes, que desde os encontros de Pré-Orientação até o término da escrita, sempre fez direcionamentos relevantes para a pesquisa e para o processo de estudo no programa. Se me encontro no término dessa etapa, em muito se deve a ele. Da mesma forma, agradeço ao Prof. Dr.: Tércio Machado Siqueira que, mesmo não sendo diretamente meu orientador, sempre me recebeu e me apurou nas questões e idéias com prazer e disposição.

Agradeço ao Prof. Dr.: Archhibald Woodruff que, nos poucos encontros, sempre se mostrou disponível e atento às colocações. De forma semelhante, agradeço ao Prof. Dr.

Renatus Porath, que chegou no fim do processo de confecção desse trabalho, mas que nos ajudou de forma especial tanto no agir dos trâmites legais, nas indicações metodológicas, e nas perguntas sempre instigadoras e facilitadoras do processo de escrita.

Por último, mas não menos importante, menciona-se o nome do Prof. Dr.: Haroldo Reimer, que por obras e pelo apoio pessoal contribuiu positivamente para o desenvolvimento desta pesquisa.

SUMÁRIO

Introdução	16
Capítulo 1: História da pesquisa de Deuteronômio, em especial Deuteronômio 5,12-15: propostas, enquadramentos e histórico	23
1.1 Motivações para leitura e o reconhecimento de seus intérpretes	24
1.2. Deuteronômio e o decálogo no cânon	25
1.3. Wilhelm M. L. de Wette e os inícios da crítica do Pentateuco	27
1.4. A pesquisa de Julius Wellhausen	28
1.5. A literalidade liberal: A Klostermann	29
1.6. A pesquisa da escola da Escandinávia	29
1.7. As críticas das origens: (Aage Bentzen,) Martin Noth e G. von Rad	30
1.8. A manutenção das indagações sobre os inícios	32
1.8. O caso da exegese americana e o Deuteronômio	33
1.9. A análise bíblica na forma canônica	35
1.10. Aprofundamento de questões sobre a história da redação: onde fica Deuteronômio e seu sábado nisso?.....	37
1.10.1. Escola Norbert Lohfink-Georg Braulik	37
1.10.2. O nome de Eckard Otto	38
1.10.3. Frank Crüsemann e sua história-social.....	39
1.11. O revigorar sociológico da escola espanhola	41
1.12. O grupo das “Tribos de Yahweh” e suas interpretações de Deuteronômio para a América Latina	43
1.13. Os alunos de Norman K. Gottwald na América Latina	44
1.14. A leitura histórico-social de Frank Crüsemann na América Latina	44
1.15. A escola Norbert Lohfink-Georg Braulik na América Latina	45
1.16. O Deuteronômio, o sábado e a ecologia na América Latina	46
Capítulo 2: O texto de Deuteronômio 5,12-15 e sua forma	49
2.1. A tradução	49
2.2. Indicações	50
2.3. O Texto Massorético	51
2.4. A leitura do texto de Deuteronômio 5, 12-15	52

2.5. Introdução à forma do texto	53
2.5.1. Ponderações sobre a autoria	54
2.5.2. Coesão interna	55
2.5.3. A partícula de Deuteronômio 5,12-15	56
2.5.4. Os verbos de Deuteronômio 5,12-15.....	59
2.6. O sábado como prática social	61
2.7. Estrutura concêntrica	65
Capítulo 3: Lugar de origem e o lugar do caso de Deuteronômio 5,12-15	69
3.1. Anciãos e sacerdotes consideram as tradições do Reino de Israel	70
3.2. De Ezequias a Josias: o agente passa a ser o povo da terra	73
Capítulo 4: Nada de utopia! Deuteronômio 5,12-15 responde à vida!	77
4.1. Parte introdutória do mandamento (v.12)	78
4.1.1. Guarda um dia para Javé!	79
4.1.2. Separem agora o dia!.....	81
4.1.3. Por que fazemos isso?	86
4.2. O final do mandamento (v.15c)	87
4.2.1. O dia da lembrança de Javé	88
4.2.2. A repetição do termo sábado	90
4.3. Todo trabalho em seis dias (v.13)	91
4.3.1. Seis dias de trabalho e um para descanso!	92
4.3.2. Nesse tempo farás todo o trabalho!	93
4.4. “Pois escravo foste na terra do Egito” (v. 15ab)	96
4. 4.1. Foste escravo no Egito	97
4.4.2. Saída no braço!	101
4.5. Os envolvidos no ensino (v.14)	105
4.5.1. Nada de seis, o dia é o sétimo!	106
4.5.2. É sábado e ninguém deve trabalhar!	108
4.5.3. Todos devem descansar!	116
4.6. Uma proposta: a técnica roceira e a teologia da situação	118
Conclusão.....	124
Referências bibliográficas.....	129

RESUMO

Com esse trabalho, visamos discutir a tentativa de estabelecer um equilíbrio entre o ser humano e natureza na área rural de Judá, pouco antes do reinado de Josias (640-609 a.C.). Nesse caso, pode-se perguntar: seria o mandamento de Deuteronômio 5,12-15 um discurso ecológico?

A partir dos estudos de Frank Crüsemann e Haroldo Reimer se admite que partes das leis veterotestamentárias eram destinadas ao assim chamado grupo povo da terra de Judá, visando à manutenção de seu poder. O grupo teria assumido a liderança em Judá mediante um golpe político e, articulando-se, desde então, numa política de aliança para se conservar no poder, mesmo não o assumindo diretamente.

Nesse contexto de política de alianças deve-se procurar a implementação do mandamento de Deuteronômio 5,12-15. Ele teria sido escrito por anciãos, um grupo junto ao qual o povo da terra teria se aliado para que ordenassem sentenças jurídicas para a acomodação social.

Nesse caso, inicialmente o portão da cidade, espaço oficial para discussões, reclamações e propostas de intermediações, deve ter sido o lugar de elaboração de sentenças jurídicas sobre a utilização de técnicas na agricultura. Sendo elas posteriormente levadas ao tribunal do templo para passar pelas mãos dos sacerdotes, outro braço da coalizão.

O uso dos animais de porte, cujo peso prejudicava as pequenas propriedades de terra de Judá, deve ter sido um motivo de incessantes conflitos entre pequenos e grandes proprietários de terra. Ressaltamos assim que apenas os homens mais abastados de Judá tinham acesso a esses animais.

Esta solução, segundo se entende, liga o rodízio de culturas ao descanso do campo pertencente ao povo da terra de Judá. Liga-se o termo sábado com a vida da elite rural judaíta do período do reinado de Josias. Uma saída encontrada pelas elites de Judá, a qual nos leva a ponderar uma situação similar que ocorre na América Latina, diante da globalização. Se o texto Deuteronômio 5,12-15 é uma ponderação das elites hegemônicas de Judá que buscam o equilíbrio entre ser o humano e a natureza (ecologia), o discurso ecológico contemporâneo poderá ter neste texto um importante interlocutor. Esse discurso

pode ocultar interesses econômicos, completamente diferentes, pois se trata de uma estratégia dominadora e não libertadora, objetivando-se, sobretudo, a reprodução social.

O Brasil e os demais países da América Latina vêm sofrendo, há algum tempo, com essa distância entre a elite e o resto da sociedade. Nossas elites utilizam-se, há tempos, do discurso ecológico para se manterem no poder dessas sociedades. Por exemplo, vemos nos noticiários uma quantidade de programas e manchetes ligadas à destruição da natureza. Isso é interessante porque, após terem eles mesmo destruído a natureza, passam agora a defendê-la; controlando as reservas naturais, garantindo sua produtividade e seu *status quo* no sistema econômico atual.

ABSTRAT

There is an intention to establish a balance between human being and nature in the agricultural area of Judah, before the reign of Josiah (640-609 B.C.). In this in case that, the question could be if the sentence of Deuteronomy 5,12-15 would be an ecological speech?

Frank Crüsemann and Haroldo Reimer admit part of the Old Testament laws had a destination in the group called people of the land of Judah that wanted the maintenance in the power. This group that would have assumed the leadership in Judah by means of a politician coup, since then, the people of the land had probably articulated a politic of alliance to conserve itself in the power even not assuming directly the power.

They used a politic of alliances and implemented the sentence of Deuteronomy 5,12-15. It was written, by elders, group which the people of the land would have had an alliance so that they could command legal sentences for its social accommodation.

In this case, in the gate of the city, way the quarrels, claims and proposals of intermediacies, it must have sentenced the use of techniques in the agriculture. The transport using big animals, whose weight harmed the small properties of Judah, must have been the reason of incessant small conflicts between e small and great land proprietors. Only few men of Judah could have access to these animals.

This solution, as we understand, binds the caster of cultures to the rest of the pertaining field of the people in the land of Judah. Saturday, typical of the Babylonian empire is leagued to the term, with the life of the agricultural Jewish elite of the final period daily pre-exile. An exit found for the elites of Judah in which it takes us to ponder in a similar situation among Latin American, ahead of the challenges of the globalization. Therefore, if the text Deuteronomy 5, 12-15 is a balance of the hegemonic elites of Judah that searches the balance between human being and nature (ecology), the ecological speech contemporary will be able to have in this text an important interlocutor.

This speech can occult economic interests, completely different; because it is about a dominator and not liberating strategy. The objective, over all, is for the social

maintenance.

In this in case that, Brazil and the other countries of Latin America have been suffering, for some time, because of this distance between the elite and the remaining portion of the society. Our elites uses the ecological speech to remain itself in the power of these societies. For example, we see in the reporters an amount of programs and news about the destruction of the nature. This is interesting, because, after having exactly destroyed the nature, they now pass to defend it; controlling the natural reserves, they guarantee its productivity and its status in the current economic system.

RESUMEN

Con este trabajo, visamos que sí perciba un tentativa de equilibrio entre el ser humano y la naturaleza en la zona agrícola de Judá, poco de el reinado de Josías (640-609 a.C.). Uno caso, ponemos preguntar: sería el mandamiento de Deuteronomio 5,12-15 un discurso ecológico?

Haja vista los estudios de Frank Crüsemann y Haroldo Reimer admitimos que parte de las leyes del Antiguo Testamento tenían un destino al grupo llamado pueblo de la tierra de Judá que querían su mantenimiento en el poder. Este grupo han asumido el liderazgo en Judá por medio de un golpe político, desde entonces, han articulado una política de alianza para su conservación en el poder, incluso no asumir directamente en el poder.

En el contexto de una política de alianzas hagan aplicado la pena de Deuteronomio 5,12-15. Elo fuera escrito por los ancianos, uno grupo que el pueblo de la tierra habría tenido una alianza a fin de que puedan comando penas legales para su alojamiento social.

En este caso, primariamente en la puerta de la ciudad, espacho oficial a acuerdos, la manera querellas, demandas y propuestas de intermediacies, deve ter ago deve ter sido el lugar del sentecias juridicas sobe utilizacion del tecnologias em la agricultura. Además, posteriormente lleva a tribunal el Templo para he passado pelas manos el sacerdotes – otro medio de la coallison.

El uso de animales grande, cuyo peso perjudicado las pequeñas propiedades de Judá, debe haber sido el motivo de incesantes conflictos entre los pequeños correo pequeñas y grandes propietarios de tierras. Sólo unos cuantos hombres de Judá podría tener acceso a estos animales.

Esta solución, a nuestro entender, obliga a la máquina de colada de las culturas al resto de la correspondiente esfera a lo pueblo de la tierra de Judá. Obliga el tiermo sábado, con la vida de la élite judía agrícola del período del reiando de Josias. Una salida a las elites de Judá, en la que nos lleva a reflexionar en una situación similar entre los de América Latina, por delante de la globalización. Sí el texto de Deuteronomio 5, 12-15 es una ponderacion de las elites hegemónicas de Judá que busca el equilibrio entre el ser humano y la naturaleza (ecología), el discurso contemporáneo ecológica será capaz de tener en este texto uno importante interlocutor. Este discurso puede ocultar los intereses económicos,

completamente diferente, porque se trata de una estrategia dominadora, y no la liberación, el objetivo, sobre todo, es para el mantenimiento sociales.

El Brasil y los demás países de América Latina han venido sufriendo, desde hace algún tiempo, debido a esta distancia entre la elite y el resto de la sociedad. Nuestras élites utiliza el discurso ecológico para permanecer en el poder de estas sociedades. Por ejemplo, podemos ver a los reporteros en una cantidad de programas y noticias acerca de la destrucción de la naturaleza. Esto es interesante, porque, precisamente, después de haber destruido la naturaleza, que ahora pasa a defenderla; control de las reservas naturales, que garantice su productividad y su situación en el sistema económico actual

Introdução

Existe uma ecologia das idéias danosas, assim como existe uma ecologia das ervas daninhas.
Gregory Bateson

Cada dia mais, manchetes com temas ligados à denúncia das condições ecológicas do Brasil e dos países subdesenvolvidos ganham a cena na mídia. Nos últimos anos, tornaram-se comuns entre os meios de comunicação flashes do tipo “Queimadas devastam o pulmão do Mundo!”, “Marcha de óleo destrói o Golfo Pérsico” ou ainda “CO2 aumenta o rombo na camada de Ozônio terrestre”.¹

Tendo em vista a quantidade de informações difundidas nos meios de comunicação sobre a temática, podemos perguntar como pano de fundo para reflexão bíblico-teológica: quais são os interesses por trás desse bombardeio diário de notícias? Insistindo mais a fundo na questão, a pesquisa considera quais seriam as vontades por trás desses discursos, imagens e ditos utilizados pelos aparelhos de comunicação ao eleger tais noticiários entre os tantos acontecimentos do dia-a-dia? Não que os danos na natureza com o aprofundamento do neoliberalismo não tenham sua importância. Contudo, a ênfase que os meios de comunicação dão ao tema, vem deixando claro alguns detalhes dos tempos atuais, de descrédito do Estado e das instituições regionais – sobre a política econômica falar-se-á daqui a pouco.

Os ramos da comunicação vêm produzindo um processo de crítica e denúncia à destruição e devastação das fontes naturais, que é muito relevante. Entretanto, dois dados devem ser destacados mediante as numerosas manchetes.² O primeiro é em relação à quantidade de textos, imagens e de discursos que vêm povoando a sociedade latino-americana desde então. Tal “bombardeio” é contínuo e aparenta aumentar a cada dia, e

¹ Como podemos ver o destaque dados nas revistas de maior saída na mídia brasileira, como: *Veja*, *Época* e a *Isto é*. Numa pesquisa rápida, se percebe que entre elas, pelo menos uma vez por mês, destacam temas ligados a destruição e devastação da flora e da fauna terrestre. Quem faz essa denúncia da instrumentalização de temas ecológicos na mídia são autores como: François Chesnais e Claude Serfati, “‘Ecologia’ e as condições físicas da reprodução social - alguns fios condutores marxistas”.

² A questão do interesse da população dos centros urbanos tem como aspecto mais amplo que pode ser indicado com a crescente das Organizações Não-Governamentais (ONG's). Muito embora, a questão do aparecimento das ONG's não só se fundamenta nos grandes centros, mas, sobretudo nelas se vê uma tentativa de alienação e de paliativo nas reformas e transformações sociais necessárias nos solos da América Latina, cf. para isso Sandra Regina Zarpelon, *A Esquerda não Socialista e o Novo Socialismo Utopico: aproximações entre a utilização das ONGs e o corporativismo da CUT*, p.6-30.

percebe-se até um aprimoramento daquilo que é produzido sobre o tema – não só pensando nos textos cursivos, mas também, uma melhora no uso de imagens e vídeos.³

Vale dizer que as telas de televisão das casas dia-a-dia são invadidas pelas cenas de destruição, horror e queimadas. Indicam alguns críticos do neoliberalismo, como o professor François Chesnais⁴, num mundo globalizado, que determinadas temáticas, e sua exploração nos meios de comunicação, servem para embasar o sistema e articular o modo de agir das instituições e das classes hegemônicas. Pensando nisso, o que parece - mesmo nos meios da ciência bíblica - não validar a temática ecológica pelo modo corriqueiro, citando devastação e destruição das fontes naturais, tornou-se uma espécie de anátema na dinâmica social de hoje, sendo quase um crime não se enquadrar nesses padrões.⁵

Aquilo que era, no início dos anos oitenta, nos países subdesenvolvidos, era um movimento gradual de conscientização da população dos grandes centros urbanos no Brasil e na América Latina, em pouco tempo ganhou *status*, passando a redefinir ponderações sobre a questão do clima com as reservas naturais terrestres. Esse despertar da consciência ecológica nos grandes centros, desde seu início, pode ser mensurado. Embora fosse uma temática antiga, esta só se consolidou após a derrocada da ditadura militar no Brasil, isto é, com o processo que ocorreu de destituição gradativa dos regimes militares na América Latina. Desde então, temas como esse ganharam coro nas aspirações dos intelectuais.

No caso da temática teológica, se destacam as abordagens dadas por Jürgen Moltmann⁶ e mais recentemente por Leonardo Boff⁷ sobre a ecologia. Esta abordagem vem despertando, desde a queda dos regimes militares na América Latina, o interesse das elites desses países ditos em “desenvolvimento”.⁸

³ Cf. Chesnais e Claude Serfati, “‘Ecologia’ e as condições físicas da reprodução social - alguns fios condutores marxistas”.

⁴ Cf. François Chesnais, *A Mundilização Financeira, gênese, custos e riscos*, p.49-67. O modo corriqueiro para a ciência bíblica, disso no parágrafo, pode ser visto no trabalho de mestrado, Rodrigo Freitas Palma, *Elementos de Direito Ambiental na Bíblia Hebraica*, p.16-35. Nesse trabalho, o autor indica o assentamento das idéias ecológicas na sociedade de hoje, sobre o prisma do direito ambiental. Para algumas sutilezas, cf. Rodrigo Freitas Palma, “O Direito na Antiguidade Oriental”, *Revista Jurídica do Cesut*, v.1, n.1, p.165-170.

⁵ Vale a pena nesse caso lembrar o papel para as elites da utilização dos intelectuais, eles que ajustam e cultura por meio dos discursos e dos símbolos, cf. Antonio Gramsci, *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*, p.21-48.

⁶ Cf. Jürgen Moltmann, *Doutrina Ecológica da Criação: o Deus na criação*, p.9-32.

⁷ Cf. Leonardo Boff, *Ética da vida*.

⁸ Pois bem, nesse caso se pode falar também do grupo chamado de G21, isto é, dos países em desenvolvimento – antigo terceiro mundo. Neles, se suspeita que os regimes ditatoriais tidos na

“Engajamento esse elitista percebido, por exemplo, na matéria destacada no informe jornalístico abaixo: O relatório anual do Governo Brasileiro sobre a devastação da maior floresta do mundo mostrou que o caminhar da destruição permanece contínuo, mesmo com crescimento da fiscalização sobre as áreas de risco. As taxas de devastação entre 1998 e 1999 mostram que a situação não está piorando. A Amazônia brasileira, que sozinha é maior que o Leste europeu, perdeu 16.926 km² de florestas no ano passado, conforme atestam as imagens de satélite (...) A extensão real da destruição da floresta tropical é mostrada através de uma reportagem (...) a qual põe em dúvida o relatório oficial do governo brasileiro sobre a destruição da floresta tropical. Segundo a mesma, o tamanho dos problemas causados na floresta na Amazônia é duas vezes maior do que as estimativas sugeridas pelo relatório, dizem os pesquisadores.”⁹

Hoje, o discurso das elites econômicas externadas pelos noticiários tem um importante papel na consolidação da agenda ecológica. Mas, ressalta-se que essa vontade pode estar ocasionada uma desvalorização das instituições governamentais, entre outras, as que coisas cuidam, por exemplo, da floresta amazônica. Da forma como se fomentou na reportagem acima, junto ao tema da devastação na Amazônia, vêm se indicando o despreparo do estado brasileiro ante aos problemas da floresta. A reportagem (como tantas outras que circulam os noticiários dia-a-dia), nos ajuda a compreender as articulações dos grupos hegemônicos neoliberais na busca de desacreditar os Estados nacionais.¹⁰

Sendo assim, a agenda ecológica será vista sob outro prisma. Não se destaca apenas a preservação da natureza como condição fundamental para preservação do ser humano, mas integramos a esta idéia o uso da agenda ecológica pelas elites locais e mundiais como busca da manutenção da matéria prima do sistema neoliberal e da globalização.¹¹

América Latina, no fim do século passado, encobriam suas devastações, nas estimativas e no que tange as degradações da natureza promovidas em sua gestão. Para isso, cf. Sandra Regina Zarpelon, *A Esquerda não Socialista e o Novo Socialismo Utópico: aproximações entre a utilização das ONGs e o corporativismo da CUT*, p.33-42.

⁹ Vide a página, www.blogger.com/feeds/2236264608932612392/posts/default.

¹⁰ Cf. os trabalhos que vem se multiplicando sobre o papel das mídias na formação e na manutenção da estrutura social brasileira. Para esse detalhe se destacou o trabalho de Vanderlei Souza Carvalho, *Imprensa e o Neoliberalismo do Brasil (1995-1998): o posicionamento da Revista Veja no primeiro governo FHC*, p.13-23. Quando liga o papel da imprensa com o desenvolvimento e fortalecimento da ideologia neoliberal no Brasil, no governo de Fernando Henrique Cardoso. E, sobre o fortalecimento das mídias e seu entrelaçar com o projeto neoliberal e globalizante, cf. François Chesnais e Claude Serfati, “‘Ecologia’ e as condições físicas da reprodução social”.

¹¹ Sobre isso, mas ao seu tempo, Karl Marx admite o interesse das elites para com a natureza, como instrumento da produção, texto *O Capital – livro I*, cf. o capítulo 25, parágrafo 2.

Os incentivadores de tal proposta no Brasil seriam os próprios agentes da imprensa e dos meios de comunicação¹². Sobre eles, Vanderley Souza Carvalho chega a tomar a citação de Mino Carta¹³, quando generaliza o papel da imprensa nos temas eleitos por ela, frente á sociedade:

“Reparem: a nossa imprensa serve para o poder por que a integra compactamente, mesmo quando, no dia-a-dia, toma posições contra o governo ou contra um grupo poderoso. As conveniências de todos aqueles que tem o direito a assento à mesa do poder entrelaçam-se indissolavelmente.”

Por fim, antes de relacionarmos essas discussões com o enredo bíblico tido em Deuteronômio 5,12-15, declaramos entender que o fim deste fragmento bíblico é um certo balanceamento entre homem e natureza em Judá. Destacamos, por tudo, que neste pleito não se pretende discutir ecologia, nem apresentar dados estatísticos sobre o assunto. Falta-nos especialização para tanto. Mesmo assim, a atual pesquisa pondera que, ao ler Deuteronômio 5,12-15, será possível questionar algumas formulações (discursivas) ecológicas tidas no mundo globalizado.¹⁴

Até por que, no discurso das mídias sobre o tema, muito pouco se escreve sobre a relação do discurso ecológico com os grupos sociais envolvidos na produção, o material e sobre o braço da produção¹⁵ – como fazem François Chesnais e Claude Serfati abaixo:

“por detrás de palavras como 'ecologia' e 'meio-ambiente' ou ainda, nas expressões 'questões ecológicas' e 'questões ambientais' encontra-se nada menos, do que a perenidade das condições de reprodução social, de certas classes, de certos povos e, até mesmo, de certos países”¹⁶

¹² Vanderlei Souza Carvalho, *Imprensa e o Neoliberalismo do Brasil (1995-1998): o posicionamento da Revista Veja no primeiro governo FHC*, p.1.

¹³ Mino Carta, Castelo de âmbar, citado em, *op. cit.*, p.1.

¹⁴ Nesse sentido compreendemos que uma parcela (ou braço) poderia estar supervalorizando determinado assunto e aspecto, tal como, destacam os teóricos de vínculos críticos ao neoliberalismo e da globalização, Ciro Flamarion Siqueira Cardoso, "Epistemologia pós-moderna, texto, conhecimento: a visão de um historiador", *Revista Diálogos*, v.3, n.3, p.1-13, François Chernais, *A Mundialização do Capital*, Michael Löwy, "De Marx ao ecossocialismo", *Pós-Neoliberalismo II - Que estado para que democracia?*, p.90-107, James O'Connor, "Essai sur marxisme et écologie", *Quatrième Internationale*, n°44, e por fim, Pierre Bourdieu e Loïc Wacquant, "Sobre as artimanhas da razão imperialista", *Estudos Afro-Asiáticos*, n° 1, ano 24, n° 1, p. 15-33.

¹⁵ Tal como Antonio Gramsci analisa o processo de composição de uma elite fascista na Itália e acredita que os temas e os assuntos são ponderados pelos intelectuais. Cf. *Concepção Dialética da História*. O próprio Karl Marx no texto *O Capital – livro I* ajusta o enredo da natureza com as sandices da produção e do acumula de material, cf. o capítulo 25, parágrafo 4.

¹⁶ Cf. o artigo em conjunto dos especialistas em economia política François Chesnais e Claude Serfati, "‘Ecologia’ e as condições físicas da reprodução social". O mesmo fragmento fora citado por Nancy Cardoso Pereira, "Meu povo será como árvore. Florestas, trabalho e ídolos em Isaías 44", em José

Sendo assim, nesse trabalho destacamos outra forma de encarar o pensamento ecológico. O ponto do entrelaçamento da natureza com o humano será aprofundado pela via sócio-econômica, sobretudo a iniciada por Karl Marx. Em especial, quando ele faz indicações sobre o papel dos recursos naturais utilizados pelo liberalismo econômico diante do processo de industrialização do continente europeu.

Isso motivou a escolha de Deuteronômio 5,12-15: nenhum outro mandamento tem relações tão próximas com a agenda ecológica atual. Como o teólogo Pedro Kramer¹⁷ destaca, nesse fragmento toda a criação de Deus celebra quando se coloca num mesmo ensino judaíta: filhos e filhas, mulheres, escravos e escravas, bois, jumentos, animais, estrangeiros, órfãos e viúvas.

Além disso, Deuteronômio 5,12-15, é um texto especial em relação a Deuteronômio. Diferente do resto do livro, o texto, trata dos bois, jumentos e animais de porte, assim reatando o sentenciado no livro de Êxodo. Agora, um detalhe é interessante nas palavras legais de Deuteronômio, elas não devem ter sido formadas na população marginalizada de Judá, mas sim, dos seus membros hegemônicos, conforme Frank Crüsemann¹⁸ deixa claro.

Sintomaticamente, Deuteronômio 5,12-15 seria um discurso das elites do povo bíblico sobre a forma em que poderia se localizar socialmente o homem e a natureza (o meio de produção). Tematicamente, aparenta ser a mesma discussão feita hoje sobre o discurso ecológico levado ao cenário mundial, através do qual as elites mundiais tratam do balanceamento entre a industrialização e a conservação do meio ambiente.

Assim, munidos com a interpretação bíblica latino-americana, faremos a leitura crítica do texto bíblico de Deuteronômio 5,12-15 para que, através dela, se perceba a realidade vivida em nossos tempos de neoliberalismo, globalização e pós-modernidade.¹⁹ De certa

Ademar Kaefer e Haidi Jarschel (org.), *Dimensões sociais da fé do Antigo Israel. Uma homenagem a Milton Schwantes*, p.101-120.

¹⁷ Cf. Pedro Kramer, *Origem e Legislação de Deuteronômio: um projeto de uma sociedade sem pobres nem excluídos*, p.291-315.

¹⁸ Assim, Frank Crüsemann, *Preservação da Liberdade: o decálogo numa perspectiva histórico-social*, e, o seu último livro traduzido para o português, *A Tora: teologia e história social da lei do Antigo Testamento*.

¹⁹ Nesse caso, a vale a lógica da leitura bíblica politicamente engajada tida na América Latina, para isso, cf. Carlos Mestres, “Como se faz Teologia Bíblica hoje no Brasil”, *Estudos Bíblicos*, n.1, p.7-19, e da pastoral bíblica luterana, Milton Schwantes, *Sofrimento e esperança no exílio. História e Teologia do povo de Deus no século ViaC*, p.10-17.

forma, buscamos denunciar aquilo que se vê articulado pelos meios de comunicação através de reportagens, imagens e vídeos.

Destacamos que não se questiona que a floresta Amazônica vem sendo devastada. Mas, nesta pesquisa, o que estamos evocando é o interesse posto do outro lado dessa afirmação. Dessa forma discutiremos: qual é o interesse em se destacar tanto isso?

Para isso, a “lente” da exegese bíblica latino-americana será válida para ajudar a indicar as estratégias dos grupos hegemônicos em reforçar tanto este detalhe. Por meio de textos como de Deuteronômio 5,12-15, se poderá perceber como grupos hegemônicos constroem discursos para sua reprodução social. No detalhe, utilizaremos a datação de Norbert Lohfink²⁰, no tempo de Josias para um decálogo original. Da mesma forma, com essa reflexão, buscaremos aprofundar um pouco mais as discussões bíblico-sociológicas encenadas por Frank Crüsemann²¹ sobre as leis bíblicas.

Para tanto, didaticamente dividimos o trabalho exegético em quatro capítulos.²² No primeiro capítulo, será apresentado um histórico da pesquisa do livro de Deuteronômio, do decálogo de Deuteronômio 5, do sábado tido em Deuteronômio 5 desde o início da crítica bíblica, até as exegeses latino-americanas radicadas na leitura sociológica. No segundo capítulo, se conduzirá uma proposta de tradução bíblica, junto às questões ligadas a forma do texto de Deuteronômio 5,12-15. Junto a esse capítulo, visa-se discutir o possível vínculo do fragmento com o decálogo, com o livro de Deuteronômio. No terceiro capítulo, iremos pontuar o momento histórico do texto, e sua consumação social. Por fim, após a busca de uma tradução literal de Deuteronômio 5,12-15, da tentativa de se compreender a forma e a distribuição do texto, se fará à concatenação dele com o momento em que foi construído socialmente. Todos esses elementos serão utilizados para compreender suas palavras diante

²⁰ Cf. Norbert Lohfink, “Zur Dekalogfassung von Dt 5”, p.17-32.

²¹ Cf. Frank Crüsemann, *Preservação da Liberdade: o decálogo numa perspectiva histórico-social*, e, o seu último livro traduzido para o português, *A Tora: teologia e história social da lei do Antigo Testamento*.

²² Assim, os passos exegéticos que aqui utilizados, foram retirados de Milton Schwantes, “A Cidade da Justiça: estudo exegético de Is 1.21-28”, *Estudos Bíblicos*, p.5-48, o molde dessa pesquisa fora aprofundado nas teses e dissertações de Bíblia e de exegese dos alunos da Universidade Metodista de São Paulo. Exemplos disso são os trabalhos, Elcio Sant’Anna, *Criação e Recriações cosmogônicas em Isaías 51,9-11. Um estudo do uso do mito cosmogônico pelo Deutero-Isaías para o entendimento da comunidade dos cativos judaítas em Babilônia*, e por Marcelo Moura da Silva, *Malaquias, mensageiro da justiça: um estudo a partir do quarto oráculo (2,1-3,5)*. Agora, didaticamente, os passos dessa exegese histórico-social pode ser encontrado em Flavio Schmidt, “Hermenêutica bíblica”, em José Ademar Kaefer e Haidi Jarschel (org.), *Dimensões sociais da fé do Antigo Israel. Uma homenagem a Milton Schwantes*, p.427-432.

de sua sociedade e de sua história. Ou seja: no último capítulo da exegese bíblica, vamos observar o texto diante de seu contexto, para que se compreenda sua instituição nos tempos de Josias²³, no pré-exílio.

O fio dessa discussão exegética será, o ponto do texto de Deuteronômio 5,12-15, para com ele se perceba nitidamente seu *flash* ecológico. Enfim, pela pesquisa bíblica ligada a ótica sócio-econômica, vislumbraremos os perigos e as estratégias em nosso tempo de quando se usa a palavra ecologia.

O facilitador nesse processo hermenêutico de “abrir olhos” como se vem dizendo, é o discurso bíblico de Deuteronômio 5,12-15. Ele, que tendo em vista a sua formação elitista-hegemônica no judaísmo antigo, se pode indicar como e o porquê as elites brasileiras e as dos países desenvolvidos vêm buscando desacreditar a preservação ecológica levada pelo governo nacional. Sobre isso, no caso das elites brasileiras e mundiais, Karl Marx²⁴, admite que para elas é importante a manutenção das reservas ecológicas a fim de que preservem sua produção e lucro, tendo como o fim, sua manutenção na reprodução social – uma vez que estão economicamente solidificados em suas sociedades.

Da mesma forma, passamos aos capítulos dessa dissertação, sendo que primeiro se percorrerá um breve histórico da forma em que o texto de Deuteronômio 5,12-15, e, sua altivez, se encarou na pesquisa bíblica de ontem e de hoje.

²³ O próprio Norbert Lohfink acredita nessa ponderação, dizendo que antes do texto consolidado no exílio babilônico, deveria haver um decálogo original, “Zur Dekalogfassung von Dt 5”, p.17-32, e ainda, cf. Eric Zenger, “O tema da ‘saída do Egito’ e a origem do Pentateuco”, em Albert de Pury (org.), *O Pentateuco em Questão – as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes*, p. 247.

²⁴ Cf. Karl Marx, *O Capital*, livro I, última secção do capítulo 15.

Capítulo I: História da pesquisa de Deuteronômio, em especial Deuteronômio 5,12-15: propostas, enquadramentos e histórico

“A investigação científica não termina com os seus dados; ela se inicia com eles. O produto final da ciência é uma teoria ou hipótese de trabalho e não os assim chamados fatos”

Rubem Alves, *Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e a suas regras*, p.31.

Na descrição de Rubem Alves, há indicação do que se espera quando se buscam as questões trazidas pelos estudiosos da literatura de Deuteronômio. Por tudo, novamente como ele mesmo norteia, um dado da construção científica é valorizar o que se estabilizou como senso comum do debate científico.

No presente capítulo, buscamos reconhecer os dados científicos que estão na órbita da pesquisa do livro de Deuteronômio. Nesse eixo se apresentará certo senso comum sobre o decálogo, e passando pelo seu histórico, tocando o fragmento de Deuteronômio 5,12-15, pertencente a ele, isto é, se busca a tônica da pesquisa sobre esse micro-sistema (Deuteronômio 5,12-15). Assim, partindo do macro (Deuteronômio) para o micro caminharemos assumindo os pontos que a linha histórico-social nos fornece frente o livro de Deuteronômio.

Não buscamos, nesse trilhar, a unilateralidade quanto à nacionalidade e suas intenções, pois a bibliografia bíblica da América Latina se faz influenciar a todo o momento (e influencia) a pesquisa mundial. Mas também, não se pode negar a importância da pesquisa internacional, como: a literatura produzida nos países da América do Norte, os resultados das pesquisas geradas na Europa, ou ainda, esquecer a contribuição da pesquisa do sábado bíblico feito pelo teólogo indiano Gnana Robinson²⁵. Mesmo assumindo que sua tese tenha vínculos com o Oriente Antigo, é visível a influência dos teóricos alemães em seu trabalho, tanto que sua tese de doutoramento fora defendida na Universidade de Hamburgo.

²⁵ Gnana Robinson, *The Origin and Development of the Old Testament Sabbath: a comprehensive Exegetical Approach*, Beitrage zur biblischen Exegese und Theologie 21, cf. *apud* Frank Crüsemann, *A Torá: teologia e historia social da lei do Antigo Testamento*, p.222-223.

Agora, novamente, citando Rubem Alves, quando entende que se conhece “a partir do que já conhecemos” se torna relevante passar pela dezena de livros e de obras sobre o texto de Deuteronômio 5,12-15. Assim, a partir do que se concebe, se pode reconhecer as bases, e quiçá, os recursos julgados pertinentes à pesquisa. Pedro Demo indica que “não sabemos interpretar sem ponto de partida”²⁶, no caso, cabe ao início da dissertação o reconhecimento, mesmo de forma resumida e sem muita ampliação, de como se encontra a pesquisa de Deuteronômio 5,12-15.

O presente capítulo reconhece a bibliografia a partir da crítica bíblica européia. Com isso, evidenciamos a fixação dessas pesquisas, para que se possa entender o processo de composição e de desenvolvimento da leitura bíblica do livro de Deuteronômio. Este reconhecimento aponta para o decálogo, em especial para seu terceiro mandamento, já que a dissertação o foca.²⁷

Saindo das origens do estudo científico de Bíblia, localizado praticamente no centro da Europa protestante (humanista), e tendo como base o processo acadêmico de orientação (e discipulado), busca-se certa árvore genealógica do processo acadêmico de orientação e continuação das linhas teóricas. Nesse caso, para que se chegue aos estudiosos da América Latina, se passará primeiro pelos professores ligados aos centros da crítica bíblica da Alemanha, dos EUA, e da Itália.

Visamos construir um capítulo que mostre o desenvolvimento das pesquisas sobre o livro de Deuteronômio e do sábado tido em seu capítulo 5. Enfim, a pesquisa parte da pesquisa dos pais da Igreja, chegando às discussões envolvidas na Teologia da Libertação, hoje, na América Latina.

1.1.Motivações para leitura e o reconhecimento de seus intérpretes

²⁶ Cf. Pedro Demo, *Conhecimento Moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento*, 1997, p.22. Ainda, sobre as discussões científicas, e a relação ética com o ser humano e o saber, cf. Humberto Maturana e Francisco Varela, *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*, p.219.

²⁷ Como fazem sobre a pesquisa do Pentateuco, Albert de Pury e Thomas Romer, “O Pentateuco em questão: posição do problema e breve historia da pesquisa”, em Albert de Pury (org.), *O Pentateuco em questão: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia*, p.11-87, e, também, como o fez mais recentemente em português (sobre o Pentateuco), Jean Louis Ska, *Introdução á leitura do Pentateuco: chaves para a interpretação dos cinco primeiros livros da Bíblia*.

Historicamente, nem sempre encontramos estudiosos interessados no livro de Deuteronômio. Acreditamos, sobretudo, que as tentativas de leitura podem (e devem) ser articuladas em momentos historicamente constituídos. Por trás de toda leitura bíblica está um sujeito historicamente localizado, diante de uma sociedade e de um patrimônio sócio-cultural, a interpretar o livro.²⁸

Destacamos, no caso, que alguns comentários bíblicos de Deuteronômio surgiram no meio do século passado em meio ao totalitarismo do nazismo. Naquele momento surgiram interpretações radicais do livro, baseadas, sobretudo, na relação entre o livro e a fortificação de Judá durante o reinado de Josias.²⁹ Assim, percebemos a existência de um entrelaçamento entre a sociedade produtora dos comentários, suas temáticas, e a escolha de um texto bíblico. Quase que ironicamente, Frank Crüsemann³⁰ pergunta por que não teria havido um ressurgimento interpretativo em Israel nessa mesma época, já que tais discussões se tornaram comuns na Alemanha diante do nazismo nos círculos acadêmicos e eclesiásticos.

Sem dúvida, a dinâmica da sociedade leva intérpretes à necessidade de responder a ela através de suas reflexões. Ela mesma traz à tona posicionamentos frente ao que é vivido³¹. Por isso, compreendemos a relevância de se perceber o entrelaçamento entre os momentos histórico-culturais e suas interpretações das temáticas e livros bíblicos. Passamos então à leitura feita nos países do primeiro mundo, frente ao livro de Deuteronômio.

1.2. Deuteronômio e o decálogo no cânon

²⁸ Sobre a questão do intérprete e sua localização social, cf. Ciro Flamarion Siqueira Cardoso, “Historia do poder, história política”, *Estudos Ibero-Americanos*, v.23, n°1, p.9-32. Agora, especificamente, sobre a questão específica da interpretação, cf. Umberto Eco, *Interpretação e superinterpretação*, p.43-51.

²⁹ Frank Crüsemann destaca isso, quando introduz o seu Código Deuteronômico (Deuteronômio 12-26), cf. *A Torá: teologia e história social da lei no Antigo Testamento*, 2002, p.283-284.

³⁰ Op. cit., p.284. Croatto num trabalho, no qual, discute a relação do texto sagrado e suas apreensões nos tempos atuais, vide: Jose Severino Croatto, *Hemeneutica Bíblica: para uma teoria de la lectura como producción de sentido*, Haroldo Reimer e Ivoni Richter Reimer, *Tempos de Graça: o jubileu e as tradições jubilares na Bíblia*, p.11-17, Carlos Mesters, *Por trás das Palavras*, 1984.

³¹ Nisso é importante de se nota o trabalho dos historiadores, principalmente a linha de história comparada, cf. para isso, Marc Bloch, *Apologie pour L'Historie*, p. 13-49.

O livro de Deuteronômio vem sendo re-descoberto constantemente no Ocidente. Para o judaísmo, ele é o quinto livro de Moisés, o texto escolhido para encerrar o Pentateuco (*Tora*), conhecido por *debarim*. Ele foi designado Deuteronômio por conta da tradução da Vulgata e da Septuaginta em seu capítulo 17,18, quando se refere a ele como uma “cópia dessa Tora”, que a Septuaginta interpretou como a “Segunda Lei”.³²

O conceito de decálogo, ou seja, Dez Mandamentos, advém da primeira tradução do texto hebraico, feita na Septuaginta (LXX). Ela deve ter sido associada ao termo *aséret hadebarim*, em hebraico “dez palavras” e ao termo grego *dekalogos*, descrito basicamente em Êxodo 34, 28 e Deuteronômio 4,13. Segundo conta a pesquisa de Felix Garcia Lopez³³, o termo *dekalogos* fora primeiro usado por Irineu e Clemente de Alexandria. Carlos Mesters não se furta ao dizer que “Foi Santo Agostinho (345-430) quem tornou importante sua pregação na catequese da Igreja”³⁴. A partir dele, então, começou-se a se trazer sobre tal parênese o valor de síntese para as respostas mais corriqueiras do dia-a-dia.

A vontade das sínteses do Antigo Testamento pode ser percebida basicamente pelas dificuldades das primeiras comunidades religiosas de cristãos ao lidar com o volume do Antigo Testamento. Os decálogos éticos de Êxodo (no capítulo 20) e de Deuteronômio (no capítulo 5) foram uma solução de síntese para tais comunidades frente à dificuldade de ler e interpretar o Antigo Testamento.³⁵

Nesse mesmo momento (das primeiras leituras cristãs), se percebeu que havia dois decálogos, não apenas um. Esse ponto foi o início das discussões sobre a literatura, chegando a colocar o decálogo de Êxodo como que escrito antes do de Deuteronômio. Contudo, muito pouco se questionou sobre a figura de Moisés nos primeiros tempos da

³² Essas transliterações e ponderações foram retiradas do capítulo da introdução do livro de Deuteronômio de George Braulik, “O livro de Deuteronômio”, encontrado na *Introdução ao Antigo Testamento* organizada por Erich Zenger, p.97.

³³ Felix Garcia Lopez, *O Decálogo*, p.22. Nesse caso das transliterações para o português se utilizou, no caso dessas palavras ligadas aos Dez Mandamentos, sua forma encontrada, neste texto de Felix Garcia Lopez. Agora, para o caso das transliterações encontradas frente ao próprio texto de Deuteronômio 5,12-15, se utilizará a formato tido em Page H. Kelley, *Hebraico Bíblico: uma gramática introdutória*, p.17-32.

³⁴ Carlos Mesters, “O Decálogo: palavras de uma aliança”, *Estudos Bíblicos*, nº9, p.11.

³⁵ No texto, o autor aprofunda nas primeiras páginas do artigo a dificuldade de interpretação com o Antigo Testamento, e os primeiros intérpretes cristãos, para isso, cf. Fabio Py Murta de Almeida, “Animais de Porte como chave para Deuteronômio 5,12-15”, *Revista de Ciências da Religião da Universidade Lusófona de Lisboa*, 2008.

igreja cristã.³⁶ Esse detalhe durou até o advento do humanismo, com toda sua crítica racionalista, a qual debulhara a figura de Moisés, trazendo novo fôlego à pesquisa do decálogo e de Deuterônômio.

1.3. Wilhelm M. L. de Wette e os inícios da crítica do Pentateuco

Mesmo antes da época dos Pais da Igreja, os decálogos já despertavam curiosidades. Questões do tipo: qual é o original, e qual deles é a cópia, instigavam seus intérpretes.³⁷

Em 1805 esse quadro começa a se transformar quando o teólogo alemão Wilhelm M. L. de Wette³⁸ sugere o elo de Deuterônômio com o reinado de Josias. Wilhelm M. L. de Wette, no entremeio da hipótese documentária do Pentateuco, inicia a derrocada da figura de Moisés frente aos críticos. Para isso, Wilhelm M. L. de Wette aponta elos temáticos e lingüísticos entre o enredo principal de Deuterônômio, isto é, Deuterônômio 12-26 (chamado por ele de Proto-Deuterônômio) com o relato de 2Reis 22. Ambos respondiam às perspectivas do reinado e da reforma de Josias no ano de 621a.C.³⁹

Para ele, tanto o livro de Deuterônômio quanto seu decálogo teriam sido supostamente descobertos no Templo de Jerusalém ante a reforma de Josias, sendo parte da propaganda de seu reinado.⁴⁰

A proposta Wilhelm M. L. de Wette foi tão incisiva que abalara o eixo das pesquisas sobre a literatura do Pentateuco que, por ele, começa a ser chamado de Tetrateuco. Chega a influenciar o famoso estudioso reformado, Johan Gottfried Eichhorn, antigo defensor da autoria mosaica sobre os cinco primeiros livros do Antigo Testamento, revendo suas propostas pela pesquisa de Wilhelm M. L. de Wette⁴¹.

³⁶ Para isso vide a dissertação de mestrado de Cleodon Amaral de Lima, *A proibição de se fabricar ídolos: um estudo exegético de Êxodo 20,1-6 e de Deuterônômio 5,5-10*, p.15.

³⁷ Carlos Mesters, "O Decálogo: palavras de uma aliança", p.11.

³⁸ Essa proposta dele fora costurada em sua tese de doutoramento, para cf. Airton Jose da Silva, "O contexto da obra historiográfica deuteronomista", *Estudos Bíblicos*, nº88, p.18.

³⁹ Op. cit.

⁴⁰ Agora para ampliação dos estudos de Wette cf. sua: "Contribuições para uma introdução ao Antigo Testamento", *appud*, Airton Jose da Silva, "O contexto da obra historiográfica deuteronomista", p.18.

⁴¹ Cf. para Johan Gottfried Eichhorn, sua *Introdução ao Antigo Testamento: volume I*. Sobre as primeiras pesquisas, a descrição sobre as críticas bíblicas do Antigo Testamento será utilizado aqui a abordagem do prof. do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, Jean Louis Ska, *Introdução à leitura do Pentateuco*, p.117, contudo, nesse devir histórico, pode-se por momentos a pesquisa utilizar a obra dos estudiosos,

Agora, de acordo com as apreensões de Wilhelm M. L. de Wette, o decálogo e seu terceiro mandamento passam a ser filhos da reforma de Josias, frutos de sua política pública sócio-cultural.

1.4. A pesquisa Julius Wellhausen

Segundo Jean Louis Ska⁴², depois de Wilhelm M. L. de Wette e pouco antes de Julius Wellhausen, em 1854, Ernst Riehm solidifica a separação do livro de Deuteronômio do restante do Pentateuco, colocando-o definitivamente como fonte independente. Ernst Riehm é um dos que permite o desenvolvimento das propostas feitas por Julius Wellhausen sobre a literatura de Deuteronômio, datando a fonte deuteronômica e, posteriormente, as fontes javista e eloísta (jeovista).⁴³

Aprofundando a pesquisa bíblica, chegamos ao nome de Julius Wellhausen⁴⁴ e, com ele, à hipótese documental clássica do início do século XX. Sobre a pessoa de Julius Wellhausen, um detalhe não pode deixar de ser registrado: ele era um apaixonado pela monarquia prussiana, responsável pela unificação alemã. Por essa razão, fundamentalmente estudara Davi e sua monarquia unificada, buscando relações entre a prussiana e a de Davi. Assim, ele começou seu estudo pelo livro de Samuel, chegando posteriormente aos livros do Pentateuco.⁴⁵

Todavia, Julius Wellhausen não gostava muito de Deuteronômio, por achar que a religião de Israel era legalista e altamente ritual. Assim, ele não dá muita atenção a este livro, pois para ele havia nas leis de Deuteronômio degradação e o descrédito do fim da monarquia de Judá, diferentemente dos textos dados a Davi e a seu pessoal.

Em relação ao decálogo e ao seu sábado, Julius Wellhausen mantém as propostas Wilhelm M. L. de Wette. Ele começa a chamar o livro de Deuteronômio da sigla D,

Albert de Pury e Thomas Romer, “O Pentateuco em questão: posição do problema e breve historia da pesquisa”, p.11-87.

⁴² Jean Louis Ska, *Introdução à leitura do Pentateuco*, p.122.

⁴³ Sobre a relação de amor de Julius Wellhausen com a monarquia prussiana, cf. Jean Louis Ska, *Introdução a leitura do Pentateuco*, p.124.

⁴⁴ Vale a pena ler a contundência do texto de Julius Wellhausen, cf. *Prolegomena to the History of Israel*, agora para a vida, obras e os entremeio acadêmicos, é disponível em: <http://www.bautz/bbkl/w/elhausen.shtml>. Acessado em 02/06/2007.

⁴⁵ Sobre a relação a atenção de Julius Wellhausen com a monarquia prussiana, cf. Jean Louis Ska, *Introdução a leitura do Pentateuco*, p.124.

localizando-a por volta da reforma deuteronomica, em 622a.C. A idéia desta e de outras siglas era dar mais agilidade a escrita e a referência.⁴⁶

1.5. A literalidade liberal: A Klostermann

Praticamente no mesmo momento de Julius Wellhausen, próximo a virada do século XIX, enraizado numa hermenêutica literalista, aparece o estudioso A. Klostermann. Ele, ao interessar-se por Deuteronômio, afirma que nesse livro se alternam as leis junto a sua interpretação.⁴⁷ Para ele, o livro fora constituído pela pregação pública da lei dita do livro. Nesse caso, a hermenêutica literalista começa a dar condições para as afirmações posteriores dos anos das idéias nazistas, como Frank Crüsemann admite sobre os teóricos influenciados pelo romantismo alemão.⁴⁸

1.6. Uma revista na escola da Escandinávia

Entre a virada do século XIX e o início do século XX, surge uma outra corrente interpretativa da literatura do Antigo Testamento. É uma corrente crítica, que teve os estudos das fontes amplamente difundidos, localizando-os, muito bem em suas academias.

A proposta de Aage Bentzen, normalmente esquecida pela crítica, faz com que pesquisa do Antigo Testamento comece a se fazer integrar por teóricos fora da Alemanha, como esse especialista da Universidade de Copenhagem (Dinamarca)⁴⁹.

Ora, quem sabe a pesquisa alemã não fizera questão de esquecê-lo por conta de sua importante tese sobre o Deuteronômio? Sim, pois Aage Bentzen, em seu doutoramento, fora o primeiro a sugerir que as parênteses espalhadas no livro de Deuteronômio seriam fruto do assentamento de esboços de leis pregadas publicamente nos círculos do povo judaíta. No bojo dessas discussões, Bentzen liga o decálogo com a pregação dos ciclos levíticos, sendo apenas o terceiro mandamento composto posteriormente.

⁴⁶ Sobre o assentamento das propostas de Wellhausen e de suas relações em seu tempo, cf. Jose Luis Sicre Diaz, *Introdução ao Antigo Testamento*, p.87-90.

⁴⁷ Vide para isso Werner H. Schmidt, *Introdução ao Antigo Testamento*, p.126.

⁴⁸ Frank Crüsemann, *Der Widerstand gegen das Konigtum*, p.3-4.

⁴⁹ Cf. Aage Bentzen, *Introdução ao Antigo Testamento – volume I*, p.67-112.

Albert de Pury e Thomas Romer⁵⁰, e Jean Luis Ska⁵¹ não destacam Aage Bentzen em nenhuma parte de suas obras, quem o faz, é Werner H. Schmidt⁵². Os textos de Albert de Pury e Thomas Romer, e o Jean Luis Ska, quando tratam da história da pesquisa exegética, trazem consigo como percussor dessa corrente escandinava, apenas o nome do norueguês S. Mowinckel.

S. Mowinckel⁵³, de fato deu importante contribuição à pesquisa da literatura quando, pelas tradições orais, admitindo que as origens culturais de ambos os decálogos integravam a celebração do início do ano pré-monárquico, defendendo a proposta em 1927⁵⁴ Sua pesquisa coloca o sábado como instrumento momentâneo da celebração, da criação e da libertação do povo de Judá.

O trabalho de S. Mowinckel será uma das estantes teóricas articuladas na interpretação da futura “crítica da redação”. Da mesma forma, I. Engnell futuramente será re-compreendido por este grupo, aplicando tardiamente alguns resultados das propostas exegéticas sobre o Pentateuco. O trabalho de I. Engnell fundamenta as pesquisas atuais, indicando que o Pentateuco e o livro de Deuteronômio seriam fruto do pós-exílio, e suas tradições teriam se mantido oralmente até o momento oportuno do tempo persa.

Como se disse, a pesquisa de S. Mowinckel e de I. Engnell terá validade frente aos trabalhos que mensuram a crítica do cânon fechado, pesquisa essa, pormenorizada mais à frente nesse capítulo. Antes dela, passamos a pesquisa dos que questionam o início do texto bíblico. Só mais um detalhe sobre a crítica do cânon: seus estudiosos entraram em voga a partir dos Congressos de Metodologia Histórica⁵⁵, a partir de 1996.

1.6. As críticas das origens: (Aage Bentzen,) Martin Noth e Gerhard von Rad

Em paralelo a Aage Bentzen, começa-se a tocar com mais veemência nas críticas das origens e nas suas possíveis tradições bíblicas. Nesse caso, dois estudiosos alemães fizeram

⁵⁰ Albert de Pury e Thomas Romer, “O Pentateuco em questão”, p.52.

⁵¹ Jean Louis Ska, *Introdução à leitura do Pentateuco*, p.137.

⁵² Werner H. Schmidt, *Introdução a o Antigo Testamento*, p.126.

⁵³ Albert de Pury e Thomas Romer, “O Pentateuco em questão”, p.52, e ainda, Jean Louis Ska, *Introdução à leitura do Pentateuco*, p.137.

⁵⁴ Cf. S Mowinckel, *Le Décalogue*.

⁵⁵ Cf, para isso, Airton Jose da Silva, “A história de Israel e as pesquisas recentes”, p.23-64.

trabalhos expressivos com a literatura de Deuterônômio. São eles: Martin Noth⁵⁶ e Gerhard von Rad⁵⁷. Outro estudioso renomado desses tempos, o alemão Hermann Günkel⁵⁸, acaba se interessando mais pelos textos de Gênesis e por Salmos, pouco dizendo sobre o livro em questão.⁵⁹ Nos Estados Unidos, o pesquisador Albrecht Alt se enquadra nessa perspectiva, dando passos importantes no que tange à compreensão das leis vetero-testamentárias.

Na verdade, Gerhard von Rad re-edita a proposta de Deuterônômio feita antes por Aage Bentzen, quando liga as leis e as narrativas do livro com as recitações públicas, como diz Werner H. Schmidt.⁶⁰ Seu decálogo mantém o trabalho do professor de Copenhague. Ao mesmo tempo, no início do século XX, Martin Noth constitui o Deuterônômio como uma grande introdução à Obra Historiográfica Deuteronomista (OHD), remontando o livro ao fim da monarquia (principalmente Deuterônômio 12-26), e à aplicação de Deuterônômio na OHD junto ao exílio babilônico.⁶¹

Podemos compreender a tese de Gerhard von Rad a partir de Aage Bentzen e de Martin Noth. Gerhard von Rad e Martin Noth que se influenciam mutuamente. Gerhard von Rad entende que o bloco (códex) de Deuterônômio 12-26 é fruto do pré-exílio. Para ele, a maior parte de Deuterônômio situava-se junto aos círculos levíticos do Reino Norte, ruralistas, e de espírito sacerdotal e guerreiro. Esse espírito teria se alastrado por todo Pentateuco, segundo ele, tendo consumado no livro séries de credos históricos valiosos para o povo Judeu, como Deuterônômio 26,5b-9.⁶²

Os trabalhos de Aage Bentzen e de Gerhard von Rad foram significativos. Até a década de oitenta do século passado na Alemanha, Hans Walter Wolff⁶³ e Antonius Gunneweg⁶⁴ mantinham de certa forma, tal tese viva. Martin Noth, na sua tese sobre a Obra Historiográfica Deuteronomista, detalha um pouco sobre a função de Deuterônômio frente

⁵⁶ Cf. para Martin Noth: http://www.bautz/bbkl/noth_m.shtml. Acessado em 02/06/2007.

⁵⁷ Cf. para Gerhard von Rad: http://www.bautz/bbkl/rad_g.shtml. Acessado em 02/06/2007.

⁵⁸ Cf. Para Hermann Günkel: http://www.bautz/bbkl/g/gunkel_h.shtml. Acessado em 02/06/2007.

⁵⁹ Essa questão que Herman Günkel, Gehard von Rad e Martin Noth pertenceriam á mesma escola de interpretação bíblica é um pouco controvertida. Albert de Pury e Thomas Romer, por exemplo, dizendo que Gerhard von Rad e Martin Noth pertenceriam à crítica das tradições, enquanto somente Herman Günkel entre essas três pertenceria à crítica das formas, cf. "O Pentateuco em questão", p.41-45.

⁶⁰ Werner H. Schmidt, *Introdução ao Antigo Testamento*, p.119.

⁶¹ Martin Noth, *A History of Pentateuchal Traditions*.

⁶² Cf. em Gerhard von Rad, *Teologia do Antigo Testamento: volume I*, p.75-92.

⁶³ Hans Walter Wolff, *Bíblia, Antigo Testamento: introdução aos escritos e aos métodos de estudo*, p.52-73.

⁶⁴ Parece que a ideologia é esta que se alude no pensamento de Antonius H. J. Gunneweg. Embora, ele apenas cite uma vez a obra de Gerhard von Rad, *Teologia Bíblica do Antigo Testamento: uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica*, p.302-306.

a toda obra historiográfica. Para ele, os primeiros capítulos de Deuteronômio são, pois, uma abertura de toda a obra e servem para indicar temas e posições do autor deuteronomista, localizado na palestina no exílio babilônico. O decálogo desse livro, assim, seria uma peça autônoma com uma história traditiva própria, e seu terceiro preceito, é a reedição de um direito que os palestinos teriam nos dias do domínio babilônico.⁶⁵

Tanto a obra de Martin Noth quanto de Gehard von Rad respondiam a época. De certa forma, suas obras traziam em si uma crítica ao totalitarismo nazista, ora quando simplesmente Martin Noth não se detêm na figura de Moisés, colocando sobre ele sempre a figura dos anciãos judeus, ou quando Gerhard von Rad atribui as leis aos grupos minoritários segregados, com o eram os levitas, para ele, construtores de Deuteronômio. Ambos são críticos ativos do 3º Reich alemão.⁶⁶

1.7. A manutenção das indagações sobre os inícios

Hoje, ainda se tem a continuação dos estudos daqueles exegetas germânicos, que se perguntam pelos inícios dos textos bíblicos. Destacam-se duas linhas relacionadas a abordagem, como informam Albert de Pury e Thomas Romer⁶⁷, falando dos trabalhos europeus.

Ambas linhas vêm da orientação de Martin Noth e de Gehard von Rad, estudiosos germânicos. O primeiro nome é Werner H. Schmidt, autor de importante “Introdução ao Antigo Testamento”. Ele salienta que o Deuteronômio teria começado a ser escrito com a destruição do Reino Norte, em 722aC, tendo sua maior parte, em Deuteronômio 12-26, respondendo à reforma josiânica de 622aC., e, sendo concluído pouco depois disso, no início do exílio babilônico.⁶⁸ Para Werner H. Schmidt, o decálogo surgira no culto diante das celebrações do povo de Deus. Para ele, não seria uma peça antiga, mas uma peça recente, provavelmente fruto do exílio babilônico.⁶⁹

⁶⁵ Todas essas informações podem ser conferidas em Martin Noth, *Überlieferungsgeschichtliche Studien. Die sammelnden und bearbeitenden Geschichtswerke im Alten Testament*, p.18-39.

⁶⁶ Nesse caso suas obras se tornaram proféticas ao seu tempo, quem assim informa é Ska, *Introdução á leitura do Pentateuco*, p.136, nota de rodapé nº99, e, pode-se perceber isso também: Albert de Pury e Thomas Romer, “O Pentateuco em questão”, p.42-49.

⁶⁷ Albert de Pury e Thomas Romer, “O Pentateuco em questão”, p.52.

⁶⁸ Cf. Werner H. Schmidt, *Introdução ao Antigo Testamento*, p.114-116.

⁶⁹ Op. cit.

O segundo autor, seria Klaus Koch que teria se preocupado basicamente em trabalhar a literatura profética. Seu aluno da Universidade de Hamburgo, o exegeta cristão indiano Gnana Robinson, é quem foca a literatura do sábado, perguntando, por volta de 1960, sobre o início e os motivos do sábado bíblico. Gnana Robison⁷⁰ responde, baseado na sua vivência no continente asiático, que tal descanso no serviço é baseado no ciclo da lua, com seu sétimo dia, formando quase uma semana.

A hipótese de Gnana Robinson é fruto de uma pesquisa importante, mas que nos últimos anos foi deixada de lado principalmente pela primazia dos novos enfoques relacionados aos dados lingüísticos, que a exegese alemã passou a se ater desde a década de 60 do século passado.

1.8. O caso da exegese feita nos EUA e o Deuteronômio

Agora vemos outro lado da “crítica das origens”, com as pesquisas feitas inicialmente por Albrecht Alt (um alemão que trabalhou nos EUA), que divide os textos legais de Deuteronômio (e de todo Antigo Testamento) em direito casuístico e direito apodítico.

O último, por exemplo, se relaciona com o decálogo. Já o direito casuístico pode ser expresso pela forma “se...então...”, relacionada ao Oriente Antigo. Novamente, o direito apodítico relaciona-se a religião dos pais, ou seja, no passado nômade de parte de Israel.⁷¹ Albrecht Alt e sua obra muito ajudaram na ciência bíblica, contudo, pouco do que ele escrevera fora justificado posteriormente pela crítica do Antigo Testamento, principalmente da década de noventa, como destacam, por exemplo, Albert de Pury e Thomas Romer⁷², e, Erhard Gerstenberger⁷³. Mesmo assim, pode-se dizer que, mesmo ante toda a crítica posterior, por décadas tais propostas se solidificaram na pesquisa.

Certas introduções à literatura do Antigo Testamento, comuns no mercado brasileiro dão a impressão de que a hipótese de Albrecht Alt permanece atual, o que não procede. Nesse caso, reforça-se que existe, de fato, um descompasso entre o que é traduzido no Brasil e o que está sendo produzido na literatura mundial.

⁷⁰ Gnana Robinson, *The Origin and Development of the Old Testament Sabbath: a comprehensive Exegetical Approach*, cf. apud Frank Crüsemann, *A Tora*, p.222-223.

⁷¹ Para todos esses detalhes, cf. Frank Crüsemann, *A Tora*, p.25.

⁷² Como indicam Albert de Pury e Thomas Romer, “O Pentateuco em questão”, p.49-51.

⁷³ Erhard Gerstenberger, “Os dez e os outros mandamentos de Deus”, *Estudos Bíblicos*, n.51, p.8-22.

Para que se tenha noção, em português as introduções que se destacam, e que são mais apreendidas pelos cursos de Teologia, são embasadas na pesquisa de Aage Bentzen e Gehard von Rad, e afirmam que a literatura do livro de Deuteronômio teria sido construída pela fonte Eloista (E). São elas: Ernst Sellin e Georg Forher⁷⁴, William Sanford Lasor, David A. Hubbard e Federic W. Bush⁷⁵, Henri Cazelles⁷⁶, Hans Walter Wolff⁷⁷, Rolf Rendtorff⁷⁸ e, a mais recente, mas que se respalda ainda fortemente nas discussões da crítica das fontes, é o texto de Antonius H. J. Gunneweg⁷⁹.

Muito embora a pesquisa de Albrecht Alt tenha sido importante, normalmente se atribui o início da escola americana de crítica bíblica a Willian F. Albright, autor que caracteristicamente relacionava os achados arqueológicos com as discussões bíblicas.⁸⁰ Seus discípulos são Frank Moore Cross⁸¹ e Georg E. Mendenhall⁸², sendo este último mais interessado nas leis do Antigo Testamento.

Georg Mendenhall, em seu processo de doutoramento, trabalhara a aliança sinaítica e os tratados hititas, datando a perícopre do Sinai por volta do século XII a.C.⁸³ Chegou a defender que um escopo de Deuteronômio devia pertencer às tradições da época pré-monárquica, atribuindo as leis do decálogo á esse tempo, organizadas com base na sociedade tribal. Mais tarde, sua reflexão influenciará seus discípulos, e a um deles, Norman K. Gottwald, a pesquisa abaixo dará mais atenção.

Norman K. Gottwald tem um papel de destaque entre os estudiosos americanos. Aprofunda o trilhar de seu orientador, justamente por ser acostumado à crítica vetero-testamentária alemã (por sua familiaridade alemã), acaba vislumbrando com bons olhos os

⁷⁴ Ernst Sellin e Georg Fohrer, *Introdução ao Antigo Testamento: volume I*, 284-289.

⁷⁵ William Sanford Lasor, David A. Hubbard e Federic W. Bush, *Introdução ao Antigo Testamento*, p.21.

⁷⁶ Henri Cazelles, *História Política de Israel: desde as origens ate Alexandre Magno*, p.178-186.

⁷⁷ Hans Walter Wolff, *Bíblia, Antigo Testamento*, p.52-54.

⁷⁸ Rolf Rendtorff, *Teologia Bíblica do Antigo Testamento*, p.21-28.

⁷⁹ Esse aqui com um pouco mais de desenvolvimento, chegando a retirar o Deuteronômio dos levistas, contudo, ainda é levado pelo credo das antigas críticas históricas, Antonius H. J. Gunneweg, *Teologia Bíblica do Antigo Testamento*, p.302-306.

⁸⁰ Cf. Jean Louis Ska, *Introdução*, p.138.

⁸¹ Cf. Frank Moos Cross, “Javé e os deuses dos patriarcas”, em Erhard Gerstenberger (org.), *Deus no Antigo Testamento*, p.75-102.

⁸² Cf. Georg Mendenhall, “The Hebrew Conquest of Palestine”, em Careter e Carol Meyer (orgs.), *Community, identity and Ideology, Social science Approaches to the Hebrew Bible*.

⁸³ Cf. Ska, *Introdução*, p.138.

resultados das críticas das formas e das fontes.⁸⁴ Norman K. Gottwald junta os conhecimentos da pesquisa histórico-arqueológica às teorias sociológicas, e assim segue seu modelo de formação de Israel, chamado de “modelo de revolta”.⁸⁵

Norman K. Gottwald reconhece Deuteronômio como parte da fonte D. Para ele, os mandamentos, dos dez mandamentos provêm da antiga fonte Eloísta, localizada no Reino Norte e levada por levitas-sacerdotes⁸⁶ fonte essa já desacreditada em toda hermenêutica européia e alemã.⁸⁷

Mesmo assim, destaca-se o papel de Norman K. Gottwald para a pesquisa bíblica da América Latina, junto ao seu modelo bíblico-sociológico de formação de Israel. No século passado, ele ainda teria orientado dois biblistas representativos da América Latina: Jorge Pixley e Shigeyuki Nakanose. Mais tarde voltaremos a questão da influência de Norman K. Gottwald sobre os estudiosos e sobre a literatura produzida aqui sobre Deuteronômio e sobre o decálogo.

Agora, por fim, atualmente nos EUA, o nome que se destaca pela reflexão da literatura de Deuteronômio é Bernard Levinson⁸⁸ professor da Universidade de Minnesota. Basicamente, Bernard Levinson admite para o continente americano a proposta redacional (que veremos mais à frente) partilhada por Norbert Lohfink frente aos textos encontrados em Deuteronômio. Bernard Levinson trabalha com a idéia de que a redação da literatura de Deuteronômio teria ocorrido no exílio e no pós-exílio persa, e o decálogo basicamente respeita essa proposta, segundo o próprio.

1.9. A análise bíblica na forma canônica

⁸⁴ Recentemente num congresso de pesquisa bíblica realizada na UCG, Norman K. Gottwald assume sua familiaridade e trata de sua leitura da crítica alemã bíblica, cf. para isso, o próximo volume das contribuições do congresso, que deve sair no ano que vem.

⁸⁵ Cf. Norman K. Gottwald, *As tribos de Iahweh: uma sociologia da religião de Israel liberto 1250-1050aC.*, p.220.

⁸⁶ Para os posicionamentos de Normann K. Gottwald, *Introdução Socioliterária da Bíblia Hebraica*.

⁸⁷ No próprio comentário de Claus Wertemann de Gênesis admite não tem mais condições de na década de oitenta falar ainda sobre Eloísta, cf. *Gênesis*.

⁸⁸ As obras de Bernand Levinson consultadas: Bernand Levinson, *Deuteronomy and the Hermeneutics of Legal Innovation*, Bernand Levinson, “The Reconceptualization og Kingship in Deuteronomy and the Deuteronomistic history’s transformation of Torah”, *Vetus Testamentum*, 4, p.511-534.

No último tópico pode-se ter estranhado o aparecimento do nome de Rolf Rendtorff, junto aos que buscam a origem do texto bíblico. É que durante sua caminhada como professor e reitor da Universidade de Heidelberg, Rolf Rendtorff modificara sua posição.⁸⁹

Ora, se antes ele se via no bojo das antigas críticas bíblicas cujos trabalhos indagavam o início do texto canônico e do Deuteronômio, agora, com a influência de pensadores franceses, entra em voga a forma “final”, isto é, a “redação” do texto.⁹⁰ A envergadura metodológica é entendida frente às questões da Europa dos anos setenta do século passado. Ora, se antes ela havia sido destruída pelo nazismo, agora, por volta dos anos setenta, estava sendo reconstruída sobre outras matrizes ideológicas, que já não se reconheciam na geração do nazismo.⁹¹

O caso é que ganha força a exegese francesa e a americana. A percepção do texto como um todo chega rapidamente a Alemanha, e conseqüentemente se alastra por toda Europa a crítica da redação.⁹² Logo, compreendeu-se que os responsáveis por esse novo pensar foram os círculos franceses filosóficos e sociológicos que começam a trabalhar novas compreensões de história.⁹³ Não são simplesmente estruturalistas, como Albert de Pury e Thomas Romer⁹⁴ afirmam, mas eles aprofundam resultados estruturais, propondo assim uma nova compreensão da história, ela hoje matriz do que se designa hoje por pós-estruturalista ou pós-moderna.⁹⁵

⁸⁹ Esse é um detalhe interessante sobre a vida e obra desse estudioso. Antes ligado a críticas da formas e da tradição, posteriormente, ligado á crítica da redação, sobre isso se destaca o seu livro, Rolf Rendtorff, *Das Überlieferungsgeschichtliche Problem des Pentateuch*.

⁹⁰ Para crítica da redação cf. a obra de Brevard S. Childs, *Introduction to the Old Testament as Scripture*, p.29-106.

⁹¹ Para análise dos momentos de surgimento desta crítica cf. Ska, *Introdução*, p.142-143, e ainda, Hans Heinrich Schmid, “Auf der Suche nach neuen Perspektiven für die Pentateuchforschung”.

⁹² Como se pode ver em Rolf Rendtorff, *Das Alte Testament. Eine Einführung*, p.137-139.

⁹³ Entre eles o texto precursor que mais preocupa é o de Louis Althusser, *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Para que se compreenda o assentamento das ideologias estruturalistas, disfarçadas com o nome de novo marxismo (neo-marxistas) na Europa de 1960 em diante, cf. Ciro Flamarion Siqueira Cardoso, “Epistemologia pós-moderna, texto e conhecimento: a visão de um historiador”, p.1-18, as críticas ao marxismo de Louis Althusser podem ser encontradas nos ramos mais ortodoxos, como, Dera Rocha, “Um intelectual marxista: entrevista com Michel Lowy”, *Tempo*, n°2, p.166-183, Emir Sader e Michael Brie (org), *Reforma ou revolução? Para além do capitalismo neoliberal: concepções, atores e estratégias*.

⁹⁴ Cf. o testemunho deles em “O Pentateuco em questão”, p.58.

⁹⁵ Críticas as mais variadas podem ser feitas ao pensar pós-moderno, assim, aqui se destacou o trabalho de Ciro Flamarion Siqueira Cardoso, “No limiar do século XXI”, *Tempo*, vol. 1, n° 2, p. 6-31, e ainda, Dera Rocha, “Um intelectual marxista: entrevista com Michel Lowy”, *Tempo*, n°2, p.166-183, e o texto de Emir Sader, *Afinidades seletivas*, 245p.

A compreensão pós-estruturalista se populariza na França e na Europa, quando os discípulos de Louis Althusser - entre eles o mais famoso é Michel Foucault⁹⁶ - começam a se difundirem nas universidades alemãs. Os especialistas alemães e seus estudos sobre a literatura encontrada em Deuteronômio, começam a tomar o texto por sua forma final. Com a crítica mais reduzida no início da década de sessenta, o hoje professor na Faculdade de Teologia e Filosofia Jesuíta de Frankfurt Sankt Georgen, Norbert Lohfink⁹⁷ faz uma interpretação de Deuteronômio a partir de sua redação no período persa.

No fim de seu texto, Norbert Lohfink praticamente justifica os estados nacionais que buscam em sua íntegra fazer uma política de inclusão das classes menos favorecidas, e conseqüentemente, fortalecer em seu meio as instituições religiosas. Também como símbolo dessa teoria se destaca, no livro de Êxodo, a tese de doutorado de Jean Louis Ska⁹⁸, que analisa, a luz da redação do Pentateuco a narrativa de Êxodo 14.

1.10. Aprofundamento de questões sobre a historia da redação: onde fica o Deuteronômio e seu sábado nisso?

Daí em diante, os trabalhos de Deuteronômio sobre o decálogo e sobre seu terceiro mandamento passam a ser influenciados pela historia da redação que ganhara notoriedade principalmente nas alas mais regressistas do cristianismo.

A adequação dos estudos foi influenciada e influenciou a ata do Concilio Vaticano Segundo, permitindo a eles, agora, aprimorar o estudo e seus estudiosos bíblicos frente às discussões feitas no ambiente liberal protestante.⁹⁹ Hoje, na Europa, sem dúvida, a forma crítica do cânon vem se estabilizando frente aos comentários bíblicos e na Alemanha, desde o início da década de noventa do século passado, três perspectivas (vias) sobre a literatura do livro de Deuteronômio vem se firmando, como se indicará abaixo.

1.10.1. Escola Norbert Lohfink-Georg Braulik

⁹⁶ Cf. para o caso das leis vale a pena Michel Foucault, *Microfísica do Poder*.

⁹⁷ Norbert Lohfink, *Studien zum Deuteronomium I*, p.193-209.

⁹⁸ Cf. O trabalho refinado de Jean Louis Ska, *Lê passage de la mer. Étude de la construction, du style et de la symbolique d'Ex 14,1-31*.

⁹⁹ Cita-se o texto de Osvaldo Luis Ribeiro, "500 Anos em 50. Exegese e teologia histórico-críticas", *Fragments de Cultura*, nov/dez, p. 1507-1521.

Do lado alemão católico hoje existe a escola de Norbert Lohfink¹⁰⁰ e de Georg Braulik¹⁰¹ que coloca boa parte de Deuteronômio no pós-exílio, alastrando assim o Código Deuteronômico do capítulo 12 até o capítulo 28 do livro. Para Norbert Lohfink, devem ter existido escopos de textos no pré-exílio, como, por exemplo, na pesquisa daqui, um decálogo original.

Há de se dizer que ambos os autores datam a construção do decálogo junto às festas e dos calendários litúrgicos do povo judeu. Contudo, Norbert Lohfink é quem mais escreve sobre o fragmento de Deuteronômio 5,12-15, afirmando que ele, por ser o maior pedaço do decálogo, seria o mais valioso, tendo assim períodos literários maiores que o restante do texto.¹⁰²

Se Norbert Lohfink detalha o sábado de Deuteronômio, Georg Braulik¹⁰³ aponta o caminho de buscar ligar os mandamentos de tal decálogo com Deuteronômio 12-28, mostrando que esse códex fora feito sob a influência do decálogo.

Ambos salientam basicamente que o Deuteronômio seria um bloco de leis relacionadas às liturgias e às festas dos calendários judaicas, sendo por isso influenciadas a utopia da igualdade do povo de Judá.¹⁰⁴ Como se disse anteriormente, a corrente de Norbert Lohfink e Georg Braulik parece ser influenciada pelas pesquisas da escola escandinava, principalmente por S. Mowinckel e I. Engnell.

1.10.2. O nome de Eckard Otto

Outro grupo de estudiosos relevante, e que hoje está alocado na Universidade de Munique, é o que integra o especialista em Deuteronômio, Eckard Otto¹⁰⁵. Eckard Otto que

¹⁰⁰ Norbert Lohfink, “Deuteronomium und Pentateuch. Zum Zusammenhang”, em *Studien zum Deuteronomium III*, p.26-41.

¹⁰¹ Georg Braulik, “Die Abfolge der Gesetze in Dtn 12-26 und der Dekalog”, em Norbert Lohfink (ed.), *Das Deuteronomium. Entstehung, Gestalt und Botschaft*, p.232-255.

¹⁰² Lohfink, “Zur Dekalogfassung von Dt 5”, p.17-32.

¹⁰³ Mesmo no texto em português essa composição é sugerida por Georg Braulik em seu “O livro de Deuteronômio”, p.96-113, e, originalmente se pode ver explicitamente essa estrutura em “Die Abfolge der Gesetze in Dtn 12-26 und der Dekalog”, p.232-255.

¹⁰⁴ Quem resume assim as obras desses estudiosos é Pedro Kramer, *Origem e legislação de Deuteronômio: programa de uma sociedade sem empobrecidos e excluídos*, p.271-282.

¹⁰⁵ Eckard Otto, “Del libro de la Alianza e la ley de Santidad. La reformulación del derecho israelita y la formación del Pentateuco”, *Estudios Bíblicos*, n 52, p.201-204.

dialoga mais com os ramos da história do que a escola Norbert Lönfink-Georg Braulik, afirmando que os fragmentos de Deuteronômio 13 e 28 teriam tido origem no pré-exílio. Eckard Otto parte dos textos de tratados neo-assírios para afirmar que o início do livro de Deuteronômio, nesses dois capítulos, datam por volta do século 7aC.

Eckard Otto busca cruzar documentos do Oriente Antigo com textos e fragmentos do Antigo Testamento. Para ele, pouco do Deuteronômio na sua forma atual fora feito no pré-exílio. Especificamente, foi no exílio que as leis de Deuteronômio ganharam valores ideológicos na constituição do idealizado novo Israel. Daí começou a construção das subsequentes redações e acréscimos aos textos, sendo o código de Deuteronômio 12-26, sobretudo, uma forma aumentada do Código da Aliança de Êxodo.¹⁰⁶ O exílio deve ter sido o ambiente formador do texto de Deuteronômio 5,12-15 sobre a graça da palestina ser agora uma nova terra para seus habitantes.

A vivência de uma nova sociedade influencia um novo Judá, se fazendo necessário um novo código de direitos ligados à vida do povo.¹⁰⁷ Em certo sentido, Georg Braulik influenciara Eckard Otto, quando este admite o elo de Deuteronômio 12-26 com o decálogo de Deuteronômio 5, conforme indica Pedro Kramer¹⁰⁸.

1.10.3. Frank Crüsemann e sua história-social

Retorna-se agora a uma das escolas mais influentes da crítica do Antigo Testamento. Passamos pelos especialistas Gerhard von Rad, Martin Noth, Hans Walter Wolff, Rolf Rendtorff, e agora chegamos ao seu orientado de doutorado, Frank Crüsemann. Ele aprofunda as concepções prefaciadas no fim da vida de seu orientador para o caso da redação do direito do Antigo Testamento, segundo Albert de Pury e Thomas Römer¹⁰⁹.

¹⁰⁶ Eckard Otto, “Von der Programmschrift einer Rechtsreform zum Verfassungsentwurf des Neuen Israel”, em Georg Braulik (org) *Bundesdokument und Gesetz – Deuteronomium Studien*, n.4, p.93-104.

¹⁰⁷ Eckard Otto, “Del libro de la Alianza e la ley de Santidad. La reformulación del derecho israelita y la formación del Pentateuco”, p.201-204.

¹⁰⁸ Pedro Kramer, *Origem e legislação de Deuteronômio: programa de uma sociedade sem empobrecidos e excluídos*, p.271-282.

¹⁰⁹ Cf. “O Pentateuco em questão”, p.58.

Frank Crüsemann¹¹⁰, embora influenciado pela forma final, retoma em suas reflexões os endereços históricos sociais, linha que desde a década de setenta era um pouco esquecida, já que o pós-estruturalismo impregnara a pesquisa alemã e européia. Ele, por ser mais novo, considera os resultados da pesquisa da escola Norbert Lonfink-Georg Braulik e de Otto, voltando a todo o momento as suas obras e suas fontes.

Conclui que o livro de Deuteronomio, principalmente Deuteronomio 12-26, fora endereçado aos cidadãos livres de Judá, sendo a condição para a preservação da liberdade dessa parte do povo. Frank Crüsemann escreveu seu texto áureo no início da década de noventa, quando na Alemanha se buscava integrar suas duas partes antes separadas pelo intento das alianças do pós 2ª Guerra Mundial.¹¹¹

O pesquisador destaca que o decálogo serve para preservar a liberdade do povo da terra de Judá, sendo o sábado desse decálogo á vontade de se manter o trabalho, no pré-exílio, dos que tanto trabalhavam na terra desse povo da terra. Então, o mandamento era uma designação para todos os grupos que serviam nas propriedades livres dos *pater familias* de Judá.¹¹² Perspectiva que se adere nessa dissertação, e que ajuda principalmente no dialogo de Deuteronomio 5,12-15 com os valores sócio-econômicos e também religiosos dos povo judaíta.

1.11. O revigorar sociológico da escola espanhola

Interessante de se dizer que hoje, na Espanha, após a ditadura vivenciada por anos, a ótica da leitura bíblica de Deuteronomio vem tendo bons frutos com o especialista da Universidade de Granada, Félix Garcia Lopez.¹¹³

Muito embora de formação católica, onde se destaca principalmente a leitura exegética mais literária, Felix Garcia Lopez se deixa influenciar pelo trabalho de Frank Crüsemann, concordando em quase todos os pontos da análise histórico-social feita por Frank Crüsemann. A análise de Felix Garcia Lopez sobre esse livro se faz em uma boa

¹¹⁰ Cf. os textos de Frank Crüsemann, *Preservação da liberdade*, e, o seu último livro traduzido para o português, *A Tora*.

¹¹¹ Ele admite isso quando escreve, Frank Crüsemann, “Direito, Estado, Profecia: questões básicas de uma interpretação sócio-histórica das leis vétero-testamentária”, *Estudos Teológicos*, p.283-294.

¹¹² Cf. Crüsemann, *Preservação da liberdade*, p.13-25.

¹¹³ Felix Garcia Lopez, *O Decálogo, Deuteronomio: uma lei pregada*.

hora, desde o fim da década de noventa, pois é o momento em que a Espanha vem buscando se fortalecer junto ao capital investido da União Europeia, e tal país se vê renovado diante da queda de uma ditadura nos moldes fascistas, que tivera durante décadas.

Um caminho oportuno, já que tal universidade abriga também o especialista Jose Luis Sicre Diaz, outro que costumava dialogar com enfoques sociológicos da ciência bíblica. Vemos isso nos seus livros e no seu interesse por temas da Teologia da Libertação.¹¹⁴

Por falar de Teologia da Libertação, passa-se ao local onde tal pensamento ganhou vida, influenciando o início e desenvolvimento da leitura bíblica feita na América Latina.¹¹⁵

1.12. O grupo das “Tribos de Yahweh” e suas interpretações de Deuteronômio para a América Latina

Para entender os pontos e as sinuosidades da pesquisa bíblica da América Latina, se deve se considerar pelo menos inicialmente as pesquisas do ambiente europeu e americano. Mas o que pode ser o diferencial da crítica bíblica daqui é que, contrariamente aquela produzida em meio às universidades estrangeiras, a hermenêutica latino-americana se insere em meio à prática social, se articula na/para vida.¹¹⁶

Nesse caso, destacamos principalmente aqueles estudiosos que buscaram formação nas universidades estrangeiras e que, quando retornaram ao solo americano do centro e do sul, deram procedimento às pesquisas. É que, praticamente, o movimento de interpretação conhecido aqui, nos é disponível na volta dos especialistas que serão destacados abaixo, no fim do século passado.

A pesquisa nessa dissertação começará a contagem a partir do fim da década de setenta e no início da década de oitenta.¹¹⁷ Nesse momento, levado pelos textos de Paulo Freire, a leitura bíblica crítica se consolida em meio às comunidades eclesiais de Base, as Ceb's. No grupo de estudiosos bíblicos ligados as animações bíblicas nas Ceb's se

¹¹⁴ Entre eles se destaca o livro, Jose Luis Sicre Diaz, *Com os pobres da terra*, p.17-32.

¹¹⁵ Enio Muller, *Teologia da libertação e marxismo. Uma relação em busca de explicação*, p.211.

¹¹⁶ Para isso vide a Revista de Interpretação Latina Americana, número um. Nela se tem um cabedal do início da leitura bíblica nos solos dominados da América Latina, VV.A.A. *Revista de Interpretação Latino Americana*, n.1.

¹¹⁷ Segundo Milton Schwantes, “Caminhos da hermenêutica bíblica na América Latina”, em Haroldo Reimer e Valmor Silva (org.), *Hermenêuticas bíblicas*, p.11-38.

reuniam anualmente para discutir os textos de Norman K. Gottwald¹¹⁸ os biblistas Carlos Mesters, Anna Flora Anderson, Gilberto da Silva Gorgulho, José Comblin, e Milton Schwantes, entre outros.

No que concerne a esse primeiro grupo de biblistas, apenas Carlos Mesters e Milton Schwantes têm algo a dizer sobre Deuteronômio e sobre o decálogo. É bem verdade que Carlos Mesters, frei carmelita de formação em Roma, não desenvolve muito, mas diz que o decálogo era para as famílias e os clãs e que fora escrito no contexto da volta do exílio babilônico.¹¹⁹ No caso de Milton Schwantes, aluno de Hans Walter Wolff, da Universidade de Heidelberg, pode-se dizer que a questão é mais detalhada.

Sim, porque o texto que teria suas posições claras sobre o terceiro mandamento de Deuteronômio, não se encontra mais disponível ao público¹²⁰. Assim, já que não se tem acesso ao texto, recolheram-se outras fontes que permitem a percepção. Sobre o Deuteronômio, Milton Schwantes posiciona como sendo o anúncio dos temas e das idéias que vão se desenvolver ao longo da Obra Historiográfica Deuteronomista, influenciado, sobretudo pela proposta de Martin Noth.¹²¹ Sobre o sábado, ele ressalta que o dia de descanso do trabalho ocorria para resolver a miséria, desde os homens até dos animais. Mas, para Milton Schwantes¹²² tal enredo não é revolucionário como fora antes salientado pela pesquisa da década de oitenta¹²³, ponderação na qual nos ajuda a destacar o vínculo de Deuteronômio com a parte dominante da sociedade judaíta.

Saindo da ditadura militar no Brasil, e passando a falar agora dos discípulos do grupo que iniciara, a hermenêutica latino-americana discutindo a obra de Norman K.

¹¹⁸ Sobre a animação bíblica e sobre as reuniões dos biblistas cf., Ana Flora Andersen e Gilberto da Silva Gorgulho, “O Cântico dos Cânticos: o amor erótico e o projeto do povo irmão”, em Carlos Arthur Dreher, Erny Mugge, Iria Hauenstein e Isolda R. Dreher (org.), *Profecia e Esperança: um tributo a Milton Schwantes*, p.337-344, e ainda, Ana Flora Andersen e Gilberto da Silva Gorgulho, Resenha de “Introdução socioliterária a Bíblia hebraica”, *Revista Estudos Bíblicos*, n°8, p.82.

¹¹⁹ Embora Carlos Mesters fale diretamente do decálogo de Êxodo, para isso, cf. “Os dez mandamentos – ferramenta da comunidade”, *Estudos Bíblicos*, n°9, p.61.

¹²⁰ Como confessa Milton Schwantes, sobre seu texto: “Meditações sobre Deuteronômio 5,12-15”, em *Proclamar a Libertação*, p.8-12.

¹²¹ Sobre isso, cf. Milton Schwantes, *Sufrimento e esperança no exílio: historia e teologia do povo de Deus no século VI a.C.*, p.35-37.

¹²² Milton Schwantes, “No banquete das origens comida e bebida em narrações bíblicas”, *Estudos de Religião*, n°28, p.43-45.

¹²³ Cf. a revista para isso, VV.A.A. *Revista de Interpretação Latino Americana*, n.1, e o texto de André Chouraqui, *Palavras*, p.89-94.

Gottwald, no ano de 1987, a Revista Estudos Bíblicos, traz em seu número 9, a temática dos “Dez Mandamentos”.¹²⁴

A revista traz a visão de que o descanso bíblico era uma busca dos levitas nortistas, se destacando nesse texto a defesa da antiga hipótese Eloista.¹²⁵ Interessante que hora melhor não poderia ocorrer para a utilização da temática. É que, nos grandes centros industriais da América Latina, os trabalhadores buscavam melhores condições de serviço, entre elas o tempo do descanso e as férias. Daí, a discussão sobre o sábado bíblico, para se fazer valer de voz frente às questões debatidas nos centros industriais paulistas e de toda América Latina.

1.13. Os alunos de Norman K. Gottwald na América Latina

Sabe-se que Norman K. Gottwald tem um papel de destaque no início do momento bíblico da América Latina, quando alguns estudiosos bíblicos tiveram a oportunidade de estudar com esse exegeta sociólogo da Universidade de Chicago.

Mas, outro fator ao qual reforça o valor de Norman K. Gottwald para a América Latina é que alguns dos latino-americanos que estudaram sua obra se propuseram a aprofundar suas percepções. Seu primeiro aluno na América Latina foi Jorge Pixley, exegeta batista americano, engajado no movimento sandinista, que assume sobre a relação dos decálogos que o texto de Êxodo é anterior ao de Deuteronômio¹²⁶. Embora, para Jorge Píxley, todo livro de Deuteronômio pertencera às políticas do reinado de Josias.¹²⁷

Jose Loza Vera¹²⁸, doutor pela na Universidade Católica Mexicana, publicou uma tese sobre o decálogo, radicando um pouco as questões literárias sobre esse texto. Loza Vera hoje é professor na Escola Bíblica de Arqueologia Francesa, e tem feito trabalhos¹²⁹ na direção dos feitos por Norbert Lohfink sobre o decálogo e o Deuteronômio.

¹²⁴ VV.A.A., *Revista Estudos Bíblicos*, Os Dez Mandamentos, n°9.

¹²⁵ Por exemplo, o relato de Airton Jose da Silva nessa revista “Leis de Vida e leis de morte: os dez mandamentos e seu contexto social”, *Estudos Bíblicos*, n°9, p.38-51.

¹²⁶ Jorge Pixley, *Êxodo: uma leitura evangélica e popular*, p.174-202.

¹²⁷ Jorge Pixley, *A história de Israel a partir dos pobres*, p.73-79.

¹²⁸ Cf. José Loza Vera, *Lãs palabras de Yahve – estudio del decálogo*.

¹²⁹ Cf. o seu trabalho, José Loza Vera, “Universalismo y particularismo em las leyes del Antiguo Testamento”, *Revista Bíblica*, n°50, p.65-90.

O outro aluno de Norman K. Gottwald no doutorado é o biblista nipônico radicado do Brasil, Shigeyuki Nakanose. Ele, antes foi orientado no mestrado por Milton Schwantes, foi para Chicago aprofundar seus estudos doutorais na ênfase bíblico-sociológica. Sobre Deuteronomio, Shigeyuki Nakanose é bem direto, escrevendo em 1996¹³⁰, um artigo baseado em sua tese de doutorado, sobre a Páscoa de Josias. Para ele, Deuteronomio teria começado antes do século VIII. Daí então ele vem sofrendo adições, e no período do pós-exílio ocorre a formulação do decálogo de Deuteronomio 5, junto a experiência de Esdras e Neemias.

Shigeyuki Nakanose liga os enredos de Deuteronomio com as festas “nacionais” do povo judeu, ponderando do elo do livro com o tributarismo do “estado” de Josias. Ele entende que as festas deviam ser feitas para a arrecadação do reinado, promovendo mais aspectos sociológicos às leis do Antigo Testamento, uma deixa que nos ajudará situar, sobretudo, a palavra de Deuteronomio 5,12-15 com os textos de Deuteronomio.

Um detalhe interessante sobre Jorge Pixley e Shigeyuki Nakanose é que ambos os estudiosos encarnaram de Norman K. Gottwald o engajamento histórico-sociológico frente à leitura bíblica.

1.14. A leitura histórico-social de Frank Crüsemann na América Latina

Não se pode dissociar a influência de Frank Crüsemann na América Latina sem pensar nos seus dois orientados, Ágabo Borges de Souza e Haroldo Reimer. Ágabo Borges de Souza, se dedica à literatura de Jeremias, Daniel e apocalíptica. Já Haroldo Reimer se dedica ao direito e à profecia no Antigo Testamento - como já havia trabalhado na graduação com Milton Schwantes o texto de Miquéias - e é sobre ele que a pesquisa mais se deterá.

Além de Haroldo Reimer ter traduzido as obras de Frank Crüsemann para o português, desde a década de noventa ele vem produzindo textos aprofundando as propostas de seu orientador. Ela apreende as indicações sociológicas, principalmente quando escreve sobre o terceiro mandamento, junto a Ivoni R. Reimer. Haroldo Reimer percebe uma divisão social entre escravos, trabalhadores e instrumentos de produção

¹³⁰ Shigeyuki Nakanose, “Para entender o livro de Deuteronomio: uma lei a favor da vida?”, *Revista de Interpretação Latino Americana*, n°23, p.176-193.

(animais de porte) no âmbito da reforma josiânica.¹³¹ Uma de suas ponderações que vem se destacando é a de ligar a perspectiva do dia de descanso de Deuteronômio 5,12-15, com o efeito ecológico, como desenvolverá mais à frente.

A percepção de Haroldo Reimer e de Ivoni R. Reimer norteará a pesquisa, quando eles entendem que em Deuteronômio 5,12-15 se destaca certa estratificação social das casas do povo da terra judaíta, idéia que ilustra mais sobre esse micro-sistema da vida do pré-exílio.

Outro enfoque importante para a América Latina é a proposta sócio-cultural de Julio Paulo Tavares Zabatiero, que parte do trabalho de Frank Crüsemann para analisar a primeira redação de Deuteronômio na Babilônia durante o exílio.¹³² Muito embora para a atual pesquisa Julio Paulo Tavares Zabatiero não tenha produzido nenhum texto que trate do sábado de Deuteronômio 5,12-15, sua perspectiva vem sendo valiosa, pois tenta diluir o dado tributário frente ao Deuteronômio. Caminho diferente da atual pesquisa, já que, recentemente Eduardo Paulo Sauder¹³³ detalhou os vínculos histórico-críticos (econômicos) de Deuteronômio 14, com toda expressão do livro.

Por último, se destaca o trabalho de mestrado feito por Cleodon Amaral de Lima, quando mistura a análise histórico-social de Frank Crüsemann com uma ênfase lingüística da questão da fabricação de ídolos a partir das narrativas de Êxodo 20,1-6 e de Deuteronômio 5,5-10¹³⁴. Nesse trabalho, ele não discute em nenhum ponto qualquer dado para a atual pesquisa.

1.15. A escola Norbert Lohfink-Georg Braulik na América Latina

Por Norbert Lohfink ter começado seu estudo na década de 1960, ele influenciou e influencia todo histórico da exegese a partir de 1970. Mesmo assim, faltava gente na América Latina para que pudesse levar suas proposta com mais afinco.

No início dos anos noventa, o teólogo católico brasileiro Reginaldo Gomes de Araújo terminara seu mestrado no Pontifício Instituto Bíblico de Roma, trabalhando sobre

¹³¹ Haroldo Reimer e Ivoni Richter Reimer, *Tempos de Graça: o jubileu e as tradições jubilares na Bíblia*, p.42-45.

¹³² Cf. o resumo da tese de Julio Paulo Tavares Zabatiero, “Em busca de uma economia solidária. Dt 14,22-15,23: resistência popular e identidade social”, *Estudos Bíblicos*, n.84, p.9-21.

¹³³ Vide, a interessante dissertação de mestrado de Eduardo Paulo Sauder, “O dízimo como prática comunitária e solidária – uma leitura histórico-crítica de Deuteronômio 14,19-22”.

¹³⁴ Cf. Cleodon Amaral de Lima, *A proibição de se fabricar ídolos*.

orientação de Jean Louis Ska o texto de Êxodo 14. Foi quando conseguiu a vaga junto ao professor Norbert Lohfink para fazer o doutoramento numa universidade em Frankfurt.

Ele produz uma sistematização teológica do livro, que ainda não foi traduzida para o português, chamada: Teologia do Deuteronomio¹³⁵. Texto em que Reginaldo Araújo parte do pós-exílio para reconstruir as teologias tidas no livro. O sábado para ele é a eleição do descanso da criação de Deus. Esta tese o ajudou a se fixar como professor na Universidade de São Paulo, quando voltou ao Brasil.

Agora, além do professor Reginaldo de Araújo, outro que pertence a tal escola é Pedro Kramer, que teve encontros com Georg Braulik na Universidade de Vienna. Encontros que geraram sua importante tese de doutoramento, com o título: “Origem e Legislação de Deuteronomio: programa de uma sociedade sem pobres e nem excluídos”¹³⁶. Neste trabalho, Pedro Kramer salienta o valor de Deuteronomio 5,12-15 como um texto de celebração das festas onde todos até mesmo os animais paravam seus serviços.

De certa forma Pedro Kramer, e outros como Milton Schwantes e Haroldo Reimer, por exemplo, deixam a entender certos traços ecológicos em Deuteronomio 5,12-15. Assim, o que tange o entrelaçamento do homem com a natureza será a última parte desse entendimento sobre a literatura sobre o sábado de Deuteronomio 5,12-15.

1.16. O Deuteronomio, o sábado e a ecologia na América Latina

Em 1992, podemos destacar certo entrelaçamento da leitura de Deuteronomio na América Latina com a ecologia, a partir do evento da “Eco-92” - ocorrido na cidade do Rio de Janeiro. Nesta época, houve um questionamento das raízes cristãs com o lema ecológico, já que, de muito tempo o Ocidente cristão é acusado de submeter as reservas naturais ao seu comando.

Pode-se compreender nesse embate o início da produção de determinados exegetas cristãos latino-americanos sobre o balanceamento do homem com a natureza. Um texto serviu para celebrar esse momento. Fora um fascículo dos “Mosaicos da Bíblia”¹³⁷. Nele

¹³⁵ Reginaldo Gomes de Araújo, *Theologie der Wüste im Deuteronomium*.

¹³⁶ Cf. tese de doutoramento na Escola Superior de Teologia, 315p.

¹³⁷ Cf para isso, VV.A.A. *Mosaicos da Bíblia*, Bíblia e Ecologia, Centro Ecumênico de Documentação e Informação.

que traz consigo artigos de Haroldo e Ivoni Reimer¹³⁸ e de Ivo Storniolo¹³⁹, sobre o livro de Deuterônômio e sobre o sábado bíblico. Afora que, para a questão do sábado bíblico no Novo Testamento, pode-se destacar o texto do professor da Universidade Metodista de São Paulo, Paulo Garcia¹⁴⁰.

Nesse fascículo sobre o enredo de Deuterônômio pode-se destacar o texto de Ivo Storniolo, quando praticamente edita a tese de Aage Bentzen e de Gehard von Rad sobre o Deuterônômio. Admitindo as formulas parenéticas de Deuterônômio vivificadas nas experiências radicais dos levitas do Reino Norte, tidos em Deuterônômio, garante o equilíbrio entre as partes da criação.¹⁴¹

Haroldo e Ivoni Reimer, nesse texto inicial, fazem uma mistura de vários fragmentos bíblicos, não se detendo a fundo na literatura de Deuterônômio. Da mesma forma, no ano de 1995, a Revista de Interpretação Latino Americana, número 21¹⁴², que traz a temática ecológica, sem quase nada dizer sobre o texto de Deuterônômio. Contudo, a partir do ano de 1998, no bojo da interpretação bíblica latino-americana, com a revista Estudos Bíblicos, número 58¹⁴³, essa sina é refeita. Nela se encontram textos que ligam pedaços de Deuterônômio às percepções ecológicas do povo bíblico. Entre eles se destacam os escritos de Ludovico Garmus¹⁴⁴ e de Haroldo Reimer¹⁴⁵.

Ludovico Garmus escreve expressamente sobre a relação de se separar um tempo de descanso para resguardar a vida na plantação, usando para isso, no livro de Deuterônômio, o capítulo 15. Ele chega a comentar sobre as técnicas da época do povo bíblico para se plantar e tirar o melhor da terra judaíta.

Agora, no caso de Haroldo Reimer, com seu artigo “Leis dos tempos jubilares na Bíblia: ensaio de uma perspectiva histórica” começou a ligar a ecologia mais diretamente

¹³⁸ Haroldo Reimer e Ivoni Reimer, “Por uma espiritualidade cristã ecológica”, *Mosaicos da Bíblia*, Centro Ecumênico de Documentação e Informação, p.9-12.

¹³⁹ Ivo Storniolo, “Ecologia no Deuterônômio?”, *Mosaicos da Bíblia*, Bíblia e Ecologia, Centro Ecumênico de Documentação e Informação, p.17-19.

¹⁴⁰ Paulo Roberto Garcia, Bíblia e Ecologia - uma reflexão sobre Mateus 5,5”, *Mosaicos da Bíblia*, Centro Ecumênico de Documentação e Informação, p.5-8.

¹⁴¹ Cf. Ivo Storniolo, “Ecologia no Deuterônômio?”, p.17.

¹⁴² VV.A.A. *Revista de Interpretação Latino Americana*, n.21.

¹⁴³ VV.A.A. *Revista Estudos Bíblicos*, Bíblia e a Ecologia, n.º58.

¹⁴⁴ Ludovico Garmus, “O descanso da terra: uma leitura de Ex 23,10-11 e Lv 25,1-7”, *Estudos Bíblicos*, n.º58, p.98-114.

¹⁴⁵ Haroldo Reimer, “Leis dos tempos jubilares na Bíblia: ensaio de uma perspectiva histórica”, *Estudos Bíblicos*, Bíblia e a Ecologia, n.º58, p.15-32.

como o terceiro mandamento na América Latina. Nessa revista, ele começa a pontuar o que no ano seguinte (1999) sairá em seu livro escrito com Ivoni Reimer¹⁴⁶.

Nesta obra, Haroldo Reimer aprofunda a questão do texto de Deuteronômio 5,12-15, o sábado de Deuteronômio, indicando os grupos tidos na casa do povo da terra judaíta.¹⁴⁷ Recentemente, Haroldo Reimer orientou o trabalho de Rodrigo Palma¹⁴⁸ que, diferente dos trabalhos de Haroldo Reimer, parte da ecologia para compreender os textos bíblicos com essa vontade ecológica.

Novamente citamos o nome de Pedro Kramer, que no ano de 1999 terminava sua tese de doutorado. Nela, ele coloca que em Deuteronômio 5,12-15¹⁴⁹ ocorria o ápice da criação de Deus, pois todos os grupos citados no texto são colocados na mesma proporção de descanso.

E, para terminar toda essa leitura bibliográfica que visa reconhecer o estado da questão na pesquisa e das leituras bíblicas sobre Deuteronômio, decálogo, sábado e ecologia, se indica o artigo resumo da monografia em teologia na Faculdade Batista do Rio de Janeiro de Fábio Py Murta de Almeida, publicado em 2006. O título do resumo é “Coisas de criança: uma hermenêutica do terceiro mandamento”¹⁵⁰. Nele se ensaiaram alguns dados relevantes que serão levados a essa pesquisa dissertativa.

No resumo, Fabio Py Murta de Almeida buscou dar passos histórico-críticos sobre Deuteronômio 5,12-15, ligando-o aos campos judaítas antes da reforma de Josias. Nesse caso, se partirá das pesquisas feitas por Frank Crusemann e por Haroldo Reimer, para que se possa perceber na história-social de Judá do pré-exílio elementos, históricos, econômicos e religiosos que se configurem em confluência com o descanso semanal, do tipo de Deuteronômio 5,12-15.

Então, a fim de que se continue a caminhada exegético-sócio-econômica após a leitura da bibliografia sobre o tema, traremos uma proposta de tradução do texto de Deuteronômio 5,12-15, a fim de começar a dar passos junto a atual proposta de trabalho.

¹⁴⁶ Haroldo Reimer e Ivoni Richter Reimer, *Tempos de Graça*.

¹⁴⁷ Op. cit., p.43.

¹⁴⁸ Rodrigo Freitas Palma, *Elementos de direito ambiental na Bíblia Hebraica*.

¹⁴⁹ Pedro Kramer, *Origem e Legislação de Deuteronômio*.

¹⁵⁰ Fabio Py Murta de Almeida, “Coisas de criança: uma hermenêutica do terceiro mandamento”, *Revista de Cultura Teológica*, n.55, p.61-82.

Capítulo II: O texto de Deuteronômio 5,12-15 e sua forma

“Essa cultura foi destruída. Respeitar o resíduo de indecifrábilidade que há nela e que resiste a qualquer análise não significa ceder ao fascínio idiota do exótico e do incompreensível. Significa apenas levar em consideração uma mutilação histórica da qual, em certo sentido, nós mesmos somos vítimas. Nada acontece que deve ser perdido (...)”.

Carlo Ginzburg, *O queijo e os vermes*, p.26.

Após ter-se indicado, na primeira parte do trabalho, onde se localizam as questões na pesquisa bíblica na América Latina, e como internacionalmente o fragmento de texto de Deuteronômio 5,12-15 vem sendo interpretado pela pesquisa especializada, neste capítulo, começaremos a trabalhar no texto. Se no passo anterior se buscou o extrato das questões da pesquisa sobre o sábado de Deuteronômio 5,12-15, agora, passaremos nos posicionar sobre o fragmento em questão.

Por ser uma pesquisa exegética¹⁵¹, se realça o papel do particular capítulo frente à continuação do trabalho. Uma boa compreensão da estrutura semântica hebraica fará com que todo restante da reflexão ocorra fluentemente, situando com atenção o jeito da escrita.

Então, pela leitura (tradução) mais próxima ao Texto Massorético (TM), e pela percepção da forma, se pontuará agora, os elementos mais próximos do contexto histórico, social e econômico do texto de Deuteronômio 5,12-15.

2.1. A tradução

¹⁵¹ Entendemos que por pesquisa exegética, se suprime os seguintes elementos: tradução, discussão da forma, localização dos fragmentos de textos e os comentários das palavras bíblicas antes de sua história. Esse percurso técnico vem se popularizando e enquadrando-se a América Latina principalmente pela influência de Milton Schwantes aos setores populares e a academia, conforme afirma, Flavio Schmit, “Hermenêutica Bíblica”, em José Ademar Kaefer e Haidi Jarschel (orgs.), *Dimensões sociais da fé do Antigo Israel: uma homenagem a Milton Schwantes*, p.427-432. Já, em 1982, Milton começa a palpitar sobre esse percurso num precioso texto chamado de “A Cidade da Justiça: estudo exegético de Is 1.21-28”, *Estudos Bíblicos*, p. 5-48. Texto que vem seguindo de baliza nas pós-graduações sobre Bíblia (Antigo Testamento) no Brasil, principalmente, na Universidade Metodista de São Paulo. Para que se perceba isso, cf. as dissertações: Elcio Sant’Anna, *Criação e Recriações cosmogônicas em Isaías 51,9-11*, e por Marcelo Moura da Silva, *Malaquias, mensageiro da justiça*, e, por exemplo, a tese de doutorado de Luis Jose Dietrich, *A história da história de Davi e Golias. O processo e a função social da produção da imagem de Davi como pastor de fala em nome de YHWH Zebaot, em 1Samuel 17,1-18,5*.

No caso da tradução do texto existe certo consenso da pesquisa bíblica. No que tange à exegese, a tradução busca “compreender o texto bíblico em si mesmo: as idéias, as intenções, a forma literária de um texto específico e suas relações” como escreve, Cássio Murilo Dias da Silva¹⁵².

Interessa na exegese a busca de uma tradução bem literal, que respeite ao máximo a língua original, nesse caso, a hebraica. Flavio Schmit¹⁵³ indica tal proposta ao dizer “uma boa tradução procura respeitar não apenas as regras gramaticais da língua original, mas perceber também a poética e a tensão em armar o texto”. Basicamente, é o que Cássio Murilo Dias da Silva propõe chamar de tradução formal ou literal¹⁵⁴.

No presente texto, não há preocupação com a poética, pois o texto analisado seria uma prosa, um ensino jurídico. Agora, sobre o ato da tradução Milton Schwantes¹⁵⁵ afirma que quando se traduz o hebraico ao mesmo tempo se interpreta. Aproveitando a contribuição de Milton Schwantes consideramos que junto à tradução se começa a vislumbrar as frases e orações, e com elas se começa a compreender a temática do texto.¹⁵⁶

2.2. Indicações

Muito embora, alguns estudiosos como Odette Mainville¹⁵⁷, Josef Schreiner¹⁵⁸ e Setphen Pisano¹⁵⁹ acreditem que seja importante para o estudo do cânon hebraico o trabalho com outras fontes, que não apenas a versão do TM, nesse trabalho, pouco se utilizará, da crítica textual indicada pelas comissões das Biblias Hebraicas - isto é, tanto na

¹⁵² Cf. Cássio Murilo Dias da Silva, *Metodologia de Exegese Bíblica*, p.29.

¹⁵³ Cf. Flavio Schmit, “Heremênutica Bíblica”, p.430.

¹⁵⁴ Cássio Murilo Dias da Silva divide as traduções de duas formas. A primeira, que deve ser enquadrada pela exegese, é esta, tradução formal ou literal, ela que “preocupa-se em respeitar a lingüística do original”, e a outra é a tradução funcional, que “visa superar a dificuldade do leitor hodierno tem em compreender a Sagrada Escritura. Para eliminar as tensões, modifica as estruturas frasais, utiliza palavras mais simples e articula as idéias da forma a tornar o texto imediatamente compreensível”, cf. em *Metodologia de Exegese Bíblica*, p.31-32.

¹⁵⁵ Cf. Schwantes, “A Cidade da Justiça: estudo exegético de Is 1.21-28”, p. 5-48.

¹⁵⁶ Vide Schwantes, “Repetições e Paralelismos: observações em um debate hermenêutico, exemplificado em Provérbios 10,1”, *Fragmentos de Cultura*, p.1385-1389.

¹⁵⁷ Cf. Odette Mainville, *A Bíblia à luz da história: guia de exegese histórico-crítica*, p. 39.

¹⁵⁸ Cf. Josef Schreiner, “Ejemplo de crítica textual bíblica”, em Josef Schreiner, *Introducción a los Métodos de la Exégesis Bíblica*, p.113

¹⁵⁹ Cf. Setphen Pisano, “Crítica textual”, em Horácio Simeon Yofree (org.), *Metodologia do Antigo Testamento*, p.67-91.

edição mais antiga, Bíblia Hebraica Kittel (BHK¹⁵⁹), quanto na mais recente, Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS¹⁶⁰). Embora, se reconheça o coro desses pesquisadores, no caso do texto de Deuteronômio 5,12-15 tal ciência não apresenta contribuição para o momento formativo do texto. Já que tal estudo pouco acrescenta à forma em que se encontra a prescrição analisada de Deuteronômio. Ela não ajuda a clarear nenhuma palavra encontrada no fragmento, servindo apenas para demonstrar como o texto fora lido na história interpretativa judaica e cristã.

Por isso, nesse estudo exegético se pulará esse nicho de saber.¹⁶¹ E, no lugar das discussões das variantes textuais indicadas pelas comissões, se apontará a opção feita pelo autor durante o processo de tradução do texto.¹⁶²

Os apontamentos serão localizados juntos à tradução mais literal do texto, colocados, na medida do possível, dentro das notas de rodapé explicativas do texto, e serão praticamente indicadas nesse tópico, para que, futuramente, sejam comentadas com maior precisão e maior detalhamento nos capítulos seguintes.

Finalmente, após informar como se fará a tradução do texto e de seus problemas tradutivos, primeiro se apontará o TM exposto na Bíblia Hebraica Kittel e na Stuttgartensia, para depois da apresentação do TM, indicar a proposta de tradução, com suas propostas traducionais alocadas nas notas de rodapé da tradução. O trabalho nos fará reconhecer com clareza a forma que o texto fora escrito, no próximo passo do capítulo.

2.3. O Texto Massorético

¹⁵⁹ Cf. Bíblia Hebraica Kittel, Editionem Tertiam denuo Elaboratam ad Finem Perduxerunt Editionem Septimam Auxerunt et Emendaverunt, p. 963-4.

¹⁶⁰ Cf. Bíblia Hebraica Stuttgartensia, Editio tertia emendata, p.1070-1. Esse caso de buscar outra versão parece ser apenas para se garantir mais fontes do TM, e do trabalho do editor crítico do texto de Deuteronômio.

¹⁶¹ Milton Schwanes, no início da década de 80 chega a resultados que a crítica textual normalmente não influencia a interpretação bíblica, cf. Milton Schwantes, em seu artigo “A Cidade da Justiça”, p. 5-48. Hoje em dia, Milton Schwantes de igual forma tenta fortalecer o TM encontrado nas Biblias Hebraicas, quase sempre deixando de lado tal passo.

¹⁶² Como, por exemplo, faz Carlos Dreher, *Cântico de Débora - Jz 5 - conflito social e teologia num episódio da história de Israel pré-estatal*, Elcio Sant’Anna, *Criação e Recriações cosmogônicas em Isaías 51,9-11*, p. 43-47.

$\text{^}^{\text{y}}\text{h},\text{l}\{\text{a} \quad \text{hw}''\text{hy}> \quad \text{^}\text{W}>\text{ci} \quad \text{rv},\text{a}\}\text{K};$
 $\text{AvD}>\text{q};\text{l}. \quad \text{tB}'\text{V};\text{h}; \quad \sim\text{Ay}-\text{ta}, \quad \text{rAmv}' \quad [12]$

$\text{^}^{\text{T}},\text{k}.\text{al};\text{m}.-\text{lK}'$

$\text{t}'\text{yfi}[\text{'w}> \quad \text{dbo}[\text{]T}; \quad \sim\text{ymiy}'' \quad \text{tv},\text{ve} \quad [13]$

$\text{hk}'\text{al}'\text{m}.-\text{lk} \quad \text{hf},[\text{]t}; \quad \text{al}\{\$
 $\text{^}\text{y}\text{h},\text{l}\{\text{a}/ \quad \text{hw}''\text{hyl}; \quad \text{tB}'\text{v}; \quad \text{y}[\text{iybiV}.\text{h}; \quad \sim\text{Ayw}>$

[14]

$\text{^}\text{r}>\text{gEw}> \quad \text{^}\text{T},\text{m}.\text{h},\text{B}.-\text{lk}'\text{w}> \quad \text{^}\text{r}>\text{mox}\text{]w}:$
 $\text{^}\text{r}>\text{Avw} \quad \text{^}\text{t},\text{m}'\text{a}\text{]w}:-\text{^}\text{D}>\text{b}.[;\text{w}> \quad \text{^}\text{T},\text{biW}-$
 $\text{^}\text{n}>\text{biW}$

$\text{^}^{\text{A}}\text{mK}'$

$\text{^}\text{t}.\text{m}'\text{a}\text{]w}:\quad \text{^}\text{D}>\text{b}.[;\quad \text{x};\text{Wny}''$
 $!\text{[};\text{m};\text{l}. \quad \text{^}\text{yr},[\text{'v}.\text{Bi} \quad \text{rv},\text{a}]$

^

$\text{^}\text{a}\text{]ciYOW}:\quad \sim\text{yI}r;c.\text{mi} \quad \#r,\text{a},\text{B}. \quad \text{t}'\text{yyIh}'$

$\text{db},[\text{,-yKi} \quad \text{T}'\text{r}>\text{k};\text{z}''\text{w}> \quad [15]$

$\text{hy}''\text{Wjn}> \quad [;\text{roz}>\text{biW} \quad \text{hq}'\text{z}''\text{x}]$

$\text{dy}''\text{B}. \quad \sim\text{V}'\text{mi} \quad \text{^}\text{y}\text{h},\text{l}\{\text{a}/ \quad \text{hw}''\text{hy}>$

$\text{^}\text{tB}'\text{V};\text{h}; \quad \sim\text{Ay}-\text{ta},$

$\text{tAf}[\text{]l}; \quad \text{^}\text{y}\text{h},\text{l}\{\text{a}/ \quad \text{hw}''\text{hy}> \quad \text{^}\text{W}>\text{ci} \quad \text{!Ke}-\text{l}[\text{;}$

2.4. A leitura do texto de Deuteronômio 5, 12-15

Frisando, segue a tradução literal do hebraico TM de Deuteronômio 5,12-15, com as referidas divergências traducionais colocadas nas notas de rodapé.

Deuteronômio 5, 12-15

[12] Guarda o dia do sábado¹⁶³ para santificá-lo¹⁶⁴ como te ordenou Javé teu Deus.

[13] Seis dias trabalharás e farás todo teu trabalho.

[14] E no sétimo dia (será) descanso para Javé teu Deus. Não farás nenhum trabalho, tu e (nem) teu filho, e (nem) tua filha, e (nem) teu escravo, e (nem) tua escrava, e (nem) teu boi, e (nem) teu jumento, e tdo teu animal doméstico¹⁶⁵, e (nem) estrangeiro que (está) em teus portões, para que descansem teu escravo e tua escrava como tu.

[15] E lembrarás, que escravo foste na terra do Egito, e Javé, teu Deus, te tirou, de lá com mão forte e por braço estendido, por isso te ordenou Javé teu Deus para fazer o dia de sábado.

2.5. Introdução à forma do texto

¹⁶³ Alguns intérpretes como André Chouraqui, para não perder o significado da palavra, preferem o termo *šabat*, nesse caso, há um equívoco já que é *šabbat*, cf. André Chouraqui, *Palavras*, p.85.

¹⁶⁴ Nesse texto se fez a opção de traduzir por “santificar-lo”, baseando nos títulos, de Norbert Lohfink, *Zur Dekalogfassung von Dt 5*, p.193-290, Georg Braulik, “Die Abfolge der Gesetze in Dtn 12-26”, p.232-255. Contudo, não se pretende faltar à tradução de “separá-lo para descanso” detalhado por Frank Crüsemann, *Preservação da liberdade*, p.21-46, e como analisa, Haroldo Reimer em “Leis dos tempos jubilares na Bíblia”, p.18-19. Ambos estes autores se baseiam análise no dicionário teológico de Fritz Stolz, “Art. Sbt – aufhören, ruhen”, em *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament*, volume II, p.863-869. Linha se autores que enfatiza o vínculo do verbo *sbt* com as questões agrícolas de Judá, não tão festivas (litúrgicas) como a escola Norbert Lohfink-Georg Braulik ponderam. Ambas propostas que serão mais à frente apreciadas. Contudo, radicalizando sobre a questão sagrada e festiva aparece à abordagem de André Chouraqui, *Palavras*, p.85, quando traduz por: “consagrá-lo”.

¹⁶⁵ Anteriormente, buscou identificar esse animal como sendo os “animais que pisam a terra”, cf. Fabio Py Murta de Almeida, *Coisas de criança*, p.61-82. Agora, indo com mais atenção ao próprio termo no dicionário de Wilhelm Gesenius e Edward Robison, *Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*, p.310-311, percebemos que não se trata apenas de “animais quadrúpedes”, mais que eles pertencem também a esfera doméstica da vida agrícola judaíta. São, pois, “animais de porte domésticos”.

Depois de se traduzir o texto, passamos agora a recolher elementos que firmam relações com o fragmento estudado com o todo de Deuteronômio, e, especificamente, com o decálogo. Ao enriquecer a pesquisa exegética fortificada nos elementos sócio-econômicos, um detalhe latente para a pesquisa é indicar detalhes sobre o jeito em que a prescrição fora consolidada, ou até se pode dizer, a forma em que o texto fora construído oralmente até sua forma canônica atual.

De fato, embora não encontre elos diretos com a pesquisa canônica (crítica da redação), e até certo ponto, fugindo das pretensões atadas neste tipo de pesquisa, indaga-se pela forma em que seus escritores compuseram Deuteronômio 5,12-15. Para isso, buscamos dialogar direta ou indiretamente com os textos de Deuteronômio (principalmente, de Deuteronômio 12-16) e com as prescrições¹⁶⁷ ligadas à temática tribal do descanso da terra no pré-exílio como de Êxodo 34 e de Êxodo 23. Parte-se assim do trabalho de Haroldo Reimer e Ivoni Reimer, sobre as leis e as tradições jubilares no Antigo Testamento.

Compreendemos que no fim do pré-exílio houvera a distribuição de Deuteronômio 5,12-15, para certas camadas da população, aos que tinham bois, servos e homens em sua propriedade. E, no exílio babilônico palestino houvera a reprodução do material, por conta de uma nova organização vivenciada pela invasão babilônica, idéia essa compreendida na exegese literal de Norbert Lohfink¹⁶⁸ e a histórico-social de Frank Crüsemann¹⁶⁹. Norbert Lohfink e Frank Crüsemann que entendem o texto do sábado de Deuteronômio 5,12-15, como fruto da circulação do exílio, quando deve ter sido integrado junto ao divino.¹⁷⁰

Basicamente, são essas as duas questões a serem perseguidas no restante do capítulo. Pelo que compreendemos, elas nos levam ao reconhecimento de traços da coesão interna do texto, mobilizam partículas, palavras e expressões que firmam, sobretudo a indicação de que o texto fora transmitido (ou não) como fragmento na sociedade.¹⁷¹

¹⁶⁷ Cf. Reimer e Reimer, *Tempos de Graça*, p.42-46.

¹⁶⁸ Cf. para isso a proposta de Norbert Lohfink quando fala do decálogo original no pré-exílio, e houve o assentamento do texto no império babilônico, *Studien zur Deuteronomium und zur deuteronomischen*, p.203.

¹⁶⁹ Cf. Crüsemann, *Preservação da liberdade*, p.18-39.

¹⁷⁰ O teólogo batista Jorge Pixley é quem tanto indaga a entrada do decálogo junto à posição da teofania sináptica. Muito embora, ele acredite que o decálogo de Deuteronômio seja uma revisão do de Êxodo, esse e outros posicionamentos seus podem ser vistos no comentário: Jorge Pixley, *Êxodo*, p.174-202.

¹⁷¹ Nesse caso se esta evocando a teoria de perícopes, que será mais à frente aprofundada, vide para isso inicialmente, Milton Schwantes, *A terra não pode suportar suas palavras: reflexão e estudo sobre Amós*, p. 145-149.

No restante do capítulo buscaremos radicar elementos da forma em que fora escrito, sempre ratificando elementos desse texto com as sentenças que tem vínculos temáticos e de mesmo local vivencial. No caso, como se disse acima, primeiro se reconhecerá a relação de Deuteronômio 5,12-15 junto ao Pentateuco, para, posteriormente, se o entender como fragmento do decálogo.

2.5.1. Ponderações sobre a autoria

Uma possível relação entre o fragmento de Deuteronômio 5,12-15 com os outros textos de Deuteronômio talvez seja o ponto mais controverso do capítulo. Sim, por que, alguns pesquisadores bíblicos¹⁷², por exemplo, sempre duvidaram dessa relação. Nesse caso, mediante o testemunho de importantes pesquisadores não negamos a dificuldade de se localizar o decálogo junto ao escopo de Deuteronômio, mesmo porque, se ele fosse retirado do quinto capítulo do livro, os fragmentos vizinhos permanecem praticamente com sentido intacto.

Temos a impressão de que ele foi colocado no endereço atual de forma brusca, repentina, como pondera o professor de Marburgo, Erhard Gerstenberger ao dizer, “decálogo é um bloco isolado no seu contexto imediato (...) nada do que antecede ou se sucede (...) o alude com uma sílaba”¹⁷³. Ora, Erhard Blum¹⁷⁴ distingue um pouco sua posição da percepção de Erhard Gerstenberger compreendendo que ao menos o decálogo de Deuteronômio 5 fora colocado de forma muito mais articulada com a literatura de Deuteronômio do que o de Êxodo.

Mesmo considerando que o todo do decálogo não se submete à forma habitual do livro de Deuteronômio, pela pesquisa se caracteriza que o sábado de Deuteronômio 5,12-15 e o livro de Deuteronômio não sejam tão distantes. Já que, diferentemente das outras partes do decálogo, seu tamanho é maior. E, segundo Georg Braulik¹⁷⁵, nele, mais que nos outros

¹⁷² Pesquisadores como: Albrecht Alt, cf. Schmidt, *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 110-112, Martin Noth, *Überlieferungsgeschichtliche Studien*, p. 18-39, Frank Crüsemann, *Preservação da Liberdade*, p. 22, Lohfink, “Zur Dekalogfassung”, p.17-32.

¹⁷³ Para a relação com os fragmentos de textos ao redor, cf. Erhard Gerstenberger, “Os dez e os outros mandamentos de Deus”, p.9.

¹⁷⁴ Cf. a descrição de Erhard Blum em “Israel no monte de Deus - observações sobre Ex 19-24; 32-34 e sobre o contexto literário e histórico de sua composição”, p. 217-39.

¹⁷⁵ Cf. Braulik, “O livro de Deuteronomio”, 2003, p.96-113.

mandamentos do decálogo se tem maiores traços com linguagem parenética – aproximando-se a Deuterônimo 12-26.

Nesse caso, a construção do sábado do decálogo de Deuterônimo 5,12-15 deve ter relação direta com o círculo que escreveu as demais prescrições do bloco de Deuterônimo 1-4, e de Deuterônimo 6-11, como indicam alguns pesquisadores¹⁷⁶. Pode ter pertencido, sim, ao grupo de autores que construíram e organizaram pedaços de Deuterônimo.

Agora, sobre a questão da grafia e do grupo responsável por tal escrita, será debatida no tópico abaixo, quando se buscará fazer um detalhamento específico, destacando-se a coesão interna do texto.

2.5.2. Coesão interna

Após o desenvolvimento da pesquisa de Wilhelm M. L. de Wette sobre o decálogo em Deuterônimo 5, começou a dissociá-lo das partes de Deuterônimo. Martin Noth, no âmago da crítica das origens, salienta bem esse espírito de divergência entre esses textos canonicamente espaçados no mesmo teto, afirmando que: “o decálogo (...) uma peça literariamente coesa secundária na história da teofania sinaítica (...), uma unidade coesa e autônoma (...) que no início teve própria história traditiva”¹⁷⁷

Pensamos na citação de Martin Noth quando chama o decálogo de uma “peça autônoma”, pergunta-se se acaso o vocabulário do terceiro mandamento apresenta tamanhas diferenças em relação aos textos de Deuterônimo. Pois, se internamente o tiver, de fato Martin Noth terá razão ao colocar o decálogo como uma narrativa secundária em relação a Obra Historiográfica Deuteronomista.

Para responder tal indagação, metodologicamente, primeiro reconheceremos as partículas, os pronomes e preposições de Deuterônimo 5,12-15, com o todo de Deuterônimo. Após as partículas, se detalhará um pouco sobre alguns verbos, e, posteriormente aos verbos, o trabalho indicará se acaso tal fragmento fora uma peça distribuída em Judá durante o pré-exílio.

¹⁷⁶ Pesquisadores como: Nakanose, “Para entender o livro de Deuterônimo”, p.176-193, Schmidt, *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 110-112, Erich Zenger, “O tema da ‘saída do Egito’ e a origem do Pentateuco”, p.247.

¹⁷⁷ Cf. a tradução feita por Schmidt, *Introdução*, p. 110-112, sobre a obra (*apud*) Martin Noth, *Altes Testament Deutsch*, p.124.

Fazendo essas duas análises, finalmente, há condições de se expor a relação entre ambos os cabedais. Passamos, agora, às partículas, para que se entenda melhor a relação do fragmento de Deuteronomio 5,12-15 frente ao seu livro bíblico.

2.5.3. As partículas de Deuteronomio 5,12-15

Começa-se destacando uma partícula central ao fragmento, por logo destacar o sujeito ao qual se destina tal ordenança. Por não ser um substantivo, a regra gramatical portuguesa prefere chamá-lo de sujeito oculto da frase.

Sobre a partícula, alguns estudiosos¹⁷⁸ afirmam que tanto o decálogo tanto quanto o Código Deuteronomico, e as demais parte de Deuteronomio parecem ser endereçados à mesma pessoa social judaica, inscritos da seguinte forma no hebraico: הַT' a i (*atah*)¹⁷⁹, que é o pronome pessoal reto, “tu”, tido em Deuteronomio 5, 14.

Ora, se não aparece o pronome *atah?* em praticamente todo fragmento de Deuteronomio 5,12-15 e ao longo de toda literatura de Deuteronomio, a 2ª pessoa do singular permanece, por que sobra nas palavras a forma final *ki*, mensurando no português, os pronomes “teu”, “teus”, “tua” e “tuas”, por exemplo, em הַy h , l { a / (*lohéki*) “teu Deus” (v.12 e 15)¹⁸⁰. Tal forma se apresenta como inovação junto aos textos ligados ao descanso do trabalho, no Código da Aliança em Êxodo 23,12, do século 8a.C., quando se começa a designar a pessoa de onde se fará a obra, “Seis dias farás tua obra” (v12a)¹⁸¹. O texto começa a destacar o israelita livre como sujeito da deliberação, diferentemente do texto do descanso da terra anterior, isto é, de Êxodo 34, 21, quando no tribalismo do povo de Israel, não endereçando a que grupo social se escrevia tal deliberação¹⁸².

¹⁷⁸ Estudiosos como: Crüsemann, *Preservação*, p. 21-45, Erhard Gerstenberger, “Os dez e os outros mandamentos de Deus”, p.8-22, Pixley, *Êxodo*, p.174-202, Garcia Lopez, *Decálogo*, Athalya Brenner, “Uma palavra final: o Decálogo – sou uma destinatária?”, p.282-286, e Reimer, *Leis dos tempos Jubilares*, p.15-32.

¹⁷⁹ Sobre a partícula, importante o comentário de Wilhelm Gesenius e Edward Robinson, *Hebrew and English*, p.1243. Ainda, em português vide os detalhamentos, e mais ainda, sobre a questão da transliteração dos termos em hebraico, cf. o padrão localizado na gramática de Page H. Kelley, em seu *Hebraico Bíblico*, p.8-27. Lá, se poderá ter acesso da divisão da língua hebraica a ser mensurada nesta dissertação.


¹⁸⁰ Cf. Wilhelm Gesenius e Edward Robinson, *Hebrew and English*, p.1243.

¹⁸¹ Para isso cf. Reimer, *Leis dos tempos Jubilares*, p.40.

¹⁸² Crüsemann, *A Tora*, p.189-203.

Nesse caso, o texto de Deuteronômio 5,12-15, radicaliza nas deliberações sobre o descanso da terra ao apresentar tanto o pronome *atah?* quanto a forma final *ki*. Assim sendo, parece que o contexto sócio-econômico teria levado a utilização no descanso da terra em Deuteronômio 5,12-15.

Agora, voltando a dizer exclusivamente sobre a forma final *ki*, ela é comum não só na literatura de Deuteronômio, mas também nos blocos de leis do Antigo Testamento, como no Código da Aliança, de Êxodo 20,22-23,30.¹⁸³ Parece que tanto Código da Aliança e o Código Deuteronômico estão sendo endereçados a essa pessoa social, ao qual se restringe, como: “teu”, “tu”, “tua”. Agora, em relação a Deuteronômio 5,12-15, ambas as partículas têm a função de rememorar aos leitores desse texto a quem está se designando tal palavra. Mesma pessoa social, a qual, se encomenda o texto de Deuteronômio, e as Bíblias protestantes (como as versões do Almeida e a Nova Versão Internacional, por exemplo) ampliam sua concepção social ao traduzi-lo por: “vós”. Assim, Athalia Brenner¹⁸⁴ diz que o decálogo tem um caráter mais universal quando se traduz pela primeira pessoa do plural.

Depois do termo “tu” típico da literatura de Deuteronômio há uma outra partícula de destaque, na verdade, são duas extremamente parecidas. Tem mesma estrutura, são elas *W>* (*ve*) e *◆*  (*va*), significam, “e”¹⁸⁵. São importantes, pois nas frases dão o sentido ligando as palavras, as formas, às orações, e, mais ainda, em termos gerais dão o sentido ao texto hebraico, permitindo a ele coesão.¹⁸⁶

Aparecem na literatura de Deuteronômio, da mesma forma em que ocorrem em toda literatura do Antigo Testamento. Nesse caso, pouco pode ajudar sobre a relação do sábado de Deuteronômio 5,12-15 com o bloco de Deuteronômio 12-26. O que se pode demonstrar com elas é que, devido à grande quantidade de suas ocorrências, normalmente o texto se

¹⁸³ Para a função do *kî* nos códigos legais bíblicos, e principalmente no Código da Aliança, cf. os detalhes de Crüsemann, *A Tora*, p. 159-163, Reimer e Reimer, *Tempos de Graça*, p.30 e Ska, *Introdução*, p.56.

¹⁸⁴ Cf. Athalya Brenner, “Uma palavra final”, p. 282-286.

¹⁸⁵ Gesenius e Robinson, *Hebrew and English*, p.1142. Sobre o aspecto de ligação de *vê* e *va* nas frases e orações vide o texto de Page H. Kelley, *Hebraico Bíblico*, p. 8-9.

¹⁸⁶ Sobre o aspecto da coesão com essas partículas, cf. o ensaio, Fabio Py Murta de Almeida, “Reconhecemos nossos inimigos: meditações exegéticas das entranhas javistas”.

encontra em prosa, ou mesmo como uma narrativa bíblica. Prosa compreendida basicamente na falta de verbos e na elevação dos substantivos e de partículas.¹⁸⁷

Devemos destacar ainda, outra partícula que integra a coesão interna da parte de Deuteronômio 5,12-15. Ela que inicialmente pertencera à boca dos profetas, e que agora, pertence aos aparatos da situação de Judá, é pois a partícula $\square\odot\text{K}$ (*kî*) que se traduz por “eis que”, “atenção” e “pois”¹⁸⁸. Nesse caso, como é um ensino, resolvemos traduzi-la pela última forma, “pois”. É que as duas primeiras formas se enquadram mais à órbita profética e dos salmos. Essa formula *kî* é outro caso que perpassa todo livro de Deuteronômio, sendo até comum no direito do Oriente Antigo, especialmente nos antigos códigos legais hititas. Sendo assim, tem relação com os textos bíblicos, e se fortalecem junto aos documentos que influenciaram a construção legal judaica. E no judaísmo, principalmente nas prosas, elas ligam as orações que precisam ser concatenadas entre suas idéias.

2.5.4. Os verbos de Deuteronômio 5,12-15

Depois de tratar das partículas que aparecem no fragmento de texto, aquelas entre as quais a pesquisa aposta como as mais relevantes para a coesão das frases, passamos ao reconhecimento das ações, dos verbos.

Buscamos agora que ações são unidas na forma de mandamento bíblico. Nesse caso, se resolveu indicar três verbos, que salientam e destacam o pedaço de texto de Deuteronômio 5,12-15.

O primeiro entre as ações articuladas na ementa legal se apresenta logo no início do texto, é a palavra hebraica שמר (*šamôr*), localizada no v.12. Pesquisadores¹⁸⁹ traduzem-na por “guardar”, “mandar” e “proteger”.

¹⁸⁷ Para construção das prosas e das poesias bíblicas, vale a pena cf. o texto de Schwantes, “Repetições e Paralelismos: observações em um debate hermenêutico, exemplificado em Provérbios 10,1”, *Fragmentos de Cultura*, v.15, n.9, p.1385-1389.

¹⁸⁸ Gesenius e Robinson, *Hebrew and English*, p. 1431. Agora, para a diferenciação dos textos legais com a re-significação feitas pelos textos proféticos das cerimônias dos mortos do Oriente Antigo, cf. a abordagem de Aage Bentzen, *Introdução ao Antigo Testamento*, p.120-178.

¹⁸⁹ A pesquisa de Frank Crüsemann dá um longo tratamento a análise da raiz verbal dessa palavra. Ele costura seu trabalho ponderando os significados desse tronco verbal (*šmr*) antes e depois do reinado em Judá,

Na forma em que se encontra no *qal infinitivo do tronco* יָמַו, o verbo volta a ser repetido no texto de Deuteronômio em Deuteronômio 6,17, num texto em que algumas pesquisas¹⁹⁰ caracterizam como uma parênese acentuada. Ela volta a aparecer no meio do Código Deuteronômico, isto é, no capítulo 16,1, num texto capital para Georg Braulik¹⁹¹ pois nele se lembra do êxodo, evento no qual no contexto da dominação Assíria, simbolizava para os judaítas a luta para tirar do solo o seu sustento, diferentemente do que ocorria na escravidão egípcia. Nesse sentido, para Georg Braulik, tal verbo é chave para a compreensão da festividade judaica da Páscoa e dos Paes Ázimos, não podendo se negar sua relação com o vocabulário deuteronômico. O mesmo não se pode dizer sobre as leis do descanso, entre elas, tal terminologia não é empregada.

O segundo verbo que merece destaque, neste mandamento, por parecer relacionar frases e juntar conceitos é הַפְּ, [] תִּי (t^aséh), no v.14. Ele que é a forma *imperfeito qal* na segunda pessoa do singular do verbo שָׁעַ (‘sh), “fazer”, traduzida segundo Frank Crüsemann¹⁹³ por “farás”. É, outro verbo comum na literatura do decálogo de Deuteronômio, aparecendo no mandamento sobre as imagens no v.4a¹⁹⁴, e tendo aproximadamente vinte ocorrências no Código Deuteronômico¹⁹⁵. Da mesma forma, o verbo ocorre também na prescrição de Êxodo 23, 12 iniciando o mandamento, e dando mais implicações sociais às palavras sobre o descanso do trabalho.¹⁹⁶

Agora, o terceiro e último verbo a se destacar nesse momento da forma do texto, é, pois, a forma hebraica תִּזְכֹּר (zak^arta) encontrada no início do v.15. Significa, segundo Wilhelm Gesenius¹⁹⁷: “lembrarás”, “memorizarás” e “recorda-te”. É

em *A Tora*, p. 98-118, concordando com a pesquisa de Gesenius e Robinson, *Hebrew and English*, p. 256-257.

¹⁹⁰ Pesquisas feitas por: von Rad, *Teologia do Antigo Testamento*, p.97-103, Schmidt, *Introdução*, p.126-127, Georg Braulik, *Deuteronomium 1-16,17*, p.116-117.

¹⁹¹ Op. Cit.

¹⁹³ Cf. Crüsemann, *A Tora*, p. 98-118. Embora, não mencionado no texto acima, cf. para esta tradução, Gesenius e Robinson, *Hebrew and English*, p. 110.

¹⁹⁴ Cf. a descrição do verbo de Lima, *A proibição de se fabricar ídolos*, p.35/119-135.

¹⁹⁵ Diferentemente de Norbert Lohfink-Georg Braulik, Frank Crüsemann incita que o verbo “fazer” se relaciona com a práxis do povo, cf. *A Tora*, p. 317-326, termo que em Gesenius e Robinson, *Hebrew and English*, p.234, tem o significado de “cumprir”.

¹⁹⁶ Cf. Reimer e Reimer, *Tempos de Graça*, p.41.

¹⁹⁷ Gesenius e Robinson, *Hebrew and English*, p.1006.

outra forma verbal importante para os textos de Deuteronômio, e que no Código Deuteronômico ganha mais força, como se pode ver na seqüência de texto: Deuteronômio 8, 2.18; 15, 15; 16, 12; 24, 18.22. Um verbo que cumpre em Deuteronômio o objetivo de rememorar o povo a tradição do êxodo, bem como também a tradição do deserto¹⁹⁸. Essas tradições que são exemplares para o povo de Javé¹⁹⁹, muito mais ainda para o povo que teria migrado no deserto, e que seria o destinatário deste ensino legal.

Seriam os mesmos que migraram direto do Egito, e que se designavam como descendentes de Davi, grupo no qual trás para a sociedade uma tradição ao constituir-se à frente de Judá. Mas parecem usufruir de uma “invenção de tradição”²⁰⁰ do que propriamente uma “memória subversiva”²⁰¹, como Haroldo Reimer e Ivoni Reimer²⁰² incitam. Nesse caso, o ensino de Deuteronômio 5,12-15 inova novamente, já que traz sobre o efeito do descanso do trabalho (diferentemente de Êxodo 34 e de 23) a tradição mítico-salvífica do êxodo, promovendo sobre o simples ato de parar o serviço uma ajuda as lavouras de Judá.

Agora, um detalhe atenuante sobre os verbos acima destacados. Os três verbos em conjunto parecem formar um círculo hermenêutico, em prol de uma parênese bem elaborada há seu tempo. Trazem uma lei típica do livro de Êxodo (o descanso da terra) para dentro do livro de Deuteronômio, incrementando-a com traços característicos das elaborações do Código Deuteronômico. Esquemáticamente, primeiro se incita para que se “guarde” (v.12), depois se diz o que “não” deveria ser “feito” (no v.14) e, por fim, se memoriza atenuando, ao verbo “lembrarás”, o evento do Egito a parcela do povo alvo do mandamento.²⁰³

É um esquema aguçado para que fosse utilizado socialmente, e não apenas tratado nas festas junto às utopias do povo bíblico como indicam algumas pesquisas.²⁰⁴ Palavras não se

¹⁹⁸ Cf. Crüsemann, *Tora*, p.378-382.

¹⁹⁹ Sobre por enquanto cf. Israel Finkelstein e Neil A. Silberman, *A Bíblia não Tinha Razão*, p.74-105, e ainda, na América Latina, cf. a descrição de Milton Schwantes, “Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra: iniciação à temática do trabalho e do trabalhador na Bíblia”, *Revista de Interpretação Latino Americana*, p.6-21.

²⁰⁰ Eric Hobsbawm, *On history*, p.98-107.

²⁰¹ Maurice Halbwachs, *A memória coletiva*, p.34-67.

²⁰² Reimer e Reimer, *Tempos de Graça*, p.44.

²⁰³ Sobre esse esquema descrevemos anteriormente em Almeida, “Coisas de criança”, p.62-81.

²⁰⁴ Para isso vida a pesquisa de: Lohfink, “Deuteronomim und Pentateuch”, p.26-41, Georg Braulik, “Die Abfolge der Gesetze in Dtn 12-26 und der Dekalog”, p.232-255, e Pedro Kramer, *Origem e legislação de Deuteronômio*, p.271-282.

fundamentam em utopias, mas na prática social e na dinâmica da sociedade.²⁰⁵ Nisso, na forma em que se vai encaminhando o trabalho, já se pode perceber elos entre os autores da parte central de Deuteronômio (Deuteronômio 12-26) e do terceiro mandamento do seu decálogo, o sábado. Pois sim, o vocabulário, as tradições e os interesses se enquadram entre os blocos de textos. Assim, o dia de descanso deve ter sido levado para dentro do livro de Deuteronômio pois não se enquadrou no Código Deuteronômico.

Por fim, após trabalhar basicamente os conectivos e alguns verbos-chaves para o ensino legal de Deuteronômio 5,12-15, continuaremos a descrição da coesão desse fragmento de pregação, agora como parte escrita (ensinada) para uma parcela do povo de Judá.

3.3. O sábado como prática social

Partindo dos dados levantados, alguns elementos importantes já foram indicados quanto a forma do texto de Deuteronômio 5, 12-15. Diretamente, quando se propôs a discutir os vínculos literários da peça de Deuteronômio, com a haste de Deuteronômio 12-26, já se reconhecia também, certas palavras que dão coesão interna²⁰⁶ à unidade.

A conjunção aditiva *v^e* responde ao elo das orações e das palavras de mesma classe. A manutenção da 2ª pessoa do singular ao longo dos três versículos é visível (do v.12 ao 15) diante da conjunção *kî*, e por fim, os verbos dão coro, formando um círculo hermenêutico perfeito, ligando o ato de separar um dia para o descanso à tradição do Êxodo²⁰⁷, que lembra a uma parcela do povo o valor de se trabalhar e de se ter terra para isso. Coisa que não ocorria na escravidão egípcia.

²⁰⁵ Esse é um enredo da sociologia, para isso cf. Antonio Gramsci, *Concepção dialética da história*, p.38.

²⁰⁶ Para a regulamentação da coesão interna na crítica bíblica da América Latina, cf. Schwantes, “A Cidade da Justiça”, p.8-48. Nesse caso é importante se destacar os vínculos deste trabalho com as críticas das origens, como “crítica da forma” e a “crítica das fontes”, já que se gostaria de entender que o texto de Deuteronômio 5,12-15 como uma parte socializada, essa evocada sobre a descrição de Max Weber, *Das antike Judentum*, Tübingen, p.281-295. Para isso, em termos da literatura profética chamou de panfleto e manchete, e para termos de Pentateuco, chamou de perícopes, para esse detalhamento na América Latina, cf. Milton Schwantes, “Interpretação de Gn 12-25: no contexto da elaboração de uma hermenêutica do Pentateuco”, *Estudos Bíblicos*, nº1, p.37-49, e mais detalhadamente, em Milton Schwantes, *A Família de Sara e Abrão: texto e contexto de Gênesis 12-25*, p.21-26.

²⁰⁷ Lohfink, *Grandes manchetes de ontem e de hoje*, p.241-242.

Falta apenas um detalhe para que compreendamos pela leitura sociológica bíblica, enraizada na tradição weberiana²⁰⁸ que o pedaço de Deuteronômio 5,12-15 fora inscrito para que fosse circulado, distribuído para o povo, para que se entenda esse texto não apenas como uma mera regulamentação, mas que configura ser uma palavra inicialmente jurídica²²⁴ vivificada na dinâmica da sociedade de Judá.

Junto a esse tipo de percepção teórica (crítica das origens) se nutre para que reconheçamos se o texto teve inserção social, ou, se esse mesmo texto é uma parênese (legal) disponibilizada do povo para o povo, importante é que em suas parte mais externa se repitam, detalhes normalmente chamados de inclusão do texto²⁰⁹. Esse detalhe pode ser visto tanto no início do v.12, como se pode vê-lo chegando ao fim do versículo, ele que se identifica justamente com o fim do v.15. Interessante de se pensar que na *inclusão* do texto, um termo que se repete como um “bordão”, para dar aos ouvintes a consciência de que o mandamento está terminando. Então a inclusão do mandamento do sábado de Deuteronômio 5,12-15, seria:

“o dia do sábado” ↔ “te ordenou Javé teu Elohim”

tB'Vih; ~Aÿ-ta, ^yh, l{a
hw"hy> ^W>ci


“Bordões” que guardam para si um incentivo à parcela da sociedade que iria separar um tempo para sanar os danos na propriedade, e para dar descanso ao povo que trabalhava em suas terras. Era importante que fosse mensurado da forma teológica, pois diante dos problemas que vinham passando parte dos proprietários de terras livres, só uma palavra da coalizão sob o prisma do divino poderia dar força a uma possível solução aos problemas nas roças.

²⁰⁸ Cf. para isso o texto de Schwantes, *A terra não pode suportar suas palavras*, p.135, apud, Max Weber, *Das antike Judentum*, p.281-295.

²²⁴ Para o conceito de sentença, como os referentes nos livros da Lei as “perícopes” de Gênesis, e as “manchetes” e “panfletos” na literatura profética, cf. Milton Schwantes, *A Família de Sara e Abrão: texto e contexto de Gênesis 12-25*, p.21-26.

²⁰⁹ Para inclusão nos textos bíblicos, cf. Mercedes Lopez, “A Hokmah bem humorada”, *Mandrágora*, n° 11, p.43-59.

Os “bordões” invertem as posições dos termos que se repetem. Brincam com a estrutura do texto. Assim, para que se possa ver a forma, em que os responsáveis pela escrita do texto teriam escrito, se destacou o bordão no sábado de Deuteronômio 5, esquematizando da seguinte forma o esquema abaixo - baseado no TM:

^W>ci rv,a]K; AvD>q;l. tB'V;h; ~Ay-ta,
 rAmv' [12] ^yh,l{a hw"hy>
 t'yfi['w> dbo[]T; ~ymiy" tv,ve [13] ^T,k.al;m.-lk'
 al{ ^yh,l{a/ hw"hyl; tB'v;
 y[iybiV.h; ~Ayw> [14]
 ^t,m'a]w:-^D>b.[;w> ^T,biW-^n>biW
 hT'a; hk'al'm.-lk hf,[]t;
 ^yr,['v.Bi rv,a] ^r>gEw>
 ^T,m.h,B.-lk'w> ^r>mox]w: ^r>Avw
 ^AmK
 ' ^t.m'a]w: ^D>b.[; x;Wny" ![;m;l.
 ~V'mi ^yh,l{a/ hw"hy>
^a]ciYow: ~yIri;c.mi #r,a,B. t'yyIh'
 db,[,-yKi T'r>k;z"w> [15]
~Ay-ta, tAf[]l; ^yh,l{a/ hw"hy>
^W>ci !Ke-l[; hy"Wjn> [;roz>biW hq'z"x]
 dy"B.

♦ 'tB'

|v:h|;

Agora, em português pode ser visto da seguinte forma, o esquema acima:

[12] Guarda o dia do sábado para santificá-lo te ordenou Yahweh teu Deus. [13] Seis dias trabalharás e farás todo teu trabalho. [14] E no sétimo dia (é) descanso para Javé teu Deus. Não farás todo trabalho, tu e (nem) teu filho, e (nem) tua filha, e (nem) teu escravo, e (nem) tua escrava, e (nem) teu boi, e (nem) teu jumento, e todo teu animal doméstico, e (nem) estrangeiro que (está) em teus portões, para que descansem teu escravo e tua escrava como tu. [15] E lembrarás, pois escravo foste na terra do Egito, e Javé, teu Deus, te tirou, de lá com mão forte e por braço estendido, pois te ordenou Yahweh teu Deus para fazer o dia de sábado.

Deuteronômio 5,12-15, de acordo com as informações levantadas nesse capítulo, pode ser considerado no início como um dispositivo legal, passando a ter posteriormente apelos de parênese brotada no interior de Judá, no meio da dinâmica social entre seus proprietários de terras. Da mesma forma, o vínculo entre Deuteronômio 5,12-15 com o bloco central, isto é, o Código Deuteronômico (Deuteronômio 12-26), o vocabulário garante isso, mesmo que a pesquisa de Norbert Lohfink²¹⁰ diga o oposto. Mesmo na pesquisa deste especialista da Faculdade de Filosofia e Teologia Jesuítica Sankt Georgen, se assume que no pré-exílio deveria existir um “decálogo original” – “primitivo”.²¹¹

Mesmo assim, se a crítica de Norbert Lohfink permanecer, afirmando que em relação ao caso do sábado não existe qualquer prescrição em Deuteronômio com esse termo, argumentamos que por não ter sido incluído na literatura de Deuteronômio 12-26, o sábado de Deuteronômio 5,12-15 é que fora colocado neste fragmento. Ora, ao se faltar escrever no Código Deuteronômico sobre ele, justamente, o enquadraram posteriormente nesta parte.

²¹⁰ Cf. Lohfink, “Zur Dekalogfassung”, p.17-32.

²¹¹ Cf. Lohfink, *Studien zum Deuteronomium I*, p.193-209.

Segundo trabalha Baruch Halpern²¹², diante de uma nova sociedade, se fez um novo ensino atualizando as antigas prescrições legais tribais de Êxodo 34,21 e Êxodo 23,12, para os tempos do reinado de Josias.

Nesse caso, nos ajuda a pesquisa de Werner H. Schmidt²¹³, ao afirma “o decálogo é uma criação da mesma pena que criou também o Deuteronômio”, como também a afirmam alguns pesquisadores²¹⁴. Assim, após estabelecermos os vínculos literários (e sociais) do sábado com a escola ao qual escrevera Deuteronômio 12-26, passamos à vontade de se reconhecer como a articulação literária de como o ensino de Deuteronômio 5,12-15, fora composta ante esta nova sociedade ao qual se estrutura o deuteronomismo.

3.4. Estrutura concêntrica

Após o reconhecimento da coesão de Deuteronômio 5,12-15 a partir das palavras, dos verbos e de sua *inclusão*, imaginamos que a parte mais desenvolvida do decálogo de Deuteronômio possa ter, além da repetição das formulas no início e no fim, uma forma interna de estruturação²¹⁵.

A pesquisa nesta dissertação sobre Deuteronômio 5,12-15, não tem como fim a estruturação do decálogo, mas de fato, tal estrutura interna dele pode vir a ser um dos desafios a serem buscados posteriormente. Agora, tendo como base o trabalho de Norbert Lohfink²¹⁶, onde pela forma conjunta do decálogo, o sábado é o ápice desse bloco de texto.

²¹² Baruch Halpern, ‘Jerusalem and the Lineages in the seventh Century BCE - Kinship and the Rise of Individual Moral Liability’, p.11-107. Justamente, o que Bernard Levilson trabalha em seu ‘The Reconceptualization’, p.511-534, nesse caso pensando basicamente do exílio babilônico.

²¹³ Cf. Schmidt, *Introdução*, p.118.

²¹⁴ Estes como: Reimer e Reimer, *Tempos de Graça*, p.42-45, Garcia Lopez, *Decálogo*, p.60-73, Erich Zenger, “O tema da ‘saída do Egito’ e a origem do Pentateuco”, p.247.

²¹⁵ Quando se refere aos modos de estruturação se esta se referindo especificamente ao modo palíndromo, ou quiásmo, ou, popularmente difundido, como estrutura de cebola, sobre ele, cf. Silva, *Metodologia de Exegese*, p.44-45.

²¹⁶ Nesse caso há de se destacar uma das primeiras indicações (pesquisas) conhecidas, entre as quais Norbert Lohfink, importante pesquisador da Faculdade de Filosofia e Teologia Jesuíta Sankt Georgen de Frankfurt veio a descrever sobre a relação das leis do decálogo de Deuteronômio. Para isso, vide o esquema abaixo, em que Norbert Lohfink indica os períodos de cada lei no corpo do decálogo:

I. Adoração de YHWH	5, 6-10	longo		
II. O nome de YHWH		5, 11	curto	
III. O sábado		5, 12-15		longo
IV. Os pais		5, 16	curto	
V. Mandamentos morais	5, 17-21	longo		

E, fazendo a secção das estruturas palíndromas de Deuteronomio 5,12-15, propostas por Feliz Garcia Lopez²¹⁷ e por Giovano Ravasi²¹⁸, chegamos a seguinte estrutura do sábado de Deuteronomio 5, já proposta anteriormente num artigo²¹⁹ e numa monografia²²⁰:

A] Deuteronomio 5, 12 - *šabbat*

B] Deuteronomio 5, 13 – trabalho em tua obra

**C] Deuteronomio 5,14 – estrutura de quem tem
submissão à palavra**

B'] Deuteronomio 5,15a –b – trabalho no Egito

A'] Deuteronomio 5,15 b-c - *šabbat*

Considerando a estrutura acima, detalhes serão desenvolvidos na análise do texto bíblico tido no próximo capítulo. Capítulo²²¹ esse que terá como critério de arrumação justamente a estrutura exposta acima, uma estrutura concêntrica que realça, justamente o vínculo do texto e da pesquisa, com a via social e econômica dos judaítas, que nesse caso, a indicamos abaixo²²²:

Se pode dizer que pela estrutura acima, coloca o sábado, como o texto mais importante do decálogo de Deuteronomio, para mais questões, sobre essas indicações do pesquisador, cf. Lonfink, “Zur Dekalogfassung”, p.17-32., e que foi na década de noventa aderido ao estudo, Lonfink, *Studien zur Deuteronomium I*, p.203.

²¹⁷ Garcia Lopez, em seu texto: *Decálogo*, p. 18, destaca uma estrutura pensando no sábado disponível em Êxodo 20. Nesse caso, a pesquisa daqui buscou similitudes entre as indicações de Garcia Lopez e o fragmento de Deuteronomio 5,12-15, para isso, cf. a proposta desse pesquisador:

a – Recorda o dia do sábado para santifica-lo.

b – Seis dias trabalharas.

c – e farás todas as tuas tarefas

d – o sétimo dia porem é o sábado de Javé teu Deus

c' – não farás nenhuma tarefa

b' – porque em seis dias Javé fez os céus

a' – por isso Javé abençoou o dia de sábado e o santificou

²¹⁸ Para isso, vide, Gianfranco Ravasi, *Êxodo*, p.114. Onde traça a seguinte estrutura concêntrica:

A] 5, 12 – sábado

B] 5, 13-15b estrutura central.

A'] 5,15 c – sábado

²¹⁹ Cf. Fabio Py Murta de Almeida, “Coisas de criança”, p.61-82.

²²⁰ Cf. Fabio Py Murta de Almeida, *O descanso do sábado de Deuteronomio 5*.

²²¹ Cf. Schwantes, “A Cidade da Justiça”, p. 5-48.

²²² Quem propõe um comentário desse tipo, baseado no modo de estruturação judeu é Julio Paulo Tavares Zabatiero, “Em busca de uma economia solidária”, p.9-21.

A/A' – Essa é a forma mais externa, e serve para introduzir a temática a ser discutida ao longo do ensino, da mesma forma que dá coesão fechando o texto. Na medida que escreve sobre o descanso do trabalho, da mesma forma volta à temática no fim, mas nesse caso, lembrando-se da época da criação do povo em que se separava um dia para o descanso. Um ideal ligado à vida do campo dos judaítas, relacionado à questão produtiva de um dia para o descanso.

B/B' – Após se introduzir e fechar a sentença com traços trabalhistas, relacionados ao descanso na terra, internamente se fala justamente do trabalho feito nas propriedades desses que antes migraram do Egito, e lembra justamente dos que no passado nem tinham local para desfrutar as terras, porque lá no passado eram escravos em terras dos outros. O tópico aprofunda ainda mais a questão do trabalho entre aqueles que tinham propriedade livre nos campos de Judá.

C – No último ponto, aquele mais importante no modo concêntrico, na parte mais central do texto, destacamos quem eram os envolvidos em se separar um dia (um tempo) de descanso do serviço nas roças de Judá. No caso, todos os que fazem tarefas na propriedade ganham tal direito, e curiosamente até os meios de produção, os bois, jumentos e animais de porte são beneficiados no texto. Todos eles terão direito, com o ensino, de se descansar um dia do duro serviço. Todos serão contemplados com tal dádiva, uma dádiva ligada principalmente aos *pater familias* articuladores das casas do povo da terra judaíta.

Assim, gostaríamos de fazer algumas indagações, a serem respondidas posteriormente. Ao longo desse capítulo pode ter ficado impressão de que os destinatários de Deuteronômio 12-15 seriam homens, mulheres, servos, servas, homens, filhos, filhas e mulheres, e os animais. Esses deveriam ser os grupos que viviam nas propriedades livres, eles, que justamente, estão sendo lembrados como a parcela da sociedade na qual teria migrado do Egito. Pergunta-se então a qual grupo social estaria sendo destinado esse mandamento e que tinha uma propriedade com tantos grupos nela?

Da mesma forma, que perguntamos pelos destinatários do texto, indagando também, pelo grupo que estaria confeccionando o ensino. Ou melhor, quais os grupos construtores deste? Pois, como se vem indicando, quem deve ter costurado tal ensino se utiliza muito bem dos apetrechos da escrita tanto do Oriente Antigo, quanto de Judá. E, também, reconheciam o vocabulário sagrado judaíta. Ambos os grupos têm vínculos com a parcela

dos historiadores que teriam feito o livro de Deuteronômio, ou, nesse caso, perguntamos: quais os grupos sociais estariam por trás da escrita dessa lei, no pré-exílio? E, o que eles queriam ao trazer palavras tão refinadas à sua produção e sustentação na sociedade de Judá?

Ora, após destacar o jeito da escrita de Deuteronômio 5,12-15, e a camada central de Deuteronômio 12-26, entendendo esse fragmento como uma parênese, articulada na sociedade de Judá anteriormente ao exílio babilônico, chegamos ao momento do reconhecimento das pessoas sociais por trás de tal ementa. Apontando tais pessoas sociais se reconhecerá a situação em que estavam envolvidos e o local no qual deveria estar sendo promulgada a palavra de Deuteronômio 5,12-15, dizendo a que momento específico da história de Judá se escrevendo e utilizando o texto em questão.

Capítulo III: O lugar vivencial de Deuteronômio 5,12-15

“A percepção de que o sentido, sob a forma de sinais interpretáveis – sons, imagens, sentimentos, artefatos, gestos -, só passa a existir dentro dos jogos da linguagem, das comunidades discursivas, dos sistemas de referência intersubjetivos e das maneiras de construir o mundo; de que ele surge no contexto de uma interação social concreta, em que uma coisa é uma coisa para um você e um eu, e não alguma gruta secreta na cabeça; e de que é rigorosamente histórico, moldado no fluxo dos acontecimentos, essa percepção interpretada como implicando que as comunidades humanas são ou devem ser mônadas semânticas”
 Clifford Geertz, *Nova luz sobre a Antropologia*, p.75.
 “Não há ‘palavra’ – davar sem contexto!”
 Milton Schwantes, *A terra não pode suportar suas palavras: reflexão e estudo sobre Amos*, 2004, p.12.

Metodologicamente, depois de detalhar a tradução e o jeito em que os escritores bíblicos se expressam, faz-se necessário juntar os dados que foram reconhecidos para que possamos perceber o momento mais provável desta palavra legal.

Falamos do momento vivencial do texto para situar o instante em que esta palavra foi criada. Contudo, antes da inserção histórico-social das orações de Deuteronômio 5,12-15, acreditamos ser valioso passar não apenas pelo momento da utilização social, mas também pormenorizar uma certa história da composição e de sua transmissão na sociedade do texto.²²³ Interessa situar desde o sábado de Êxodo 34 até o texto em questão.

Não que nos capítulos anteriores não se tenha dado pistas desta inserção. Acreditamos que o trabalho do capítulo passado foi um passo largo para o ajustamento histórico do texto.²²⁴

²²³ Cf. para que se perceba esse momento em especial com seus limites e aspirações, se indicam os seguintes textos de introdução à exegese bíblica, Silva, *Metodologia de Exegese*, p.29, Odette Mainville, *A Bíblia à luz da história*, p. 112-114, Josef Schreiner, *Introducción a los Métodos de la Exégesis Bíblica*, p. 130-138, Julio Treballe Barreira, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã*, p.401-414, e, Horácio Simeon Yofree, “Diacronia: os métodos históricos-críticos”, p. 93-99.

²²⁴ Por volta de 1982, Milton Schwantes admite que na exegese bíblica quando se está falando dos gêneros literários dos textos, de alguma forma está se firmando o texto socialmente e historicamente. Como ocorrem nos outros passos da exegese bíblica, até mesmo quando se está traduzindo o texto se está interpretando, e, por isso, mesmo o estudioso, de alguma forma se está inserindo historicamente, cf. “A Cidade da Justiça”, p. 5-48.

Então, a idéia desse capítulo é afirmar o momento e o lugar vivencial²³⁵ de Deuteronômio 5,12-15 como uma parênese que visava solucionar problemas de parte do povo judaíta. A indicação histórica deste capítulo se faz chave neste trabalho, sendo apenas anterior ao chamado comentário bíblico localizado no próximo capítulo.²³⁶

Além de investigar o momento da escrita da palavra de Deuteronômio 5,12-15, buscaremos perceber o processo de desenvolvimento na sociedade de Judá que teria levado a sua formulação. Esta tentativa visa ajudar a vislumbrar o histórico das instituições sociais tidas nas roças judaítas, para que assim se perceba materialmente o que teria levado a arbitrar Deuteronômio 5,12-15.

3.1. Anciãos e sacerdotes consideram as tradições do Reino de Israel

O início e o crescimento dos caracteres do texto de Deuteronômio 5,12-15 teria decorrido nos preâmbulos do VII a.C., indo até o exílio babilônico, por volta do século VI a.C. Estes fatores nos ajudaram na sua escolha, até mesmo porque o sábado do decálogo tido no Êxodo 20 não tem tantos elementos explícitos da sociedade, como indicam as pesquisas recentes²³⁷.

Portanto, buscamos um fragmento de texto relacionado com as políticas do reinado de Josias, no qual responde-se às discussões das tecnologias e das leis que visam balancear homem e natureza naquelas roças. Texto que, assim, não se teria dificuldade de localizar entre as mãos responsáveis pelos textos de Deuteronômio 12-26. Pois, como se indicou no capítulo anterior, Deuteronômio 5,12-15 apresenta semelhanças de escrita, de forma e de idéias com os grupos responsáveis pelo centro do Deuteronômio.²³⁸

²³⁵ O primeiro estudioso que utilizou esta terminologia foi Hermann Gunkel, no alvo de seus comentários bíblico-teológicos, de Salmos e de Gênesis, no início da chamada “historia das formas” bíblicas, no começo do século passado. Esse autor usou o termo, local vivencial, a fim de indicar o local histórico em que havia ocorrido a escrita, a vivencia do fragmento, Para isso, forma consultado a parte do seguinte texto, Hermann Gunkel, *Genesis*, p.167-250, e ainda, todo o livro, *Die Psalmen*, 1895, 405p.

²³⁶ Este que na exegese bíblica, seria o momento da caracterização das frases e orações, no meio da dinâmica social que teria o levantado, cf. sobre isso novamente, o testemunho de Schwantes, “A Cidade da Justiça”, p. 5-48.

²³⁷ Pesquisas como de Frank Crüsemann (*Preservação*, p.22.), da escola Norbert Lohfink-Georg Braulik (*Deuteronomium und Pentateuch*, p. 13-38, *Die deuteronomischen*, p.221-384), de Werner H. Schmidt (*Introdução*, p.114-118), e de Feliz Garcia Lopez (*Decálogo*, p.42).

²³⁸ Cf. Crüsemann, *Tora*, p.267-382.

A única dificuldade apresentada em relação a datação, é que, em tal código de leis não se reconhece o termo *šabbat*. Para isso, argumentamos que era uma novidade relacionada ao tribalismo, utilizada mediante a ascensão do império babilônico²³⁹, que foi ajustada a Deuteronômio 5,12-15 pois não havia mais espaço para ela na extensão do capítulos 12 até o 26.

No início, as mãos responsáveis pela prescrição jurídica, de redação bem trabalhada, onde se prima pela escolha dos verbos, passa pela escolha da tradição salvífica do Egito. Por fim, elas mostram o reconhecimento dos grupos sociais tidos nas casas do grupo inquirido. No caso, seus primeiros escritores só podem ser os anciãos dos portões de Judá, donos de assinatura sem igual no Antigo Testamento.

Nesse momento, antes da posse aos 18 anos de Josias, os anciãos dos portões de Judá formaram um braço da coalizão que comandava Judá. Juntaram forças, com os sacerdotes do Templo para que suas sentenças legais passassem a ser divinamente instituídas, ganhando valores de ensinamentos dando a Deuteronômio a aprovação divina. Os anciãos se mobilizaram a escrever prescrições jurídicas, e, num segundo momento, elas passam pelos sacerdotes para ganharem valor de ensino, a fim de que a toda e qualquer desordem no interior dos portões fosse coibida, ou, se fosse argumentada. Principalmente as divergências nas quais colocavam “em cheque” as elites hegemônicas judaítas, como o povo da terra, os reis e os próprios sacerdotes do Templo.²⁴⁰

Estes anciãos, junto aos sacerdotes, se prontificam a utilizar determinadas memórias nortistas com o colorido de novos tempos em Judá, num projeto ousado de estabilização da

²³⁹ Sobre isso se pode destacar na América Latina a análise de Milton Schwantes sobre os textos da criação, *Projetos de Esperança*, p.61-70, e ainda, a série de textos produzidas para a dissertação de doutorado do professor da Faculdade Batista do Rio de Janeiro, Osvaldo Luiz Ribeiro, “Vento tempestuoso - um ensaio sobre a tradução e a interpretação de Gn 1,2 à luz de Jr 4”, *Fragments de Cultura*, p. 573-598, Osvaldo Luiz Ribeiro, “Vento tempestuoso: novas reflexões sobre Gn 1,2 à luz da Fenomenologia da Religião”, p. 103-169, Osvaldo Luiz Ribeiro, “A ‘terra’ e ‘as águas’ originais - história e linguagem mítica em Gn 1,1-3”, p. 40-48. E, no caso da exegese alemã cf. Claus Westermann, *Genesis*, p.108-112.

²⁴⁰ Perspectiva que Frank Crüsemann (*Tora*, p.243-343) desenvolve tal discussão sobre uma coalizão que teria existido em Judá no pré-exílio, na América Latina tal corrente é seguida por Haroldo Reimer. Ele que não mede esforços para dar substância a esta hipótese, vide para isso Reimer, “Benção e Solidariedade”, p.22-26, “Inclusão e Resistência”, p.11-20. Um detalhe deve ser destacado no que tange ao momento da análise das palavras bíblicas, isto é, o trabalho do próximo capítulo. Dizemos que o texto deve ter surgido inicialmente entre os anciãos do portão e o povo da terra. Mas que depois deve ter recebido acréscimos no Templo de Jerusalém, num tribunal que se localizava dentro dele. Lá os sacerdotes inquiriam, escreviam e complementavam leis, que por eles se transformavam em ensinamentos, parênteses, cf. Crüsemann *Tora*, p.115-118. No caso do texto de Deuteronômio 5,12-15, acreditamos que os acréscimos do tribunal do Templo fora aderido junto às referências divinas no texto.

coalizão. Fazem isso, sobretudo, por conta da chegada maciça de israelistas (do Norte) após a destruição do Reino do Norte, a partir de 722a.C., em Judá.²⁴¹ Eles, então, percebendo a necessidade de satisfazer alguns setores aparentemente desgarrados, legislam sentenças próximas ao tribalismo, buscando incluir essas camadas.

Observando as obras de alguns pesquisadores²⁴², pensamos ser difícil reconstruir formulações anteriores a 722a.C., nas leis do livro de Deuteronômio. O que está ao alcance seria apenas obter poucos dados nas legislações, os quais foram lembrados ao se tecer as leis em Judá.

Nesse sentido, como artimanha da coalizão, as memórias nortistas em Judá ganharam outras conotações, sendo completamente adaptadas ao Reino Sul. Tradições tribais foram de alguma forma englobadas, ou ao menos consideradas, a fim de estabelecer a inclusão de certos israelitas, no Sul.²⁴³

A chegada e a tentativa de assimilação destas tradições teve um grande impacto no caldeirão inflado do Reino do Sul. Mesmo antes da chegada desses migrantes israelitas, Judá já se via pressionada pelas novas tecnologias nas áreas campesinas e pela mecanização nas cidades. Logo se começou a trocar os servos pelas tecnologias nos campos e, motivados pelo conflito social causado por tal opção, algumas das elites dos campos começaram a esboçar novos mandamentos de fôlegos tribais.²⁴⁴

²⁴¹ Daqueles que foram indicados para observação cabe um especial espaço, para a América Latina, a revista Estudos Bíblicos publicada em 1982 – ela que tratou do tema dos Dez Mandamentos. Todos os artigos escritos nesse volume evidenciaram que os decálogos vieram como rascunhos vindos originalmente do Reino Norte, fonte Eloista. Em especial, quando se fala de memórias esta se buscando dialogar com o conceito de Maurice Halbwachs, *A memória*, p.116-125.

²⁴² Como as de: Norbert Lohfink (*Deuteronomium und Pentateuch*, p.13-38), Georg Braulik (*Die deuteronomischen*, p.221-384), Frank Crüsemann (*Tora*, p. 283-292), Julio Paulo Tavares Zabatiero (“Em busca de uma economia solidária”, p.9-21), Haroldo Reimer (“Benção e Solidariedade”, p.22-26), Levinson Bernard (“The Hermeneutics of Tradition in Deuteronomy”, p. 269-286), Shigeyuki Nakanose (“Para entender o livro de Deuteronômio”, p.176-193), Pedro Kramer (*Origem e legislação do Deuteronômio*, 1999 e “O órfão e a viúva no livro de Deuteronômio”, p.20-28).

²⁴³ Para o caso das memórias, volta-se a fazer referencia a Halbwachs, *A memória*, p.116-125. Contudo, o destaque é quando se diz sobre o projeto de inclusão, seria como uma artimanha de uma elite para amenizar os estragos que ocorreram no norte, e os que estavam ocorrendo no sul. Para esse tipo de discussão vale a pena averiguar o que Ciro Cardoso, nos trás em seu texto, “Epistemologia pós-moderna, texto, conhecimento”, p.1-13.

²⁴⁴ O conceito aqui entendido é que devido aos problemas sociais tanto do campo quanto da cidade é que deve ter gerado as legislações e os ensinamentos. Em termos da ciência social, com estas palavras buscavam organizar a cultura como Antonio Gramsci destaca em sua obra sobre os *Intelectuais e a Organização da Cultura*, p.117-129.

Este caos social deve ter sido a motivação que trouxe a Judá uma série de palavras que regulamentassem a vida diante desta nova organização social no reinado de Josias. As leis do Código da Aliança não mais alcançavam as necessidades da sociedade, pois a vida mudara desde então.²⁴⁵ Algumas questões se aprofundaram, levando os anciãos do portão a se aliarem aos sacerdotes, para re-significarem algumas memórias do povo de Israel. Criando parenêses que consideram as parcelas sociais, até mesmo os que chegavam fugidos de Israel, como defende Shigeyuki Nakanose em sua análise de Deuteronômio²⁴⁶.

3.2. De Ezequias a Josias: o agente passa a ser o povo da terra

Esta pesquisa²⁴⁷ indica que, neste contexto em Judá, a dinâmica agrária do descanso da terra deve ter ganhado força. Tanto que nessa linha, Milton Schwantes²⁴⁸ mostra que o texto de Deuteronômio 15,1-11 de apenas de descansar um dia de trabalho se passa a emprestar, sem pedir de volta a terra a ser cultivada.

Ora, a temática do descanso do serviço foi constituída primeiro no Antigo Testamento, por volta do século 9 a.C., com a formulação de Êxodo 34,21 quando o dia é interdito numa sociedade de força tribal. Depois, por volta do fim do século 8 a.C., se escreve numa sociedade nem tanto tribal sobre o descanso do dia, no texto do Código da Aliança, em Êxodo 23,12.²⁴⁹

O momento em que o Código da Aliança começa a ser escrito por volta do reinado de Ezequias, entre 725 e 697 a.C. Um momento de inchaço populacional, um fenômeno que acabaria beneficiando Judá. Com isso, os judaítas teriam conseguido as rotas comerciais de Damasco até o mar, e os centros de Meguido e Hasor, pontos importantes da Via Maris. Eles também obtiveram controle sobre a rota comercial na parte sul, que ia do deserto e de

²⁴⁵ Baruch Halpern, "Jerusalem and the Lineages in the seventh Century BCE", p.11-107.

²⁴⁶ Shigeyuki Nakanose dá um passo interessante quando afirma que os escribas e sábios utilizaram as tradições de Israel nas terras de Judá, cf. para isso "Para entender o livro de Deuteronômio", p.176-193. Tese diferente daquela que no âmbito da América Latina apresenta Julio Paulo Tavares Zabatiero, quando Zabatiero acredita pelo viés cultural, que o livro de Deuteronômio seria uma memória de parte do movimento nortista que veio pra Judá, eles que deveriam ter se juntado aos profetas, a alguns sábios e levitas, cf. para isso "Em busca de uma economia", p.9.

²⁴⁷ Cf., por exemplo, a indicação da pesquisa de Reimer, "Leis e relações de gênero", p126-138, e ultimamente, e o texto de Pedro Julio Triana Fernandez, "Um proyecto de solidaridad, justicia social y resistencia: um estúdio a partir de Deuteronômio 15,1-18", p.53-68.

²⁴⁸ Cf. Schwantes, *Das Recht der Armen*, p.16-42.

²⁴⁹ Cf. Reimer e Reimer, *Tempos de Graça*, p.38-41.

Sefelá em direção à planície filistéia, e tinham ainda a rota dos Reis do Orientes Antigo. Todas essas rotas permitiam aos judaítas escoar seus produtos para o mundo do Oriente Antigo.²⁵⁰

Êxodo 23,21 se consolidou por volta do reinado de Ezequias, caracterizado pelo fortalecimento urbano das cidades de Judá. Tanto foi que houve a necessidade de abastecer Jerusalém com água da fonte de Siloé canalizada pelo túnel. Este período registra o arrendamento da água no interior de Judá.²⁵¹ Da mesma forma, outro fator veio a apoiar o crescimento do urbanismo em Judá entre os séculos 9 a.C. até o século 7 a.C. – o ferro. Este vinha se linearizando cada vez mais, sendo útil no campo e na cidade. O grupo dos beneficiados com todas as etapas de linearização do metal e de melhora no manuseio dele, em Judá, fora o grupo de homens livres, proprietários livres, das terras de Judá.

Homens do povo da terra, especificamente os *pater famílias*, eles que ao longo das décadas foram tendo acesso a animais valiosos, como bois, jumentos, e até cavalos nas cidades limítrofes (Laquis e Azoto). Como poucos na região, tinham a oportunidade de comprar e manipular o ferro e os produtos relacionados ao metal. Tanto os animais quanto os produtos à base do ferro eram utilizados em suas moradias como instrumento de produção. Em conjunto, dinamizavam a produção e a extração nas suas terras.²⁵²

²⁵⁰ Reimer e Reimer, *Tempos de Graça*, p.36-43.

²⁵¹ Cf. Herbert Donner, *Historia de Israel e dos povos vizinhos* – v.2, 363-386. Quem trabalha os dados constituídos em favor do povo da terra de Judá é Tércio Machado Siqueira, em sua tese de doutoramento *O povo da terra no período monárquico*, p.138-140. Interessante de se destacar um dado comparativo entre uma sociedade do Oriente Antigo e de uma indo-européia. Pensa-se que deve haver paralelos entre a sociedade judaica e as sociedades pré-mercantilistas analisadas por Whitold Kula, elas (ambas sociedades) que eram baseadas as margens das estradas, e que se construíram basicamente das trocas de mercadorias nas beiras das estradas, cf. para o entendimento dessas sociedades, cf. Whitold Kula, *Teoria econômica do sistema feudal*, p.231-253.

²⁵² Com alguma destreza pode-se desconfiar que o sistema produtivo nas terras dessa parte da população (isto é, homens livres) era norteado pelo comércio (Francois Houtart, *Religião e modos de produção pré-capitalista*, p.11-43), diferentemente do restante da população palestina que vivia sobre as tradições familiares e por conta disso por vezes se encontrava sobre signo do endividamento e da pendura. Problemas sociais que podem ter começado a se desenhar por conta da implementação de animais pesados na região com o boi, jumento e animais quadrúpedes, pois se trocava o homem por esses animais causando conflitos pela falta de serviço na região palestina. Esse quadro deve ter começado a se consolidar já nos tempos da formação da monarquia judaica, com a expressa falta de serviço aos dependentes das moradias dos homens livres, cf. sobre isso, no ramo bíblico-pastoral Reimer e Reimer, *Tempos de Graça*, p.58-59. Além do texto da família Reimer entende-se que a chegada de tecnologias em Judá foi descrito em Schmitt, “O surgimento da monarquia em Israel”, p.36-46, da mesma forma fora trabalhado por Reimer, “Sobre economia no antigo Israel e no espelho de textos da Bíblia hebraica”, p.7-32.

O quadro emblemático de produção começou a se acentuar historicamente a partir do reinado de Ezequias, chegando solidificado ao reinado de Josias, em 640a.C. Pouco antes de Josias, o povo da terra deve ter assumido a liderança ante aos judeus antigos. Isso ocorreu após a morte de Manasses. Seu filho Amom se tornou rei, sendo morto justamente pelos servos dos proprietários de terras livres, chamados de povo da terra.

A morte do rei era interessante para eles, que assim poderiam proclamar Josias como rei, ação vital para comandarem a região, já que Josias não teria idade para assumir o ofício. Nesse vácuo de reis, o povo da terra, comandaram a região. Sua liderança pode ser percebida até mesmo após a morte do rei Josias, quando se aliaram com os reinantes para permanecer no poder.²⁵³

Defendemos, na esteira de Frank Crüsemann, que o povo da terra teria se desenvolvido e se articulado para comandar Judá durante estes anos. Eles devem ter se unido aos anciãos da porta, e junto aos anciãos, levaram algo rascunhado para os sacerdotes do Templo para estabelecer no texto de Deuteronômio 5,12-15, circulação entre os membros do povo da terra.

Podemos perceber a hegemonia desse grupo, que unia forças com os anciãos para dominar a esfera legislativa, se fazendo aliar aos sacerdotes para se firmar na esfera religiosa. Sua dominação da esfera pública pode vista nas leis consumadas no bloco de Deuteronômio 12-26, e suas aplicações podem ser vistas no livro de Provérbios²⁵⁴.

O texto de Deuteronômio 5,12-15 deve ter sido inicialmente uma sentença jurídica promulgada pelas mãos dos anciãos do portão de Judá. Texto que recebera ajustes sagrados

²⁵³ Sobre tal processo de mudança de dinastia vale a pena conferir o texto Rainer Kessler, *Staat und Gesellschaft im vorexilischen Juda*, p.204-209, agora em português indica-se as histórias de Israel de Herbert Donner, *Historia de Israel*, p.387-407, e Jorge Pixley, *A historia de Israel*, p.73-79. Contudo, também, vale a pena de se destacar a sugestão de Julio Paulo Tavarez Zabatiero, dizendo sobre a teoria de Frank Crüsemann do povo da terra de Judá. Para Julio Paulo Tararez Zabatiero, Frank Crüsemann construiu uma história do povo da terra a partir dos priorados da teoria de Antonio Gramsci. Principalmente, Frank Crüsemann deve se apoiar na tese grasmiciana sobre a hegemonia social de uma coalizão frente sociedade em geral. Para essa, explicitação de Julio Paulo Tavarez Zabateiro, cf. “História social da reforma de Josias”, a obra de Frank Crüsemann analisada por Julio Paulo Tavarez Zabatiero, *A tora*, p.243-340, e por fim, para a teoria de Antonio Gramsci sobre a hegemonia, *Concepção Dialética da História*, p.32-68.

²⁵⁴ Eles que vem ter produzido Deuteronômio junto à união das outras classes representativas em Judá. Para isso, eles devem ter feito uma coalizão uma espécie de aliança judaica, Antonio Gramsci, *Os intelectuais e a organização da cultura*, p.153. Os principais representantes dos grupos que viviam em Judá, como por exemplo, os sacerdotes, o reinado, as mulheres (profetizas?), e os anciãos (sábios) legisladores, para isso cf. Crüsemann *Tora*, p. 283-292, Reimer, “Benção e Solidariedade: anotações a partir do Deuteronômio”, p.22-26, e ainda antes, da tese de Crüsemann, quem a sugere no contexto Latino-Americano Shigeyuki Nakanose, “Para entender o livro de Deuteronômio”, p.176-193.

nas mãos dos sacerdotes ganhando a forma de ensino, de parênese. Com ele, os grupos que visavam resolver um problema que ocorria entre os proprietários de terras livres de Judá, que envolvia a produção e o carregamento nas roças de Judá. Ocorreria por volta do vácuo de reis, quando os ruralistas comandavam Judá.²⁵⁵ Assim perguntamos: que tipo de problema teria gerado Deuteronômio 5,12-15, e qual foi a solução material encontrada pelos homens da terra em dialogo com os anciãos de Judá e os sacerdotes?

Estas duas perguntas nos levarão ao capítulo seguinte em que comentaremos as orações em seu contexto original. Passamos, então, ao ultimo capítulo desse trabalho.

²⁵⁵ Cf. Crüsemann, *Tora*, p.43-56.

Capítulo IV: Nada de utopia! Deuteronômio 5,12-15 responde à vida!

“a lei que põe o homem social em condição de produzir mais com menos trabalho, transforma-se (...) onde não são os meios de produção que estão a serviço dos trabalhadores, mas os trabalhadores que estão a serviço dos meios de produção – em uma lei contrária”.

Karl Marx, *O capital*, livro I, cap. 25.

Nos capítulos anteriores, buscamos construir elementos que pudessem mostrar a dinâmica social e os limites da língua do texto de Deuteronômio 5,12-15. Agora, tentaremos cruzar estas duas dinâmicas.²⁵⁶

Ao se focar diretamente as palavras bíblicas diante do momento vivido, estaremos permitindo o entrelaçamento dos saberes. Ao somar as áreas discutidas, buscaremos testar o que foi dito até então.

Este é um ponto crucial para a exegese bíblica. Tudo se constrói para que seja feito. Agora, partiremos de Frank Crüsemann²⁵⁷, no que propõe a chamar de história-social das leis do Antigo Testamento, para atualizar uma esteira sócio-econômica²⁵⁸ junto ao mandamento de Deuteronômio 5,12-15.

Compreendemos que Deuteronômio 5,12-15 teria sido formado diante da aplicação da coalizão inicialmente entre os anciãos e o povo da terra, que deve ter levado posteriormente aos sacerdotes do tribunal do Templo de Jerusalém. Então, neste ensino temos à frente interesses do povo da terra, em diálogo com os influentes dos portões das

²⁵⁶ Quem articula, como seria o momento do comentário bíblico é Schwantes, “A Cidade da Justiça”, p. 5-48. Texto analisado por Flavio Schmit, “Hermetica Bíblica”, p.427-432. Para maiores detalhes vide, a dissertação de Elcio Sant’Anna, *Criação e recriações cosmogônicas em Isaías 51,9-11*, p.70-92, quando o autor discute as relações entre as palavras e a origem social do texto do Deutero-Isaías, no exílio judaico na Babilônia.

²⁵⁷ Cf. Crüsemann, *Tora*, p.29-34. Ele, no início do seu texto se preocupa em discutir a metodologia que será por ele ajustada aos blocos de leis do Antigo Testamento.

²⁵⁸ Junto aos teóricos da economia e da história-social, cf. Marx, em seu, *O capital*, também, cf. o discípulo italiano de Marx, Gramsci, em suas obras *Concepção Dialética*, e, sobre os *Intelectuais*, bem como os teóricos M. Bakhtin, *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento, o contexto de François Rabelais*, Carlo Ginzburg, *O queijo e os vermes*, Hobsbawm, *On history*, e ainda, o brasileiro, Ciro Cardoso, *Ensaio racionalistas*.

idades de Judá: os anciãos do portão, e com os sacerdotes do Templo.²⁵⁹ Grupos com técnicas de escrita para a mobilização social sem igual no fim do pré-exílio judaíta.

Entendemos que ambos os grupos conheciam o ofício da escrita. Contemporaneamente, os chamaríamos de intelectuais²⁶⁰, a serviço da estabilização sócio-cultural. Portanto, para que se entenda mais claramente o que tais artífices propõem ao povo da terra de Judá, faremos pausadamente uma interpretação de Deuteronômio 5,12-15. Seu modo de leitura ocorrerá da forma indicada no final do capítulo 2, para que por meio deste formato se perceba o processo de constituição e de escrita, alavancado no âmbito de uma estrutura concêntrica.

4.1. Parte introdutória do mandamento (v.12)

A parênese em questão aparece no decálogo logo após a especificação de não se tomar o nome de Deus (para os judaítas, Javé) em vão, no v.11.²⁶¹ Literariamente, se vê poucos elos literários de fato entre o v.11 e o v.12. Mesmo assim, uma relação básica entre essas partes é o grupo a quem se destina ambos os textos. Ambos seguem se designando à pessoa “tu”.²⁶² Esta pessoa é uma forma comum nos textos legais como Deuteronômio e que, sobretudo, é muito mais explorada na forma final, *kî*.

Ora, tendo em vista os uns trabalhos²⁶³ entendemos que os envolvidos nestas palavras seriam as mesmas pessoas as quais se designa a parênese de Deuteronômio 5,12-15. Sua extensão é maior no texto em questão, como admite Norbert Lohfink²⁶⁴, que ressalta que esta tem períodos mais longos do que as demais deliberações do decálogo de Deuteronômio, pois tem relacionamento com o Código Deuteronômico.

²⁵⁹ Cf. Reimer, “Inclusão e Resistência”, p. 11-20.

²⁶⁰ Quem usa essa designação para falar do trabalho dos intelectuais italianos junto ao golpe de Mussolini, é Antonio Gramsci, em *Intelectuais*, p.32-67.

²⁶¹ Para o caso das palavras anteriores cf. Cleodon Amaral de Lima, *A proibição de se fabricar ídolos*, p. 88-103. Nesse caso se entende que se está começando a comentar o que na estrutura concêntrica é o tópico A, isto é, o que chamamos de *šabbat*

²⁶² Frank Crüsemann indica que o sujeito no qual estaria envolvido o decálogo, seriam o “tu”, ou seja, os proprietários de terras livres judaítas, cf. *Preservação*, p.55-73.

²⁶³ Como as pesquisas de Frank Crüsemann (*Preservação*, p.55-73), Felix Garcia Lopez (*O Decálogo*, p. 22-78), Haroldo Reimer (“Leis dos tempos jubilares na Bíblia”, p.15-32) e Cleodon Amaral de Lima (*A proibição de se fabricar ídolos*, p. 98-103).

²⁶⁴ Cf. Lohfink, “Zur Dekalogfassung”, p.17-32.

As resoluções dispostas em tal conjunto de mandamentos mais parecem constituir um bloco de resoluções-chave para a camada de proprietários de terras livres de Judá. Não são apenas um resumo das legislações importantes do Antigo Testamento, e sim um pequeno histórico de palavras indicadas para o grupo de proprietários de terras livres - visando a convivência entre eles e sua reprodução na sociedade.²⁶⁵

Frank Crüsemann²⁶⁶ dá indicações nessa direção quando designa o “próximo” não como uma pessoa qualquer da sociedade de Judá, mas como alguma pessoa membro da mesma classe social dos alvos da deliberação. Por Frank Crüsemann, o “próximo” deixa de ser algo importante para a construção cristã da Idade Média, quase um outro qualquer (normalmente um economicamente dilacerado), para ser um sujeito com mesmas condições daqueles que sancionam os mandamentos. Esse detalhe modifica o eixo sociológico das palavras.²⁶⁷

Agora, deixamos de lado o diálogo inicial com o começo do decálogo, isto é, com o fragmento de Deuteronômio 5,6-11, para olhar mais diretamente como começa o texto aqui analisado.

4.1.1. Guarda um dia para Javé!

Nos v.12-15, as pessoas designadas com “tu” (o povo da terra judaíta) são mais perceptíveis. São caracterizadas como o grupo ao qual mantinham alguns segmentos sociais e ainda uns instrumentos de produção trabalhando em suas moradas. Nesse caso, para todos os grupos sociais dependentes da moradia, e para o povo da terra, se destina a primeira forma hebraica trazida pelas mãos dos anciãos. Todos eles deviam, שָׁמוֹר (šamôr); um hebraísmo que Frank Crüsemann²⁶⁸, Wilhelm Gesenius e Edward Robinson²⁶⁹, traduzem por: “guardar”, “mandar” e “proteger”.

²⁶⁵ Cf. Crüsemann, *Tora*.

²⁶⁶ Cf. Crüsemann, *Preservação*, p.78-85.

²⁶⁷ Quando se diz sobre as leis do Antigo Testamento como leis para a manutenção social, usam-se os conceitos retirados de Marx, *O capital - tomo I*, capítulo 4, e ainda de Gramsci, *Concepção Dialética*, p.32-68.

²⁶⁸ Crüsemann dá um longo tratamento a analisa da raiz verbal dessa palavra. Ele costura seu trabalho ponderando os significados desse tronco verbal (שָׁמוֹר) antes e depois do reinado em Judá, em *Tora*, p. 98-118.

²⁶⁹ Gesenius e Robinson, *Hebrew*, p.1243.

A abertura da palavra do sábado é feita pela forma no *qal* presente do verbo šmr (*šmr*) “guardar” e “mandar”. É um verbo diferente do que abre o sábado de Êxodo 20,10, que significa: “lembrar” e “recordar”. Frank Crüsemann²⁷⁰ destaca o verbo de Êxodo como uma formulação posterior, indicando um reconhecimento da prática do descanso do serviço, típico do pós-exílio persa. Frank Crüsemann, nesse caso, levanta as obras de Frank Lothar Hossfeld²⁷¹ e de Erhard Gerstenberger²⁷², que situam a vinculação maior do texto de Êxodo com o pensamento da formação dos judaítas.

Mas, pelo que compreendemos por Henri Cazelles²⁷³, o verbo tivera consoantes deuteronômicas de forte ênfase nas prescrições, na parte central do livro. O trabalho de Henri Cazelles refuta qualquer vínculo deste com prescrições anteriores ao deuteronômismo (pré-deuteronômicas), como se evocava em sua época. Assim, aproveitando mais um dado indicado por Frank Crüsemann²⁷⁴ sobre esse verbo, afirma-se o seu elo com a esfera da prática da vida cotidiana do povo bíblico.

Agora, se por Frank Crüsemann o verbo *šmr* pode destacar inicialmente um apelo social e econômico, a escola de Georg Braulik-Norbert Lohfink também pode ter alguma razão. Na ótica de Georg Braulik²⁷⁵, baseada em Deuterônimo 16,1, percebe-se no verbo, bem como em outras estruturas, o seu vínculo com as prescrições judaítas litúrgicas das festas nacionais. Contudo, levando-se em conta a contribuição de Shigeiuki Nakanose²⁷⁶, percebemos que essas festas “nacionais” tinham fortes apelos tributários (econômicos).²⁷⁷ Sendo um local da intervenção social com as propostas de leis e de parêneses.

²⁷⁰ Cf. Crüsemann, *Preservação*, p.64-68.

²⁷¹ Frank Lothar Hossfeld, *Der Dekalog. Seine spatien Fassungen, die originale Komposition und seine Vorstufen*.

²⁷² Cf. Gerstenberger, “Os dez e os outros mandamentos de Deus”, p.12-26.

²⁷³ Henri Cazelles, “L’Alliance du Sinai em Ex 34,10-27”, em André Caquot (org.), *Mélanges bibliques et orientaux em l’Honneur de M. M. Delcor*, p.57-68.

²⁷⁴ Cf. Crüsemann, *Preservação*, p.78-85, cf. novamente o dicionário de Gesenius e Robinson.

²⁷⁵ Cf. Braulik, “Die Abfolge der Gesetze”, 1988, p.232-255, para detalhes sobre o livro de Deuterônimo, Duane Christensen, *A Song of Power and the Power of Song: Essays on the Book of Deuteronomy, Sources for Biblical and Theological Study 3*, p.10-32.

²⁷⁶ Sobre especificamente sobre o livro de Deuterônimo em Nakanose, “Para entender”, p.176-193. Ainda, sobre essa questão cf. Julio Paulo Tavares Zabatiero, “A adoração e o espaço sagrado”, *Práxis Evangélica*, p. 57-113.

²⁷⁷ Nesse caso fica mais explícito quando em sua dissertação de doutoramento Shigeiuki Nakanose destaca sobre as festas nacionais da páscoa e as leis da reforma de Josias, p.118-136.

A proposta de Mikhail Bakhtin²⁷⁸ ajuda a pensar que festas nacionais serviam para a arrecadação – às elites - e para a lembrança do que se estava sendo comemorado e deliberado. Então, mesmo que a ótica de Georg Braulik e também de Norbert Lohfink sejam levadas a fundo, entendemos o mesmo apelo sócio-econômico exposto em seus projetos, ao pensar que as festas promoviam sentenças e parêneses.²⁷⁹

No caso de Deuteronômio 5,12-15, o verbo *šmr* “guardar” apresenta o que seria inicialmente uma sentença. Como boa palavra que é, ajuda ao povo a perceber o que está se levando a eles. Isto difere de todas as outras palavras constituídas sobre o descanso da terra.²⁸⁰ Em nenhuma delas, permeadas pelo enredo tribal, evoca-se um começo com um verbo para se firmar aquilo que está porvir.²⁸¹

Êxodo 34, 21 e Êxodo 23,12 apenas sugerem em seu início a contagem da semana, explicitando logo a forma em que seria feito o dia de descanso da semana.²⁸² Deuteronômio 5,12-15 detalha a contagem da semana no v.13 e no início do v.14, mostrando que seu ensino fora bem mais trabalhado dos que as anteriores.

Percebemos em Deuteronômio 5,12-14 um trabalho mais itinerante por parte de seus escritores. Eles que com certeza, conheciam as leis anteriores ao que estava sendo ensinados, nesse caso, os escritores dos portões das cidades²⁸⁴ seguem dizendo.

4.1.2. Separem agora o dia!

²⁷⁸ Cf. Bakhtin, *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, p.12-43. Para uma descrição de Bakhtin, cf. Ginzburg, *O queijo e os vermes*, p.15-16.

²⁷⁹ Cf. novamente o texto de Nakanose, *Uma história para se contar*, p.118-136. Para análise de Deuteronômio, para a questão das liturgias e o tributo, cf. Ronald Clements, “The Book of Deuteronomy.”, em *The New Interpreter's Bible*, p.110-113.

²⁸⁰ Sobre a surpresa do texto de Deuteronômio 5, 12-15, cf. David H. Aaron, *Etched in Stone: The Emergence of the Decalogue*, vide o capítulo 2 de sua obra.

²⁸¹ Uma sistematização das leis do descanso vide, Reimer e Reimer, *Tempos*, 1999, 163p.

²⁸² Para as duas leis citadas, cf. Crüsemann, *Tora*, p.189-206, já para o caso, do pensamento destas com o todo de Êxodo e do Pentateuco cf. Ehard Blum, “Israel no monte de Deus”, p. 217-39.

²⁸⁴ Para os portões das cidades como local formador dos textos bíblicos (sentenças jurídicas) pouco antes do exílio cf. Crüsemann, *Tora*, p.119-125. Claro que esse detalhe é muito debatido, e ultimamente vem ganhando várias ressalvas, cf. assim a publicação de Zabatiero, “Em busca de uma economia solidária”, p.9-21, quando no âmago da leitura bíblica da América Latina, praticamente volta a editar a hipótese de formação defendida por Aage Bentzen e por Gerhard von Rad. Mas podemos dizer que os autores desta parte em que não utiliza o vocabulário religioso seriam os anciãos do portão. Quando entra o detalhe de Javé e o vocabulário religioso deveria ser o traço da escrita dos sacerdotes do Templo de Jerusalém, por isso, no v.12, isso só ocorre na ultima parte quando se menciona o nome do divino, como se verá mais à frente.

Após apresentar a palavra que diz para se “guardar”, o texto aprofunda o que se deve “guardar” ou, nesse caso, o que deve se manter interdito. Depois de se indicar o que se deve fazer, considera-se como ela se instaurará na sociedade.

Os anciãos e sacerdotes terminam de apresentar qual era a proposta deles para os judaítas. Segundo Norbert Lohfink²⁸⁵, não seria errado pensar que essa proposta, tirada da vida do povo e do calendário semanal babilônico, fosse a mais importante de todo o decálogo de Deuteronômio. Entre os mandamentos anteriores e posteriores do Decálogo, Deuteronômio 5,12-15 ocupa um lugar central.

O texto é apresentado na forma da frase $\hat{y}h, l \{ a / hw "hy > \hat{W} > ci$
 $rv, a]K; AvD > q; l. tB'V; h; \sim Ay - ta, rAmv',$
 traduzida por “Guarda o dia do sábado para santifica-lo como te ordenou Javé teu Deus”. Na oração, o espaçamento entre os verbos é um detalhe que chama a atenção. Em conjunto, eles dão uma indicativa interessante da proposta feita inicialmente pelos anciãos ratificada no tribunal do Templo pelos sacerdotes, ao povo da terra de Judá. Formam entre si três ações que se completam. A primeira diz para “guardar”, a última, “ordenar”, ambas abrem e fecham o caminho para o ato de ‘para santifica-lo’ - tradução reforçada nas Bíblias em português.²⁸⁶ Inicialmente, a relação do termo com a idéia de ‘separá-lo para descanso’ ocorre em algumas pesquisas²⁸⁷. Pesquisas levadas por autores que destacam o vínculo do termo com a vida roqueira de Judá.

²⁸⁵ Cf. Lohfink, “Zur Dekalogfassung”, p.17-32, quando, inicialmente fez tal associação, agora, em Lohfink, “Deuteronomim und Pentateuch”, p.26-41, aprofunda suas concepções sobre esta relação. Devemos notificar o caso de Schmidt, *A fé*, p.55-62, quando nega a relação entre o calendário babilônico e as prescrições do Antigo Testamento. No caso, ocorreria em Judá, algo como a circularidade cultural descrita nas obras de Bakhtin, *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, p.12-43 e de Ginzburg, *O queijo e os vermes*, p.15-16.

Agora, aproveitando o detalhe. Em relação ao v.12, que devemos descrever agora, se tem a idéia de que praticamente todo ele, isto é, “Guarda o dia do sábado para santifica-lo”, pertencera a mão dos anciãos do portão da cidade. Dizemos com isso, que esta deve ter sido parte do dispositivo jurídico inicial fruto do diálogo entre o povo da terra e dos anciãos nos portões das cidades. Assim, a parte final do v.12, “como te ordenou Javé teu Deus”, pela lembrança do divino de Judá deve ter pertencido à intervenção do tribunal sacerdotal do Templo de Jerusalém. Tribunal esta que deve ter reescrito sobre o sagrado o que os anciãos haviam feito inicialmente. Transformando o texto de uma simples sentença jurídica, em uma parênese, ou um ensino de trato legal, cf. para isso, Crüsemann, *Tora*, p.116-119.

²⁸⁶ Para a análise das orações, e seu primor de acordo com o modo palíndromo, cf. Milton Schwantes, “Nas montanhas há solução (Gênesis 13,1-18)”, *Cultura Teológica*, p.81-98.

²⁸⁷ Pesquisa feita por, Fritz Stolz (“shbt – aufhören, ruhen”, p.863-969), Frank Crüsemann (*Preservação*, p.65), e por Haroldo Reimer (“Leis dos tempos jubilares na Bíblia”, p.15-32).

De fato, por esses autores admitimos a relação do termo “santificar” junto ao ato de “fazer uma pausa” e de “interromper o trabalho” - como reforçam Haroldo e Ivoni Reimer²⁸⁸. Relação que deixa “às claras”, ao menos inicialmente, que a formulação fazia parte do vocabulário da população (escritores) que vivia da agricultura como os anciãos do portão. Agora, não se pode negar seu vínculo templar como reforçam outra gama de pesquisadores²⁸⁹ - estes que assumem o elo do verbo com o local sagrado da população judaíta.

Compreendemos, assim, que no caso o verbo “santificar” tem uma função dúbia.²⁹⁰ Onde inicialmente pertencera à mão dos anciãos, e posteriormente, teria satisfeito os sacerdotes do tribunal do Templo de Jerusalém, levando-os ao reforçar na oração. Uma dualidade que dá à oração o tom de “parar”, “resguardar”, “descansar”, “entregar” e “parar de trabalhar”. Agora, se pode perceber que Deuteronômio 5,12-15 aprofunda as constituições anteriores de Êxodo 34, 21 quando diz “mas o sétimo dia descansarás” e do Código da Aliança “mas, ao sétimo dia, descansarás” (Êxodo 23,12).

Principalmente por que, antes disso, todos os mandamentos jubilares eram dados pelos líderes tribais, isto é, os anciãos - responsáveis pelas soluções dos problemas nas roças de judaítas. O termo (primariamente) não era utilizado no meio das festas nacionais, elas com forte apelo econômico, ligadas à contribuição de taxas e tributos.²⁹¹ Agora, em Deuteronômio 5,12-15, o termo “santificar” dá mostras que o texto de Deuteronômio diferentemente dos demais passa por mais uma esfera da sociedade de Judá, podendo até ter


²⁸⁸ Cf. Reimer e Reimer, *Tempos*, p.43-45.

²⁸⁹ Cf. As pesquisas de Norbert Lohfink (“Zur Dekalogfassung”, p.18), Georg Braulik (“Die Abfolge der Gesetze”, p.232-255), Duane Christensen (*A Song of Power and the Power of Song*, p. 176-193), Wilhelm Gesenius e Edward Robinson (*Hebrew and English*, p.345)

²⁹⁰ A análise extensa de Fritz Stolz em “shbt”, p.863-969, deixa claro que inicialmente a esfera social do termo era agrícola, ganhando posteriormente endereços culticos, ou no vocabulário utilizado no texto, passa a ser do tribunal templar. Assim para o caso de maiores detalhamentos sobre o verbo cf. Gesenius e Robinson, *Hebrew*, p.345-346.

²⁹¹ Repetindo o que se esta afirmando. O que se compreende frente aos termos de Deuteronômio 5,12-15, é que inicialmente o texto deve ter surgido na esfera agrícola de Judá, sendo fruto do diálogo entre os anciãos da porta e o povo da terra. Após tal embate, ele fora rascunhado no tribunal templar, mediado pelos sacerdotes do Templo. Nessas circunstancias o texto primeiro fora construído junto às palavras dos anciãos como dispositivos legais comuns tidos, por exemplo, em Êxodo. Agora, pela coalizão hegemônica de Judá, depois disso fora levado ao Templo de Jerusalém, para que ganhasse a assinatura divina. Passando a ter características típicas do livro de Deuteronômio, como as descrições dos grupos sociais e os vínculos divinos, passando a ser caracterizado não como textos legais, mas como propriamente parêneses. Esta proposta é baseada principalmente em Crüsemann, *Tora*, p.116-118, que é rascunhado também, em Reimer e Reimer, *Tempos*, p.42-46.

sido um termo surgido na roça, mas ele deve ter ganhado força no tribunal dos sacerdotes do Templo.

O pedido para “para santifica-lo” é para que se interdite o $\text{tB}'V;h;$ $\sim\text{Ay}-\text{ta}$ , “o dia do sábado”. Tal elemento não fora visto até então na literatura bíblica.²⁹² O ensino de Deuteronômio é claro designa o dia a ser interditado, o que seria um dia da semana, aquele que se nomeia “sábado”. Muito embora alguns estudiosos²⁹³ se preocupem em afirmar o contrário, a influência do calendário babilônico deve ser presente, radicando a norma tribal do descanso da terra.²⁹⁴

Em Deuteronômio, o termo usado para o sábado é diferente do apresentado até então no Antigo Testamento. Antes, usava-se *šabat*, e passa-se a usar *šabbat*. A diferença é de um *dagesh*. Esta alteração especifica o dia a se “interditar”, nas legislações do Antigo Testamento.

O “dia guardado” para o “descanso” é o dia separado para “não trabalhar”. Uma solução em conjunto dos anciãos e dos sacerdotes que era inovadora, pois ratifica para o povo bíblico a radicalização do descanso de um dia, por influência do império que vinha se fortificando no Oriente Antigo.²⁹⁵

A Babilônia, por volta do século VII a.C., se estabilizara como império hegemônico, influenciando a região do Levante Sul antes mesmo de invadí-la.²⁹⁶ Nesse caso, nos mostram que além de reconhecer a estrutura social no interior de Judá, também reconheciam o que estava ocorrendo ao redor do Oriente Antigo. Quando, ao invés de deliberar algo indefinido como “interditar”, algo vago num período qualquer com o termo *šabat*, passam a utilizar um *dagesh*, construindo o termo $\text{tB}'V; \equiv$, *šabbat*.

²⁹² Cf. para esta descrição Lohfink, “Zur Dekalogfassung”, p.17-32, e em seu, “Deuteronomim und Pentateuch”, p.26-41, aprofunda detalhes sobre este novo nome, outra designação. Quem analisa também, o termo é Schmidt, *A fé*, p.55-62, da mesma forma que Reimer e Reimer, *Tempos*, p.43-45, e ainda, Crüsemann, *Preservação*, p.65.

²⁹³ Para cf. o próprio Lohfink, em seu “Zur Dekalogfassung”, p.17-32.

²⁹⁴ Expressamos isso, em Almeida, “Coisas de criança”, p.61-82.

²⁹⁵ Cf. Lohfink, “Zur Dekalogfassung”, p.17-32.

²⁹⁶ Vide para a influência do império babilônico no Oriente Antigo, Donner, *História de Israel*, p.387-405, e ainda, Israel Finlestein e Neil Asher Silberman, *A Bíblia não tinha razão*, p.271-304. Para a percepção de quem são os sábios do portão, importante cf. Friedrich Erich Dobberrahn, “Reflexões arqueológicas sobre a sedentariização de Israel”, *Boletim Teológico*, nº15, p.39-52.

Foi uma evolução na terminologia hebraica influenciada pelo diálogo com os povos vizinhos.²⁹⁷ Ressalta-se, nesse detalhe, que Norbert Lohfink²⁹⁸ é um dos que discute a chegada dessa terminologia em Judá, não admitindo que ela existia lá antes do exílio babilônico. Norbert Lohfink²⁹⁹ aponta *šabbat* como diferença entre o que futuramente virou a parênese de Deuteronômio 5,12-15 e o restante do centro do livro de Deuteronômio, pois a palavra não se encontra em nenhuma outra palavra nos textos do livro.

Diante do posicionamento deste estudioso, um detalhe parece ser deixado de lado. É o fator do diálogo inter-cultural (circularidade cultural) o qual firmava uma espécie de reconhecimento mútuo entre os povos do Oriente Antigo, como destaca Othmar Keel³⁰⁰. Sabemos que, mesmo antes do exílio, principalmente a partir do reinado de Josias, algumas palavras típicas do vocabulário babilônico influenciavam o povo judaíta. Destaca-se o termo *rû^ah* que, para Milton Schwantes³⁰¹ (ao analisar os textos de Gênesis 1-11), e para Osvaldo Luiz Ribeiro (quando escreve sobre o Gênesis 1³⁰²), dão pistas da utilização do termo *rû^ah* por volta dos tempos de Josias (antes do exílio), sendo, portanto, comum ao vocabulário babilônico.

Compreendemos que o exílio babilônico foi um choque para os judaítas e que, sem dúvida, foi sua maior fonte de diálogo e de significação de modos, língua e costumes com os babilônios. Mesmo assim, alguns termos já se reconheciam no Oriente Antigo pelas culturas vizinhas antes, por exemplo, das catástrofes causadas pela invasão e desterro típicos do império babilônico. Assim, inicialmente os anciãos do portão mostram toda sua elegância cultural-literária ao propor uma nova forma de descanso da lida semanal ao povo da roça judaíta. Fizeram esta proposta radical e inovadora por terem tido mais acesso aos

²⁹⁷ Para esse processo de desenvolvimento da língua e das leis cf. Bakhtin, “Estética da criação verbal”, p.277-326. Agora, pensando mais diretamente sobre o caso do diálogo das culturas do Oriente Antigo um detalhe sobre as pessoas dos anciãos do portão deve ser dito. Eles nada mais são do que líderes tribais, ou seja, aqueles líderes com mais desenvolvimento econômico, são donos de mais terras livres. Assim, tinham mais condições de viajar para o comércio dialogando mais com os povos vizinhos. Para o detalhamento desses anciãos cf. Friedrich Erich Dobberahn e Verner Hoefelmann, “Redescobrimo as cruzes lá onde foram erguidas - Reflexões sobre uma arqueologia do proletariado”, *Estudos Teológicos*, vol.31, n.1, p.85-100.

²⁹⁸ Cf. Lohfink, “Zur Dekalogfassung”, p.17-32.

²⁹⁹ Op. Cit.

³⁰⁰ Cf. Othmar Keel, “Do meio das nações: A Bíblia como porta de entrada de culturas antigas do Oriente Próximo”, p.10-21. Poderia ser um elemento que parte de um grupo e se é utilizado em outro grupo, numa cultural distinta, cf. para isso, Bakhtin, *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, p.12-43.

³⁰¹ Cf. *Projetos de esperança* - meditações sobre Gênesis 1-11, p.64.

³⁰² Cf. Osvaldo Luiz Ribeiro “Vento tempestuoso”, p.573-598.

locais de comércio do Oriente Antigo do que o restante da população judaíta. Anciãos que eram os líderes da sociedade mais agraciados na região, segundo defendem Friedrich Erich Dobberahn e Verner Hoefelmann³⁰³.

Esta terminologia deve ter sido anexada ao livro porque, no livro de Deuteronômio, pouco se diz sobre esse descanso semanal: seria uma inovação que responderia a uma nova sociedade.³⁰⁴ Em Josias, seu centro, Jerusalém, se amplia cada vez mais, e o seu interior fica a mercê do povo da terra judaíta. Inovação que mas parece com uma prescrição legal típica do livro do Êxodo, re-significada para dentro da literatura deuteronômica.³⁰⁵ Contudo, não seria apenas uma sanção jurídica, mas uma parênese cuja elegância não se partilha entre o livro de Êxodo.

E assim, por fim, chegamos a última parte da frase.

4.1.3. Por que fazemos isso?

Após dizer para se interditar o sábado para o descanso passa-se a lembrança da atuação do divino judaíta no povo. Esta é parte fundamental do ensino legal, pois é ela que assegura o vínculo místico desta palavra bíblica. Reforça-se com isso o vínculo sacerdotal na oração.

Uma terminologia sacerdotal que assegura o vínculo com a divindade $\hat{y}h, l \{a / hw"hy > \hat{W} > ci rv, a]K; \equiv$, “como te ordenou Javé teu Deus”. Uma forma que se aproxima das que são evocadas em textos posteriores de Deuteronômio, como no capítulo 4,32, e em vários textos do Código Deuteronômico, como, por exemplo, 13,6; 26,16; 28,1.³⁰⁶

³⁰³ Cf. Friedrich Erich Dobberahn e Verner Hoefelmann, “Redescobrimo as cruzeiras lá onde foram erguidas”, p.85-100.

³⁰⁴ A tese de uma nova sociedade que gerou dialogando com os antigos textos do Código da Aliança, cf. Halpern, “Jerusalem and the Lineages in the seventh Century BCE”, p.11-107.

³⁰⁵ Ultimamente quem tem dado conta desta forma do livro de Deuteronômio é, pois Levinson, “The Reconceptualization of Kingship in Deuteronomy”, p.511-534 quando relaciona a sociedade de Josias e o crescimento das leis em Judá. Levinson se baseia, sobretudo nas propostas de Lohfink, de: *Deuteronomium und Pentateuch*, p. 13-38.

³⁰⁶ Usamos a definição do Código Deuteronômico de Frank Crüsemann em: *Tora*, que vai de Deuteronômio 12-26, novamente, discordamos de Norbert Lohfink, que o coloca de Deuteronômio 12-28, em seu *Deuteronomium und Pentateuch*, p. 13-38, e, em “Um balanço após a catástrofe”, p.184-211.

Termo que fora expandido para dentro do livro, ele que deve ter pertencido à forma que os sacerdotes, do tribunal do Templo de Jerusalém, estilizavam seus trabalhos. Nesse caso, não se acredita no que Frank Crüsemann³⁰⁷ indica sobre os acentos divinos que foram dados às leis do Antigo Testamento no exílio babilônico, que levaria tal terminologia ao estado de acréscimo frente à deliberação de Deuteronômio 5,12-15. É um fato refutado, já que acreditamos que outros textos, com a forma divina em Deuteronômio foram trabalhados no pré-exílio judaíta.³⁰⁸

No caso, um detalhe deve ser destacado. Novamente, falar sobre o divino devia ser uma construção característica dos sacerdotes judaítas. O povo se reconhecia em meio às estilizações dadas ao deus Javé e, assim, reforça-se com o sagrado, em indicações sobre sua vida corriqueira. Então, ao prescrever um dispositivo evocando a ordenança de Javé, deus dos judaítas, buscava-se o reconhecimento do povo perante o ensino.

Pensamos que “como te ordenou” seja como um carimbo dado pelos sacerdotes no tribunal do Templo, ao sinalizarem uma espécie de mandamento da coalizão hegemônica judaíta que, hoje, poderíamos chamar de “estado”.³⁰⁹ Fizeram isso, logo após, os anciãos iniciarem a escrita do texto. Assim, ao se indicar como ordenança de Javé, se assemelha aos acordos típicos dos estados nacionais, satisfazendo com ele os diferentes ramos da sociedade.

Assim, para que se continue a questão no tópico abaixo, se passa à análise do fragmento tido no v.15c, conforme a estrutura em palíndromo nos sugere. Aprofundaremos abaixo a questão da saída do sábado/saída do Egito, como ato salvífico de parte do povo de Judá.

4.2. O final do mandamento (v.15c)

³⁰⁷ Cf. Crüsemann *Tora*.

³⁰⁸ Cf. mesmo, as prescrições mais antigas, como de Deuteronômio 15, vide Schwantes, *Das Recht der Armen*, p.13-68, e ainda, em Reimer, “Leis e relações”, p.126-137. Todas elas que podem ser colocadas no pré-exílio têm relações divinas mais que deveriam pertencer a círculos fora deste tempo indicado por Frank Crüsemann. Mas detalhes sobre as leis e seus vínculos divinos, cf. Herbert Donner, *História de Israel*, p.148-150.

³⁰⁹ Tomamos algum cuidado de se apresenta no Oriente Antigo, o estado judaico. Coisa comum entre os estudiosos cristãos bíblicos. Mas, é importante de se dizer que quando se cita o “estado” judaíta, se esta referindo a coalizão de grupos sociais que se unem para comandar, a partir do golpe dado pelos proprietários de terras livres, sobre isso, cf. na matriz bíblica, Reimer, “Benção e Solidariedade”, p.22-26, e em seu, “Inclusão e Resistência”, p.11-20, e mesmo, Crüsemann *Tora*, p.358-389. Agora, sobre o golpe e a atuação posterior dessas elites cf. a teoria de Gramsci, tida em: *Os intelectuais*, p.153.

Após, a análise do v.12, buscamos falar sobre o v.15c. Como estamos dizendo, a leitura de Deuteronômio 5,12-15, não será feita de forma sincrônica, mas sim em diacronia. Em vez de se ler da forma expansiva, se testa a leitura das partes que se completam, segundo o molde constituído palíndromo tido no capítulo (II) referente à forma de Deuteronômio 5,12-15.³¹⁰

Da abertura no v.12 se vai, diretamente, em direção à última parte da palavra, isto é, o pedaço $tB'Vih; \sim Ay-ta, tAf[]l; \hat{y}h,l\{a/hw"hy> \hat{W}>ci !Ke-l[\equiv$, “por isso te ordenou Javé teu Deus para fazer o dia de sábado”. São duas partes que merecem atenção especial, que analisaremos separadamente.

Primeiro se dará atenção ao pedaço de $\hat{y}h,l\{a/hw"hy> !Ke-l[\equiv$, “por isso te ordenou Javé teu Deus”, e, posteriormente, a parte $tB'Vih; \sim Ay-ta, tAf[]l;$ “para fazer no dia de sábado”. Mesmo observando os fragmentos em separado, tentaremos tratá-los de forma unívoca em relação ao todo da parênese, já que Deuteronômio 5,12-15 uma sentença legal-parenética. Segmentamos em partes somente para a análise, cuidando também que todas as partes sejam relacionadas com o texto como um todo.

4.2.1. O dia da lembrança de Javé

Não se pode negar que, mesmo diante das leis do Antigo Testamento, se respira os ares da mística e da religiosidade do povo judaíta. Mesmo acreditando que Deuteronômio

³¹⁰ Quando passamos para o v.15c estamos indo para o ramo A' da estrutura em palíndromo. Vamos agora observar o consorte do A (v.12), isto é, o ramo que completá-o em termos do modo semítico de articular os textos. O fragmento futuro a ser pensado é o v.15c: “por isso te ordenou Javé teu Deus para fazer o dia de sábado”. Como ocorre no v.12, tanto os anciãos do portão (em: “para fazer o dia de sábado”), quanto, os sacerdotes o escrevem, em: “por isso te ordenou Javé teu Deus”. Sendo que no v.15c, a ordem da escrita é trocada em relação ao v.12. Forma-se um esquema interessante de iniciar e fechar o texto de Deuteronômio 5,12-15.

5,12-15 tem alvos bem definidos na vida sócio-econômica das roças judaítas, não se pode negar o vínculo religioso do mandamento.

Este texto não é só religioso, ou apenas econômico, nem exclusivamente salvífico, nem voltado apenas para o lado agrário. O texto de Deuteronômio 5,12-15 perpassa todas as faces daquela sociedade.³¹¹ Quando interpretamos um texto, interpretamos também uma sociedade, como Mikhail Bakhtin fala sobre as festas dos carnavais tratadas no seu processo de doutoramento³¹². Compreendemos que, diante de um fenômeno social, todos os sentidos da vida de um povo podem ser vislumbrados.

Nesse caso, fazemos uma ressalva. Quando dizemos que se fará uma leitura exegética sócio-econômica, não queremos desprezar qualquer outra face da sociedade, e sim chamar atenção a uma delas. Todas as faces têm que ser consideradas numa análise.³¹³ Falando mais diretamente de Deuteronômio 5,12-15, a religião é um dado fundamental para aquele povo, por isso o tribunal sacerdotal ajudara a escrever o trecho. O aspecto que chama mais a atenção (e que vem sendo deixado um pouco de lado) é a percepção do ambiente e da vida agrícola dos homens palestinos. Mesmo nesse fragmento, a religiosidade tem o seu destaque, já que aparece para ajudar o texto a circular mais facilmente, em sua oralização. Com ela, sua relação com o divino Javé volta a ser evocada em $\Upsilon \ ^{y}h, l \{a / hw"hy> \ ^{W}>ci\}(\text{)},$ “te ordenou Javé teu Deus”.³¹⁴

Esta partícula, do tribunal do Templo, inicia e fecha o texto, incluindo-o.³¹⁵ Entrelaça-se na parenêse elevando Javé, deus de Judá – aquele (único) que pode trazer a resposta e solução para as dificuldades do povo. Tanto é que sua indicação resguarda a palavra, iniciando-a e concluindo-a. Permitindo maior circulação do material, atrás do

³¹¹ Sobre esta percepção de que um texto solidifica-se sobre varias áreas da cultura social, cf. Gramsci em sua *Concepção*, p.156.

³¹² Cf. sua tese de doutoramento Bakhtin, *A Cultura Popular na Idade Média*, 1987, p.12-43.

³¹³ Quase da forma em que Haroldo e Ivoni Reimer trabalharam sobre as tradições jubilares da Bíblia, *Tempos de Graça*.

³¹⁴ Transformado os textos em textos de circulação, cf. para a inclusão bíblica, Cf. para isso Schwantes, *A terra*, p.135, Max Weber, *Das antike Judentum*, p.281-295. Tal ponderação é baseada no conceito de “sentença jurídica”, cf. Schwantes, *A Família de Sara e Abrão*, p.21-26. Conceito esse que bebe da idéia de “inclusão” de certos textos bíblicos, cf. Mercedes Lopez, “A Hokmah bem humorada”, p.43-59.

³¹⁵ Cf. o termo pode ser visto em Mercedes Lopez, “A Hokmah bem humorada”, p.43-59, e, também, no resumo da tese de doutoramento de Haroldo Reimer, “Amós – profeta de juízo e justiça”, *Revista de Interpretação Latino Americana*, nº35/3, p. 171-190.

simples bordão: $\text{Y}^{\text{h}} \text{, l} \{ \text{a} / \text{ hw}^{\text{h}} \text{hy} \} \text{W}^{\text{h}} \text{c} \dot{\text{i}}$, “te ordenou Javé teu Deus”. Esta fórmula é iniciada pela partícula $\text{!Ke} - \text{l} [\text{i}$, “por isso”, que ajuda os sacerdotes do Templo a radicarem algo para o povo a reconhecer a proposta como solução para seu dilema. Por conta dos problemas, e diante da solução, que se continuará a descrever sobre o texto.

4.2.2. A repetição do termo sábado

Após se dizer que tal ensino é dado por Javé, deus dos judaítas, se menciona aquilo que se esta propondo para a camada do povo da terra de Judá. E, a lembrança não é uma mera menção. Não, seus escritores fazem um trabalho detalhado. Os artífices, agora, nesse caso, os anciãos, escrevem com labor. Constroem o texto com primor! Contorcem as palavras no hebraico para indicar que estão terminando a palavra em questão. Dão mostras que têm experiência na arte de escrever dispositivos a sociedade.³¹⁶

Primeiro, os sacerdotes provam com isso que não são simples técnicos, mas devem viver do ofício de escrever e articular palavras no tribunal do Templo para promulgação social, pois, depois de repetir a chancela do divino, $\text{Y}^{\text{h}} \text{, l} \{ \text{a} / \text{ hw}^{\text{h}} \text{hy} \} \text{W}^{\text{h}} \text{c} \dot{\text{i}}$ “te ordenou Javé teu Deus”, quase como uma apreensão de um “estado” judaíta, reintegram aquilo em que fora escrito, por eles, na primeira oração, no v.12. Fazem isso, agora, trocando as ordens da sua palavra com os anciãos, o que foi no v.12, “o dia do sábado (...) como te ordenou Javé teu Deus”, passa a ser no v.15, “te ordenou Javé teu Deus (...) o dia de sábado”. Ambos, grupos mostram com isso sua percepção métrica coisa que só os artífices (intelectuais³¹⁷) poderiam construir.

Os anciãos, líderes tribais, reeditam o termo $\text{tB}^{\text{h}} \text{V}^{\text{h}} \text{i} \text{h} \text{i} \sim \text{Ay} - \text{ta} , ,$ “o dia de sábado” da mesma forma encontrada no v.12, mas, agora, compassam junto ao

³¹⁶ Para o contorcer dos textos bíblicos, cf. Almeida, “Reconhecemos nossos inimigos”.

³¹⁷ Coloca-se como intelectuais por quer eles passam a entrelaçar a cultura local, em todas as faces da sociedade, cf. esse conceito de Gramsci, *Os intelectuais*, p.153.

verbo, $\text{tAf} [] \text{l} ;$, ($l^e \text{ } ^a st$) “para fazer”³¹⁸. Reintegram, na mesma posição do v.12, colocando o verbo “santificá-lo” o ajustando ao verbo “para fazer”, indicando mais dissoluções histórico-sociais a tal palavra jurídica.³¹⁹ Ora, não devem ter repetido o termo $\text{vD} > \text{q}$ “santificar” afim de não tirar sua importância no v.12. Se assim o fizessem, tirariam a primazia do início do texto, além de destituir a importância do verbo “para fazer” no v.15, já que o ensino teria pouca expressividade.

Então, coloca-se ao invés de $\text{AvD} > \text{q} ; \text{l} .$ “para descansar”, simplesmente $l^e \text{ } ^a st$ “para fazer”, pois, com essa costura, se mantém a referência do ensino prático, e ao mesmo tempo, não se destitui a função anteriormente dada ao verbo “santificá-lo”. Sem se esquecer que a mesma raiz verbal $\text{ } ^a st$, do verbo “fazer”, será destacada no pós-exílio para iniciar a prescrição do sábado, no decálogo de Êxodo, capítulo 20, 10.³²⁰

Resumindo o que foi dito nessa moldura. Com o v.12 e v.15bc, do mandamento de Deuteronômio 5,12-15, compreendemos que tanto no início e tanto no fim se ensina sobre o descanso no dia da semana do sábado. Reforça-se a indicativa para que se separe para descanso, ou, mesmo, que se “santifique” como indicam Frank Crüsemann, Fritz Stolz e Haroldo Reimer³²¹.

Podemos dizer que inicialmente os anciãos e posteriormente os sacerdotes ensinam um dia de descanso para deixar interdito serviço nas roças do povo da terra de Judá. Nos tempos de Josias constroem um dia no calendário semanal para que, no meio da propriedade do povo da terra, seja parado o trabalho. Assim, o divino Javé é quem permite tal atitude deliberativa por meio deles.

Agora, para perceber mais detalhes dessa proposta, passaremos à parte mais interna (segundo a estrutura concêntrica) da prescrição analisada. Pondera-se com isso que tal parte nos ajudará a percebermos mais detalhes da aplicação social dessa nova proposta de solução em Judá.

³¹⁸ Cf. para análise mais detalhada do tronco verbal $\text{ } ^a st$, cf. Gesenius e Robinson, *Hebrew*, p.110, e mesmo das suas relações com o livro de Deuteronômio.

³¹⁹ A relação do ato de “para fazer”, com as constituições e as parêneses tidas em Deuteronômio, cf. Crüsemann, *Preservação*, p.65-70.

³²⁰ Crüsemann, *Preservação*, p.65-70.

³²¹ Todos foram citados nas notas de rodapé n°302 á 304.

4.3. Todo trabalho em seis dias (v.13)

Após se dizer no v.12 aquilo que Javé teria indicado para que eles fizessem, agora, o discurso continua dentro da temática do trabalho nas pobres terras de Judá.³²² Enquanto, na interpretação histórico-social de Frank Crüsemann³²³ já se ensaiava o apelo no serviço das moradas do povo da terra, nesse trabalho, ponderamos que não se tem mais deixar de relacionar Deuteronômio 5,12-15 com as terras e propriedades desses sujeitos livres judaítas.

O v.12 inova com uma proposta refinada de descanso do serviço e da terra, o v.13, aprofunda o vínculo deste descanso com o trabalho nas propriedades. Pensa-se também, que certas terminologias até demonstravam certo apelo litúrgico, mas de agora em diante, percebemos que o texto não deve ter sido utilizado nas festas nacionais e em festividades da casa: seu vínculo deve ter sido fomentado no tribunal do Templo de Jerusalém.³²⁴

De fato, agora, se pormenoriza como se enquadrava a novidade do descanso semanal na vida diária daqueles ligados á casa dos *pater famílias* judaítas. Inicialmente, os anciãos buscam detalhar essa nova deliberação, dizendo $\text{^T, k . a l ; m . - l K '}$
 $\text{t ' y f i [' w > d b o [] T ; \sim y m i y " t v , v e}$, traduzido da seguinte forma: “Seis dias trabalharás e farás todo teu trabalho”.

Compreende-se, assim, o que já se indicou no v.12 sobre o “dia do descanso”, ou seja, que aquele dia não era feito qualquer serviço, como era na Babilônia. Mas por agora, os anciãos, líderes das tribos, no auge de suas vivências³²⁵, buscam mostrar como que seria a

³²² Nesse tópico referente ao v.13 passamos a analisar o que seria no modo concêntrico o tópico B. Quando se deixa às partes A e A' e se começa a se caminhar para o centro C.

³²³ Cf. Crüsemann, *Preservação*, p.65-70.

³²⁴ Quem descreve desta forma é Frank Crüsemann quando “Apesar da ocorrência de tribunais de anciãos e semelhantes (...) é preciso observar que a terceira coluna dos sistemas de direito daquele tempo, o tribunal cultural-sacerdotal no templo estava submetida em grande parte à influencia do rei, exatamente como todos os templos”, cf. *Tora*, p. 116-117. Lá devia haver uma instancia jurídica onde se legislava elementos do culto e da vida sagrado do povo judaíta, cf. Lopez, *Deuteronômio*, p.11-16.

³²⁵ Nesse caso se refere às vivências dentro e diante das viagens para comércio e trocas com os povos vizinhos de Judá. Estes poderiam até ser mais velhos, mas a característica básica de um ancião do portão era de ser bem sucedido frente aos demais judaítas, tendo mais condições de dialogar com os outros povos e de trocar mercadorias com eles, cf. Dobberahn e Hoefelmann, “Redescobrimo as cruzeiras lá onde foram erguidas”, p.85-100.

vida nesse novo calendário proposto para os trabalhadores. E, para que assim se perceba, buscamos analisar tal frase em dois pedaços, da seguinte forma.

4.3.1. Seis dias de trabalho e um para descanso!

Depois de se falar sobre aquele dia de descanso, se detalha como irão o trabalhador e os membros do povo da terra se comportar diante da nova ordenança. Ora, todos os ligados às propriedades dos homens livres de Judá deveriam irrestritamente agir da forma seguinte $\text{d}bo[]T; \sim ymiy" \text{ } tv, ve$, “seis dias trabalharás”.

O detalhe é que todas as prescrições ligadas ao termo jubilar, isto é, o “descanso da terra”, trazem essa contagem dos dias.³²⁶ Era muito importante dizer como que deveria ocorrer o descanso, e o trabalho no restante da semana, senão os prejuízos poderiam vir com descanso em demasia ou com a possível falta dele. Delimitar muito bem tal tempo passa a ser uma necessidade, pois pode causar prejuízo nas propriedades, mesmo numa sociedade com traços tribais.³²⁷

Sempre que é apresentada uma atitude tão radical como a de separar um dia para o ócio, os escritores bíblicos tomam cuidados importantes. Desde a primeira menção do descanso, em Êxodo 34, 21, o texto bíblico descreve, “Seis dias trabalharás, mas o sétimo dia descansaras”³²⁸. Percebemos o cuidado tomado ao delimitar o tempo de serviço e o tempo do ócio bíblico, mesmo em sociedades anteriores ao mercantilismo, como as analisadas por Whitold Kula³²⁹.

Mesmo que tal ensino “Seis dias trabalharás” não se manteve no texto de Êxodo 21,12, no v. 13 (de Deuteronômio 5,12-15) a estrutura de contagem é mantida quando se repete a deliberação do texto mais antigo, isto é, de Êxodo 34,21. Muito embora se perceba que a temática do trabalho seja relevante em Êxodo 34,21, e em Deuteronômio 5,12-15, no

³²⁶ Cf. Reimer, “Leis dos tempos”, p.15-32.

³²⁷ Pensamos no caso desta proposta de descanso de um dia na semana em Judá, considerando o que próximo ao que Whitold Kula discute em sua: *Teoria econômica*, p.231-253. Livro em que analisa a sociedade européia anterior ao mercantilismo, no caso podemos dizer que, nestas, duas sociedades não deve ter havido o lucro mais se deve trabalhar para que se consiga o tempo para o descanso.

³²⁸ Como se vem em Crüsemann, *Tora*, p.358-389.

³²⁹ Whitold Kula, *Teoria econômica*, p.231-253.

texto de Êxodo 21,12 há um dado explícito.³³⁰ A contagem fica, apenas nas entrelinhas do que se discute lá.

Passemos agora para a descrição do restante da frase do v.13.

4.3.2. Nesse tempo farás todo o trabalho!

Ao analisarmos o esquema que vem sendo construído (inicialmente) pelos anciãos do portão da cidade ratificado posteriormente pelo tribunal do Templo, podemos entender como deve continuar a ocorrer o trabalho e todo serviço nas propriedades dos homens fortes judaítas.³³¹ Se antes fora dito sobre os dias que seriam dados exclusivamente para a obra na casa dos destinatários do texto, agora, reforça-se a especificidade do texto em questão.

Depois de se ter dito sobre o tempo propício para o trabalho, passamos ao momento de deliberar sobre o que se fará. Deveria ser importante dizer para aqueles envolvidos com a propriedade dos homens livres que $\text{^T, k . al ; m . - l K ' t ' y f i [' w > ,}$ “e farás todo teu trabalho”.³³²

Para esses proprietários de terras livres, donos de roças, e do serviço no interior das poucas regiões agrícolas de Judá, como o é a Sefalá, devia ser difícil se tratar do descanso, da falta de serviço.³³³ Pode-se dizer, que devido à produção nos pobres solos semi-áridos das péssimas terras de Judá, serviço não devia faltar. Sobretudo por conta da condição pouco favorável da composição do solo. Devia-se ter que se mexer e trabalhar bastante para oxigenar um solo tão poroso e pobre.³³⁴

³³⁰ Reimer e Reimer, *Tempos de graça*, p.42-46.

³³¹ O autor que trabalha o texto numa dinâmica próxima a essa é Frank Crüsemann, em sua: *Preservação*, p.65-70.

³³² Novamente volta-se a indicar para isso: Kula, *Teoria econômica*, p.231-253, mas ainda, sobre as sociedades antigas e seu apressamento social e do trabalho cf. Cro Flammarion Siqueira Cardoso. “Tempo e a História”.

³³³ Sobre a região da Sefalá e o trabalho, cf. Rainer Kessler, “Miqueias e o povo da terra”, *Caminhos*, p.1102-1135, e Noli Bernardo Hahn, *A profecia de Miquéias: memórias, vozes e experiências*, p.32-134. Sobre a profecia de Miquéias, cf. Zabatiero, *Miquéias*, p.35-87. Agora, a história do povo bíblico que traz detalhes sobre a questão da região da Sefalá, é a de Finkelstein e Silberman, *A Bíblia não tinha razão*, p. 370-393. E, por fim, sobre a memória histórico-arqueológica do local se pode ver em Amihai Mazar, *Arqueologia na terra da Bíblia: 10000-586 a.C.*, p. 231-246.

³³⁴ Sobre a condição péssima do solo palestino, cf. Amihai Mazar, *Arqueologia na terra bíblica*, p.386-489. Agora, os detalhes sobre os tipos de técnicas e de serviços que foram utilizados na região podem ser

Algumas versões em português indicam tal ato quando traduzem $\text{^T, k. al ; m. - lK' t 'yfi ['w >}$, por “farás toda a tua obra”³³⁵, e, “fazendo todo o seu trabalho”³³⁶. Tais traduções, umas mais e outras menos, resguardam a idéia de que além de trabalhar nesses seis dias ditos acima, tanto os serviçais como meios de produção, quanto o próprio povo da terra, teriam que fazer tudo o que tem para ser feito para assim fazer jus ao descanso.

Compreendemos que o descanso não tiraria a responsabilidade de completar $\text{^T, k. al ; m. - lK'}$ “todo o teu serviço” que era para ser feito no campo judaíta. Nisso se concorda com Milton Schwantes³³⁷, quando afirma que o descanso sabático não gera uma transformação na vida dos judaítas, apenas busca amenizar um pouco o serviço na lida do povo do pré-exílio.

E por falar de ano sabático e de descanso do serviço no fim do pré-exílio (no reinado de Josias), indicamos que esta última parte, do v.13, apresenta-nos um detalhe interessante, no que tange a sua tradição de escrita. Se a primeira parte do v.13 ($\text{dbo [] T ; ~ymiy" tv, v}$, “seis dias trabalharás”) é uma formulação já exposta antes num texto do 9º século a.C., isto é, Êxodo 34,21, agora, a outra parte, $\text{^T, k. al ; m. - lK' t 'yfi ['w >}$, “e farás todo teu trabalho”, advém de outra tradição bíblica.³³⁸

O vocabulário da deliberação é encontrado diante da tradição jubilar tida no Código da Aliança, digamos em Êxodo 21,12. Um texto que teria uma tradição antiga, mas que fora

vistos em Moris Silver, *Prophets and Markets: The Political Economy of Ancient Israel*, p.110-118, e na América Latina, Haroldo Reimer, “Sobre economia no antigo Israel”, p.7-32.

³³⁵ Tradução tida em Bible Works for Windows, a versão, Almeida Revista e Atualizada.

³³⁶ Cf. A Bíblia: tradução ecumênica, p.210.

³³⁷ Cf. Schwantes, “No banquete das origens: comida e bebida em narrações bíblicas”, p.29-45. Agora, um detalhe tem de ser dito sobre esta afirmação de Milton Schwantes. Esta ótica crítica é assumida por Haroldo Reimer (“Inclusão e Resistência”, p. 11-20 e “Leis e relações”, p.11-32.), pelo próprio Frank Crüsemann (*Tora*), mas é deixada de lado, por exemplo, pelos discípulos de Norbert Lohfink, como Pedro Kramer (*Origem e Legislação de Deuterônimo*, p.280-301).

³³⁸ Como se pode ver em Reimer e Reimer, *Tempos*, p.42-46.

escrito a partir da chegada dos israelitas por volta do fim do 8º século a.C., em Judá, diante da migração dos israelitas.³³⁹

Agora, após perceber-se que o v.13 pode ter sido construído em vista de duas tradições jubilares anteriores, isto é, a de Êxodo 34 e a de Êxodo 21, há pistas mais fortes de que o alvo desse texto é a vida rural e trabalhista do povo, e não das festas e os momentos litúrgicos privilegiados de pouco em Judá, pois toda a linha de mandamentos do pré-exílio trata da vida agrária, poucos detalhes os ligam às liturgias.³⁴⁰

Enfim, nesse momento, passamos ao entendimento do texto que completa o v.13, diante do modo palíndromo, isto é, se analisará agora, a parte do v.15ab, o qual ponderará sobre o serviço servil escravocrata e sua relação por vezes salvíficas, e por vezes resguardadora do povo da terra.³⁴¹

4.4. “Pois escravo foste na terra do Egito” (v. 15ab)

Quase sempre, fala-se da religião e da sua relação com as idealizações do passado. O historiador da religião James Dumézil³⁴² tem méritos ao propor que o mito e o romance interagem entre si, pois uma tradição (memória³⁴³) tão violenta se tornaria raiz da organização de parte da população judaíta. Assim, junto ao linguajar religioso de parcela da população, como esse de Deuteronômio 5,12-15, não pode faltar o valor da recordação do

³³⁹ Vide para esta constituição Crüsemann *Tora*, p.159-282, e ainda, em termos da exegese latino-americana, cf. Reimer, “Leis de Mercado e direito dos pobres”, e ainda, Mesters, “O livro da Aliança na vida do povo de Deus”, p.171-190.

³⁴⁰ Frank Crüsemann em sua *Tora*, p.159-282, chega a indicar tais elementos. Sendo que, no que tange aos textos de Deuteronômio apresenta detalhes um tanto quanto diferenciados. Agora, para a questão de Deuteronômio e as liturgias cf. Bernard Levinson, “The Hermeneutics”, p. 269-286, Julio Paulo Tavares Zabatiero, “Em busca de uma economia solidária”, p. 9-21, Leslie J. Hoppe, “Deuteronômio”, p.191-193, Pedro Julio Triana Fernandez, “Palavras para tempos de crises... uma aproximação ao livro de Deuteronômio (parte I)”.

³⁴¹ Passamos agora, para a parte B’ da estrutura concêntrica. Aquela parte que forma um par com a parte analisada até então no v.13, isto é, o versículo assume a posição B.

³⁴² James Dumézil, *Do Mito ao Romance*, p.20-43.

³⁴³ Reimer e Reimer dizem que a memória do Êxodo é uma “memória subversiva”, cf. *Tempos*, p.44, autores que fazem menção da teoria de Halbwachs. *A memória*, p.116-125. Mas parece que para isso, ou seja, para que fosse uma “memória subversiva”, o grupo teria que ser dominado, espoliado, o que tanto Haroldo Reimer quanto Ivoni Reimer, concordam que não é verdade. Pois, nesse caso, quem o utiliza é, pois os proprietários de terras livres, gente em completo direito nas terras judaítas. Então, ao invés de utilizar tal designação preferiu-se a de Eric Hobsbawm, quando trata da fortificação de determinados reinos a partir da utilização de tradições de outros reinados bem sucedidos. Pode-se ver tal teoria em: *On history*, p.23-54.

que sofreram no passado.³⁴⁴ Percebemos que, depois dos líderes tribais tratarem do serviço, e sobre como ele deve se organizar nas terras dos proprietários livres de Judá, se menciona o “passado” do povo envolvido na restrição. Lembra-se do passado para contextualizar palavra frente aos problemas trabalhistas e da terra do presente.³⁴⁵

Isso é feito para que se separe um dia de descanso, visando melhorar a vida roceira e, conseqüentemente, melhorar sua produção nos campos judaítas. Nesse caso, o texto bíblico é específico ao tratar da memória do Egito $hy"Wjn> [;roz>biW$
 $hq'z"x]$ $dy"B.$ $\sim V'mi$ $\wedge yh,l\{a/$
 $hw"hy> \wedge a]ciYow:$ $\sim yIri:c.mi$ $\#r,a,B.$
 $t'yyIh'$ $db,[,-yKi$ $T'r>kiz"w>$, isto é, “E lembrarás, pois escravo foste na terra do Egito, e Javé, teu Deus, te tirou, de lá com mão forte e com braço estendido”.

A lembrança traz à memória a desgraça do passado, em detrimento do presente vivido.³⁴⁶ O passado passa a ser chave para a mobilização diante do ensino pregado. É uma memória dos que migraram do Egito, berço da escravidão de parte da Palestina, e que, posteriormente, encontraram em Judá local para ter vida e influência.³⁴⁷

Assim, optamos por destacar este detalhe e, por isso, dividimos a frase em duas orações. A primeira, que pertencera aos anciãos, contém a oração $\sim yIri:c.mi$
 $\#r,a,B.$ $t'yyIh'$ $db,[,-yKi$ $T'r>kiz"w>$ “E lembrarás, pois escravo foste na terra do Egito”. Logo depois da primeira oração, se comentará a segunda oração que pertencera aos sacerdotes do Templo de Jerusalém,

³⁴⁴ Cf. que Jose Severino Croatto diz que a memória do Êxodo e do Egito, são os mitos da salvação de certo grupo em Judá, *As linguagens da experiência religiosa. Uma Introdução à fenomenologia da Religião*, p. 218. Quando Jose Severino Croatto parece fazer menção de Mirceia Eliade, em *Mito do eterno retorno*, p.34-103.

³⁴⁵ Jose Severino Croatto, *As linguagens da experiência religiosa*, p. 218.

³⁴⁶ Sobre o livro de Êxodo e sua raiz violenta cf. Schwantes, “Faze sair meu povo Israel do Egito”, *Estudos de Religião*, vol. 14, p. 23-33. Ainda, para tratar do grupo migrado do Egito, cf, Schwantes, *Historia de los origenes de Israel: aprender de pueblos en marcha y alianza*, e o batista, Norman K. Gottwald, *As tribos de Iahweh*, p.285-367, por fim, Carlos Dreher, *A formação social do Israel pré-estatal*, p.167-201.

³⁴⁷ Como trata Schwantes em “Seis Dias Trabalharás e Farás Toda a Tua Obra”, p. 6-21, “Faze sair meu povo Israel do Egito. Anotações sobre Êxodo 3”, p.23-33.

dizendo o seguinte: $hy"Wjn> [;roz>biW hq'z"x] dy"B.$
 $\sim V'mi \ ^yh,l\{a/ hw"hy> \ ^a]ciYOW:$, “é Javé, teu Deus,
 te tirou, de lá com mão forte e com braço estendido”.

Passamos à análise de ambas as orações na seqüência.

4. 4.1. Foste escravo no Egito

Uma lembrança como a do Egito deve ser resguarneckedora³⁴⁸ para os destinatários de Deuteronomio 5,12-15. E é claro que os anciãos do portão, donos das técnicas de deliberar palavras jurídicas, sabiam disso ao juntar à temática do serviço. Recordar-se o trabalho feito por seus ancestrais em outras terras.

De certa forma, ligar o texto a esta tradição auxilia a designar seus destinatários. Diante do descanso de suas terras, a lembrança do passado tortuoso dos seus ancestrais é motivante.³⁴⁹ Remete-se ao passado para trazer à memória o compasso dos dilemas da vida daquele povo, que em Josias, se estrutura diante de uma política de alianças. Ora, contando que o texto de Deuteronomio fora constituído para o povo da terra judaíta³⁵⁰, a tradição do Egito os remete a violência deste evento passado dizendo “com mão forte e do braço estendido”.³⁵¹

Portanto, o que se menciona como fundamento de tal tradição passada violenta é a vida no Egito, isto é, $\sim yIr;c.mi \ #r,a,B. \ t'yyIh'$

³⁴⁸ Para compreensão psicológica e social do mito revitalizar e animar a vida, cf. Mircea Eliade, *Tratado de história das religiões*, p.210-236. Para a função do Egito, frente ao texto Deuteronomio 5,12-15, cf. Leslie J. Hoppe, “Deuteronomio”, p.191-193, e o próprio, texto de Ronald Clements, “The Book of Deuteronomy”, p.110-112. Agora, este detalhe significativo das tradições bíblicas trazidas para dentro de textos posteriores, especialmente, daquelas tradições trazidas de Israel vide a análise de Milton Schwantes sobre o texto de Oséias 11, para isso, cf. o artigo: “Era um menino: anotações sobre Oséias 11, p.33-41. Para o detalhe da tradição do Egito no livro de Deuteronomio cf. Norbert Lohfink, *Grandes manchetes*, p.29-37.

³⁴⁹ Para algumas teorias de formação de Israel, sugere-se o caso de alguns migrantes do Egito, vindo da escravidão, Norman K. Gottwald, os chama de *hapirus*, cf. *As tribos de Iahweh*, p.231-287.

³⁵⁰ Cf. Crüsemann, p.307, Crüsemann, “Imaginário de violência como parte da história das origens”, p.218-238, Reimer e Reimer, *Tempos*, p.42-46, Garcia López, *Decálogo*, p.13-69.

³⁵¹ Nesse caso, autores como, Norbert Lohfink, analisam o texto de Deuteronomio 26,1-11, como sendo um dado da teologia do Egito tida dentro do livro de Deuteronomio, cf. Lohfink, *Grandes manchetes*, p. 29-37, e ainda, para tratar de forma mais explicativa desta teologia formulada por Norbert Lohfink, cf. esta teologia cf. Pedro Kramer, *Origem e Legislação de Deuteronomio*, p.244-248.

db, [, -yKi T' r>k ; z "w>, “E lembrarás, pois escravo foste na terra do Egito”. Teologia encontrada também, por exemplo, em Deuteronômio 15,15; 24,18.22. Compreendemos que a vida no Egito fora uma vida avassaladora para os povos subjugados. Para ajudar a construir esta tradição tão relevante em um grupo judaíta, destaca-se primeiro o valor verbal em que inicia a frase, T' r>k ; z "w>, traduzida por: “e lembrarás”.

A raiz que move a evocação da tradução é o tronco verbal $\text{r}^{\text{k}}\text{z}$ (*zchr*)³⁵². Aceita em quase todas as versões em português como “lembrar” – como nas versões Almeida Revista e Corrigida³⁵³, A Bíblia: tradução ecumênica³⁵⁴ e Almeida Revista e Atualizada³⁵⁵. As únicas versões que se distinguem são a Bíblia de Jerusalém³⁵⁶ e a Bíblia Vozes³⁵⁷, que usam o verbo “recordar”, termo similar ao mencionado no dicionário Wilhelm Gesenius e Edward Robinson³⁵⁸ e de Jose Luis Alonso Schökel³⁵⁹.

Ambas as formas na frase se aproximam no sentido, mas optamos pela primeira, indicada no dicionário bíblico de Wilhelm Gesenius e Edward Robinson como terminologia principal.³⁶⁰ É um termo interessante para o livro de Deuteronômio, pois ancora na história da salvação do grupo migrante no Egito. Relaciona por meio da linguagem mítica da fundação salvífica de parte da sociedade (que acreditava ser descendente de Davi³⁶¹), trazendo para eles a tradição de Moisés, como mostra o livro de Deuteronômio.³⁶²

³⁵² Cf. Gesenius e Robinson, *Hebrew*, p.1006.

³⁵³ Cf. Bible Works for Windows, Almeida Revista e Corrigida.

³⁵⁴ Cf. Bíblia, p.210.

³⁵⁵ Bible Works for Windows, Almeida Revista e Atualizada.

³⁵⁶ Bíblia de Jerusalém, p.265.

³⁵⁷ Bíblia Sagrada, p.208.

³⁵⁸ Gesenius e Robinson, *Hebrew*, p.1006.

³⁵⁹ Cf. Schökel, *Dicionário bíblico hebraico-portugues*, p. 211.

³⁶⁰ Cf. Gesenius e Robinson, *Hebrew*, p. 1006.

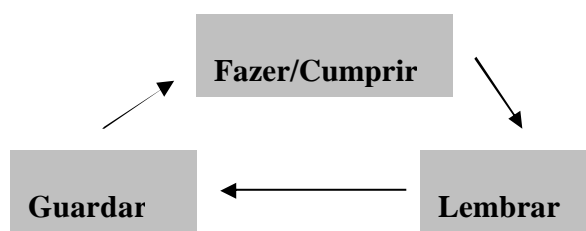
³⁶¹ Cf. a interessante conclusão que Tercio Machado Siqueira chega em sobre o que leva do povo da terra a assumir o poder na região judaíta, *O povo da terra*, p.285-312.

³⁶² No detalhe da tradição estamos assumindo que os membros da coalizão na medida em que vão se fazendo mais representativos dentro da dinâmica social de Judá, eles trazem sobre si, as mais variadas tradições da cultura palestina. Nesse caso, o povo da terra passa a ter sobre ele além da tradição de Davi, passam a ser considerados como parte do povo que migrou do Egito. Uma tradição que inicialmente deve ter sido utilizada entre os israelitas, e que forma adaptada para dentro de Judá. Assim, eles assumem uma outra tradição, sobre eles se “inventa” outra tradição para que se mantenha neles a reprodução social. Nesse caso, deviam fazer como as monarquias francesas ao assumirem o trono e para sustentarem a frente do reino, sobre isso cf. Hobsbawm, *On history*, p.23-54.

Com o sua da raiz verbal זכר (z^hkr), ressalta-se a tradição do serviço vinda dos migrantes do deserto. Este verbo permite que a construção frasal da parênese tenha um caráter revigorante para a parte do povo judaíta envolvida pela palavra. Pois, se o mandamento inicia com o verbo זכר, “guardar” (v.12), posteriormente, promove a ocorrência da construção עשה (v.13), “fazer” (“cumprir”), logo em seguida retoma uma constituição ligando o evento ao alvo verbalmente tido como זכר (v.15ab), “lembrarás”.³⁶³

Este esquema se firma como espinha dorsal do ensino. Em conjunto, forma uma ponderação intrigante para os receptores. Informa o que está sendo sugerido frente à dinâmica social (v.12), depois, pondera como isso deve ocorrer no bojo daquela sociedade (v.13), para finalmente revigorar no passado algo tradicional deste tipo de legislação (v.15).

A história da salvação da camada judaíta contribuiu para os problemas sócio-econômicos trabalhistas de Judá, levando à construção inicial desta sentença jurídica, tanto que a história da salvação é descrita junto a questões econômicas no Egito.³⁶⁴ Percebemos isso quando se fala que “escravo foste na terra do Egito”, o que é fortalecido segundo o esquema verbal descrito abaixo:



Nesse caso, percebemos novamente o trabalho competente feito inicialmente pelos anciãos responsáveis desta tradição. Com ela, buscam dar mais mobilidade social à parênese. Buscam construir um texto de estrutura prática e se fundamentam nela. A forma

³⁶³ Caminho frasal-verbal percebido antes em Almeida, *Coisas de criança*, p.62-82, e que fora retirado no caso de Ronald Clements, “The Book of Deuteronomy”, 210-234. Para a caracterização do tronco verbal `br como “fazer” e especificamente “cumprir” se utilizou o dicionário de Schökel, *Dicionário bíblicos*, p. 321.

³⁶⁴ Cf. para isso Almeida, *Coisas de criança*, p.62-82, e ainda, Fabio Py Murta de Almeida, “Animais de Porte como chave para Deuteronômio 5,12-15”.

busca a memória de outros textos, usando formas de dizer comuns às palavras de Deuteronômio, como Deuteronômio 9,26; 16,12; 24,22; 25,17. Assim, incita-se um fôlego econômico no texto, como nos textos de Deuteronômio 15 e de 24, onde se repete o termo e a oração: “E lembrarás, pois escravo foste na terra do Egito”. Lembra-se da vida miserável no passado, quando foram escravos na terra dos faraós. Jose Severino Croatto³⁶⁵ não se furta em dizer que, para parte dos judaítas, o Egito se traça como um mito da salvação.

Observemos o texto de Êxodo 20,8-12. Lá, por ser um ambiente diferenciado de Deuteronômio 5,12-15, a linguagem mítica da salvação dá lugar à linguagem mítica da criação, quando se usa “por que seis dias fez Javé os céus e a terra e o mar e tudo que neles há, e, ao sétimo dia descansou” (Êxodo 20, 12).³⁶⁶ Ora, tendo como base o sábado de Êxodo 20,8-11, nos parece que suas discussões ligadas à temática jubilar no pós-exílio não envolviam a vida econômica dos judeus. Importava que a centralização da vida em torno do Templo de Jerusalém passasse ao cotidiano do Judá.³⁶⁷ Assim, no pós-exílio persa, o sábado perde sua voracidade econômico-social e começa a se inserir no culto e no Templo de Jerusalém.³⁶⁸

Por isso, é importante usar a tradição e trazer à memória do grupo de proprietários livres de terras a escravidão do Egito. Lá, o povo da terra não tinha terras livres, e com a migração do Egito, passaram a tê-las na planície palestina. Falar sobre $\#r, a,$ (*‘éréts*), “terra” e “propriedade”, se torna importante para que percebam o por que se constituiu um dia da semana para o descanso em suas propriedades.

Novamente citamos Milton Schwantes, que percebe que o descanso do sábado não é para a transformação da vida social do povo, mas para que a vida se mantenha como está.³⁶⁹

³⁶⁵ Cf. Croatto, *As linguagens*, p.218.

³⁶⁶ Para a tradição posterior deste texto, cf. Crüsemann, *Preservação*, p.65-70, Frank Lothar Hossfeld, *Der Dekalog*, Gerstenberger, “Os dez e os outros mandamentos de Deus”, p.12-26, e, ainda próprio teólogo batista, Ribeiro, “Dilúvio(s) – as narrativas sacerdotais”, p. 99-136. Para o dado do Templo e o texto de Deuteronômio cf. Ronald Clements, “The Book of Deuteronomy”, p.110-112, e ainda, Duane Christensen, *A Song of Power*, p.32-64. Para esta diferenciação entre uma tradição (ou teologia) e outra cf. Lohfink, *Grandes manchetes*, p. 229-246.

³⁶⁷ Osvaldo Luiz Ribeiro, é quem vem trabalhando com interesse pelo tempo do império persa, e suas ações referidas ao Templo de Jerusalém, cf. “Dilúvio(s) – as narrativas sacerdotais”, p. 99-136.

³⁶⁸ Cf. para o sábado e contexto do pós-exílio, Rudi Tünnermann, *As reformas de Neemias*, p. 125-163.

³⁶⁹ Cf. Schwantes, “No banquete das origens”, p.29-45. Mas realçamos que existe a opinião na pesquisa como, por exemplo, de Norbert Lohfink que coloca o sábado como sendo uma revolução para os pobres e oprimidos. Sobre, isso cf. Lohfink, *Grandes manchetes*, p. 229-246, e o seu texto, inicial sobre o sábado, Lohfink, “*Zur Dekalogfassung von Dt 5*” p.17-32.

Usando a palavra $\#r, a$, (*'érets*), primeiro lembra-se do presente.³⁷⁰ Depois, lembra-se que nem sempre eles tiveram acesso à “propriedade” no passado, trabalhando para os poderosos Faraós.

Os líderes tribais então constroem um dia para resguardar no ócio de seus meios de produção. Tudo para não perder sua *'érets*. Resguardando seus trabalhadores com o descanso de um dia, automaticamente sua “terra” continuaria a dar frutos. Como ela sempre o fizera, desde a chegada deles na terra palestina.³⁷¹

4.4.2. Saída no braço!

Se os anciãos buscam resguardar a dinâmica do trabalho nos campos de Judá a partir da linguagem mítica da salvação, a oração mantém a discussão da vida no Egito, dizendo como ocorrera a libertação da escravidão de certa camada do povo.

Agora, depois dos anciãos apresentarem parte da teologia do Egito, o tribunal do Templo, do alto de sua percepção da sociedade, prossegue falando sobre o processo de salvação daquele antigo grupo de migrantes, grupo que ajudou a fundar o povo judaíta, estabilizado na sociedade por conta das elites de Judá.

Destacamos, agora, a saída avassaladora da escravidão. Para isso, não se poupam esforços para lembrar a bendita saída da casa egípcia. Desprendimento que não ocorreu de forma pacífica. Os ancestrais dos judaítas que migraram pelo Sinai tiveram que pelear para fugir. Não se pode dizer que foi guerra, pois os migrantes não eram tão significativos dentro do império egípcio.³⁷² Com esse detalhe em vista, foi escrito: $hy" Wjn > [;roz > biW \quad hq' z "x] \quad dy" B. \quad \sim V' mi \quad ^yh, l \{ a / hw" hy \quad ^a] ciYOw :$, em português: “e Javé, teu Deus, te tirou, de lá com mão forte e por braço estendido”.

³⁷⁰ Cf. Donner, *História de Israel*, p.387-407.

³⁷¹ Garantir os animais e a terra é uma saída ecológica, em que muitas vezes esta relacionada, a garantia da reprodução social, como dizem: Chesnais e Serfati, “‘Ecologia’ e as condições físicas da reprodução social”, atores que assumem tal proposta, baseando-se em Marx, *O Capital – livro I*, cf. o capítulo 25, parágrafo 2.

³⁷² Vide para isso, Schwantes, “Faze sair meu povo Israel do Egito”, p. 23-33. A relação de Deuteronômio 5 e o Egito, cf. Leslie J. Hoppe, “Deuteronômio”, p.191-193.

Este é o caso de outro jargão encontrado por todo o livro de Deuteronômio. Javé, deus daqueles judaítas, intervém na história, para que o povo que estava sendo dominado saísse daquela situação de trabalho forçado. Em todo caso, a ação salvadora de $\hat{y}h, l \{ a / hw " hy \text{☞} \text{☉}$ “Javé teu Deus” se apresenta da formação à solidificação daquele grupo na sociedade do século 7º a.C.

Por esta visão, Javé foi o responsável de tirar este povo da situação na qual estavam. Javé salvou os seus filhos com $hq' z " x] dy " B .$, “com mão forte”, e com $hy " Wjn > [; roz > biW$, “braço estendido”. Assim, mesmo que o povo tenha fugido para escapar dos domínios egípcios, compreendemos que só mesmo pela força para libertar aquele povo oprimido e miserável da devassidão do Egito. Só ela, expressa nas sentenças como: a “mão forte” e o “braço estendido”, os tiraria daquela situação.³⁷³

Só pela “mão forte” e pelo “braço estendido”, símbolos de força e da violência da guerra, que os então judaítas escaparam do domínio na região do Nilo. Os antepassados dos judaítas não eram homens livres no Egito, como vieram a ser em Judá. Eram propriedades dos homens fortes do Egito, escravos junto ao Nilo. Para sair desta condição, só a violência podia transformar a situação. Só Javé, de “mão forte” e “braço estendido”, poderia tirá-los da condição subumana da vida escrava. Novamente, a trajetória do livro de Êxodo é trazida para dentro de Deuteronômio.³⁷⁴ Mas, mesmo assim, uma tradição representativa para Deuteronômio, e que entre outros textos, volta a aparecer no fechamento do Código Deuteronômico, em Deuteronômio 26,1-8. Fragmento que localiza em linguagem sacerdotal (divina) para o povo da terra a obrigação de dedicar as primícias da terra dando parte a Javé.

Um detalhe deve ser destacado. Acreditamos que a tradição/teologia salvífica do Egito é trazida para dentro do ensino de Deuteronômio 5,12-15 para que o articule entre os

³⁷³ Mesmo sendo uma tradição idealizada, compreendemos que na tradição do Egito, se têm ainda fortes vínculos com os eventos violentos que o povo passou para se tornam futuramente um povo. Para este tipo de ponderação cf. Milton Schwantes “Era um menino: anotações sobre Oséias 11, p.33-41.

³⁷⁴ Para as tradições do Egito dentro do livro de Deuteronômio cf. Crüsemann, p.283-382, Lohfink, *Grandes manchetes*, p. 229 -246, e Pedro Kramer, *Origem e Legislação*, p.244-248.

proprietários de terras livres de Judá.³⁷⁵ Na verdade, tal tradição distingue ainda mais esse texto dos demais textos que tratam da tradição jubilar de antes do exílio.

No caso do texto mais antigo, que é o de Êxodo 34,21, falta qualquer citação deste nível. O mesmo ocorre com o Código da Aliança, de Êxodo 23,12. Nenhum destes textos apresenta interferência sacerdotal. Todos apresentam principalmente constituições sociais e econômicas da vida do povo.³⁷⁶ Não que Deuterônimo 5,15ab não se pronuncie sobre a vida comum do trabalho nas roças de Judá, mas, diferente dos outros textos citados, este texto seria uma parênese por isso um texto mais refinado. Passando por mais esferas da vida daquela sociedade. Ela traz em si dados da camada do povo a ser resguardada com ele. Em Êxodo 23,12 isso até é designado, mas, em Deuterônimo 5,12-15, os dados estão mais a vista, como se observará frente ao v.14.³⁷⁷

Se os sacerdotes do Templo escreveram por cima formando uma peça tão primorosa, foi por ter condições materiais de fazê-lo.³⁷⁸ No caso, trazem para o descanso de um dia, resolução embrionária típica dos textos do livro de Êxodo, para o vocabulário comum aos textos dados ao povo da terra. Ao inovar sobre o dia do calendário para o “não serviço”, atualizam esta tradição jubilar bíblica, dando base para uma nova sociedade judaíta.³⁷⁸

A sociedade judaíta passou pela chegada dos israelitas após 722a.C. e pela destruição feita por Senaqueribe quando invadiu e destruiu suas cidades, deixando apenas Jerusalém

³⁷⁵ Para a atuação da linguagem mítica dentro dos textos, vide, Peter Berger, *O dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*, p.15-41.

³⁷⁶ Quem destaca isso, com competência é Ludovico Garmus, “O descanso da terra: uma leitura de Êx 23,10-11 e Lv 25,1-7”, *Estudos Bíblicos*, n°58, p.98-115.

³⁷⁷ Esta é uma tônica característica do deuteronômismo. Para esse detalhamento cf. as obras de Crüsemann, “Imaginário de violência”, p.218-238, e ainda, Ehard Blum, “Israel no Monte de Deus”, p. 217-39, Georg Braulik, “O livro de Deuterônimo”, p.98-109, Levinson, “The Hermeneutics of Tradition in Deuteronomy”, p. 269-286.

³⁷⁸ Como mesmo apresenta, Gramsci, *Concepção*, p.156, baseado no texto de Karl Marx, O capital, tomo II, capítulo 4. Mas, nesse caso, o parágrafo se apóia na pesquisa de Israel Finkelstein e Neil Ashen Silberman (A *Bíblia*, p. 370-393), quando ambos argumentam que na época de Josias havia possibilidade de escrita e início mesmo de leitores para que se construísse e fosse compreendido as peças escritas pela população.

³⁷⁸ Mesmo estando em posição diametralmente oposta ao que aqui se busca, Norbert Lohfink, em seu “Zur Dekalogfassung”, p.17-32, apresenta posições parecidas com essa. Da mesma forma, o faz, Eckart Otto, “Von der Programmschrift einer Rechtsreform”, p.93-104. Agora, essa parece ser a tônica dos estudiosos alinhados a Norbert Lohfink, no caso, na América Latina esta apreensão fora utilizada por Pedro Kramer com mais evidência, na sua re-edição da tese doutoral, Pedro Kramer, *Origem e Legislação*.

de pé.³⁷⁹ E, agora, via uma coalizão das lideranças se firmar em prol da sua hegemonia, no início do reinado de Josias. No âmbito dessa política de assentamento social e de pensar uma nova sociedade, surge o Código Deuteronômico.³⁸⁰ Pelo que percebemos, é então que surge o ensino de Deuteronômio 5,12-15.

Ambos os blocos tinham como destinatários o grupo chamado de “povo da terra” de Judá. Nesse caso, Frank Crüsemann não se furta de dizer: “O Deuteronômio é dirigido a proprietários de terras livres, e o tempo todo pressupõe sua liberdade efetiva e real”³⁸¹. Haroldo Reimer³⁸² confirma Frank Crüsemann, quando trabalha expressivamente no Código Deuteronômico e sua relação com o povo da terra.

Sociologicamente, compreendemos que essa nova vida sob a organização levada pelo povo da terra deve ter sido sistematizada pela junção das leis de Deuteronômio 12-26.³⁸³ Uma nova sociedade pede uma nova forma de governar como buscam mostrar os partidários de Josias, usando novas palavras. Daí, o povo da terra passa a ser não só descendente da tradição de Davi, o que teria os levado ao poder como defende Tercio Machado Siqueira³⁸⁴, mas também a radicar sobre eles, a familiaridade de Moisés, que se subtende quando usam a tradição do Egito.

Num processo sinuoso, começam a se consolidar socialmente justapondo a cada passo da evolução social tradições diferenciadas. Um dado próximo ao que Eric Hobsbawm³⁸⁵ defende sobre o processo de golpe e de filiação de determinados reinados, que se promoviam admitindo sobre si a tradição de linhagens míticas. O povo da terra se dizia descendente de Moisés para manter-se à frente das roças judaítas, e promulgavam seu domínio com estas designações, com textos de ensino.

³⁷⁹ Sobre todos esses dados nem todas as histórias de Israel se preocupam em detalhar, cf. nesse detalhe, o ensaio que já considera, tais indicações por volta do reinado de Josias, Almeida, “Em Javé buscamos refugio”, e, ainda, Almeida, “Textos na iminência da vida”, *Cultura Teológica*, p.21-43.

³⁸⁰ Cf. Crüsemann, p.283-382, Reimer, em “Benção e Solidariedade”, p.22-26, e em seu, “Inclusão e Resistência”, p.11-20.

³⁸¹ Cf. Crüsemann, p.307.

³⁸² Cf. Reimer, “Benção e Solidariedade”, p.22-26.

³⁸³ Cf. Levinson, “The Reconceptualization of Kingship in Deuteronomy”, p.511-534.

³⁸⁴ Cf. Siqueira, *O povo da terra no período monárquico*, p.285-312.

³⁸⁵ Cf. Hobsbawm, *On history*, p.10-54.

Para aprofundar o que observamos até aqui, buscaremos agora o centro da estrutura concêntrica (C) encontrada no v.14.³⁸⁶. Versículo que fornece um dado interessante sobre os grupos sociais ligados às propriedades do povo da terra de Judá, como veremos abaixo.

4.5. Os envolvidos no ensino (v.14)

Observamos que o intuito do ensino de Deuteronômio 5,12-15 era regular as terras do povo da terra em aspectos sociais, econômicos e trabalhistas sob linguajar teológico. Observamos o capricho dos sacerdotes do Templo em estilizar o uso a teologia do Egito e dos anciãos usarem a tradição mítica do Egito. Agora, perguntamos o que levou os dois grupos a articular um ensino em prol do povo da terra para o descanso de um dia.

Esta pergunta foi levantada no capítulo anterior e é a chave deste último capítulo. Interessa saber o que teria levado os anciãos e os sacerdotes do tribunal templar a prescrever um ensino com fortes traços sócio-econômicos, beneficiando seus trabalhadores e mais ainda o povo da terra. Havia mão-de-obra sobrando em Judá, devido à migração decorrente da catástrofe ocorrida no Reino do Norte em 722a.C.³⁸⁷

Para compreender nossa pergunta, buscamos dividir o v. 14, o maior versículo de Deuteronômio 5,12-15, que diz assim: $\hat{r}>gEw> \hat{T},m.h,B.-lk'w>$
 $\hat{r}>mox]w:$ $\hat{r}>Avw \hat{t},m'a]w:-\hat{D}>b.[;w>$
 $\hat{T},biW-\hat{n}>biW hT'a; hk'al'm.-lk hf,[]t;$
 $al\{ \hat{y}h,l\{a/ hw"hyl; tB'v; y[iybiV.h;$
 $\sim Ayw>$, “E no sétimo dia (é) sábado para Javé teu Deus. Não farás todo trabalho, tu e (nem) teu filho, e (nem) tua filha, e (nem) teu escravo, e (nem) tua escrava, e (nem) teu boi,

³⁸⁶ Agora, no próximo tópico se chega a parte central do ensino de Deuteronômio 5,12-15. Depois de analisar as partes A, A', B, B', chegamos a parte C da estrutura concêntrica, que é justamente o v.14. Nele se encontra o fragmento do ensino mais expressivo para a forma judaíta de escrever e de pensar os textos, cf. Cássio Murilo Dias da Silva, *Metodologia Exegética*, p.43-45.

³⁸⁷ Assim, os textos bíblicos de Deuteronômio começam a se referir de forma mais expressa aos pobres e aos famigerados, cf. Kramer, “O órfão e a viúva em Deuteronômio”, p. 18-25. Para detalhes maiores sobre os espoliados no Antigo Testamento, cf. Schwantes, “Das Recht der Armen”, p.11-73.

e (nem) teu jumento, e todo teu animal domestico, e (nem) estrangeiro que (está) em teus portões, para que descansem teu escravo e tua escrava como tu.”, em três fragmentos.

A primeira oração a ser analisada será $\hat{y}h, l \{ a / hw"hyl ;$
 $tB'v ; y [iybiV.h ; \sim Ayw >$, “E o sétimo dia (é) descanso para Javé
 teu Deus”. A segunda será $\hat{y}r, ['v.Bi rv, a] \hat{r} > gEw >$
 $\hat{T}, m.h, B.-lk'w >$ $\hat{r} > mox]w :$
 $\hat{r} > Avw \hat{t}, m'a]w : - \hat{D} > b. [; w >$ $\hat{T}, biW - \hat{n} > biW$
 $hT'a ; hk'al'm.-lk \text{ ☸☸☸☸☸☸ } hf, []t ; al \{$, “Não
 farás nenhum trabalho, tu e (nem) teu filho, e (nem) tua filha, e (nem) teu escravo, e (nem)
 tua escrava, e (nem) teu boi, e (nem) teu jumento, e todo teu animal domestico, e (nem)
 estrangeiro” que (está) em teus portões”. O terceiro e último ponto será: $\hat{A}mK'$
 $\hat{t}.m'a]w : \hat{D} > b. [; x ; Wny" ! [; m ; l .$, “que (está) em
 teus portões, para que descansem teu escravo e tua escrava como tu”.

Após essa leitura, tentamos perceber como se associou o descanso da terra com as técnicas utilizadas desde o século 8º a.C. na região palestina. Nesse ponto, além do detalhe da técnica, tentaremos salientar a teologia de se propor uma forma sócio-econômica de resolver as questões no meio da nova constituinte de antes de Josias chegar á maioridade.³⁸⁸

Nesse caso, após apresentar o método da análise e os pontos a serem descritos daqui por diante, passamos a dar atenção às parcelas destacadas acima. Vejamos então, a primeira oração.

4.5.1. Nada de seis, o dia é o sétimo!

³⁸⁸ Agora, sobre este período vale a pena cf. às histórias do povo bíblico de Donner, *História*, p.387-407, Finkelstein e Silberman, *A Bíblia*, p.320-378. Amihai Mazar, *Arqueologia na terra bíblica*, p. 112-119. Parece que estamos aderindo a proposta feita inicialmente por Julius Wellhausen, em sua *Prolegomena to The history of Ancient Israel*, p.32-40.

O v.13 estabelece que o serviço seria feito até o sexto dia da semana. Agora, é o v.14³⁸⁹ que detalha o dia seguinte, o sétimo dia. No início dele, lemos $\hat{y}h, l \{ a / hw"hyli; tB'vi; y[iybiV.hi; \sim Ayw \}$, “E o sétimo dia (é) descanso para Javé teu Deus”. Oração que reitera o sistema constituído no v.12 e no v.13. Misturam-se os dois vocabulários para tratar do dia específico que “Javé teu Deus” ordenara a eles.³⁸⁹

Após os anciãos esclarecerem como funcionaria a contagem dos dias de serviço no v.13, os sacerdotes pontuam o vínculo divino do dia do descanso. Depois de seis dias trabalhando para fazer todo o serviço nas roças do povo da terra, seus trabalhadores, familiares, espoliados e instrumentos de produção poderiam “interditar” um dia para “o não trabalho”, “o não serviço”.³⁹⁰

Retornemos ao v.13, que estabelece que o trabalho deveria ser feito até o fim, sem deixar nada para trás. Nenhuma uva poderia ficar no chão, nenhuma azeitona poderia ficar sem colheita.³⁹¹ Os *pater familias* do povo da terra passam a cobrar em seis dias o trabalho que era feito em sete. O sétimo dia será agora chamado de sábado.³⁹²

Para radicalizar o tribalismo enraizado no descanso da terra nas propriedades do povo da terra, “todo trabalho” tem que ser feito como no crescente império da Babilônia. Contudo, mesmo em uma palavra tão corriqueira do trabalho e da vida, teologiza-se.

Javé não requer apenas que trabalhem por seis dias; mas constitui que o sétimo dia seja dado a ele. O descanso da lida será dado a Javé, pois ele concedeu condições de trabalhar nos outros dias e para ter um dia de sossego nas terras.

³⁸⁹ Mesmo sabendo que nas leis bíblicas, faltam sempre os cenários para um ajustamento melhor de sua mensagem. Como nos deixou numa de suas últimas palavras sobre o Deuteronomio, vide, Crüsemann, “Imaginário de violência”, p.218-238.

³⁸⁹ Para haja quase uma união das leis do descanso anteriores do Pentateuco, cf. para que se tenha noção: Reimer e Reimer, *Tempos*, p.42-46. Sobre a questão da teologia deste mandamento cf. Leslie Hoppe, “Deuteronomio”, p.191-193.

³⁹⁰ Não se pode negar também a expectativa de Deuteronomio 5,12-15, com certa melhora na sociedade e diminuição na espoliação social. Para este tipo de perspectiva cf. Haroldo Reimer, “Benção e Solidariedade”, p.22-26, “Inclusão e Resistência”, p. 11-20, Ivo Storniolo, “Ecologia em Deuteronomio”, p.23-27, Leslie J. Hoppe, “Deuteronomio”, p.191-193, Pedro Julio Triana Fernandez, “Um proyecto de solidaridad”, p.53-68.

³⁹¹ Diferentemente do que Carlos Dreher afirma em sua, “As uvas do vizinho”, *Revista de Interpretação Latino Americana*, v.14, p.19-23. Pois, aqui o eixo a ser analisado é o do dominador, e não o do espoliado. Para os tipos de cultivos desde a formação de Judá, cf. Fritz Volkmar, *Die Entstehung Israels im 12. und 11. Jahrhundert v.Chr.*

³⁹² Como desde o início em Êxodo 34,21, se está fazendo, como dizem, Reimer e Reimer, *Tempos*, p.42-43.

Essa questão do sétimo dia parece ser um brasão repetido desde as primeiras prescrições jurídicas bíblicas. É que, próximo à pregação de Elias³⁹³ no século 9^a.C. se distingue o “sétimo dia” como dia do descanso “na aradura e na colheita”, segundo Êxodo 34,21. Mesmo não utilizando o termo *šabat* como aqui, o *šabbat*³⁹⁴, percebemos que a tradição de Êxodo 34,21 não é tão bem definida como em Deuteronômio 5,12-15.

Diz-se que esta tradição de trabalho nos campos por seis dias e da paralisação de um é antiga e nos mostra a característica tribal de Judá. Pouco depois, por volta do fim do século 8^oa.C., esse descanso do sétimo dia é mais bem caracterizado em Êxodo 23,12. O texto liga o descanso ao trabalho do “boi” e do “jumento”, dando também alento ao “estrangeiro” e ao “filho do escravo”.³⁹⁵

Ambos impressionam ao ratificar que, nos textos jurídicos anteriores do pré-exílio que tratam da interdição do serviço, se ligou o trabalho nas roças aos instrumentos utilizados neste trabalho, da produção roceira. Tamanho é o resguardo dos seis dias de trabalho e do dia de ócio, que agora, em Deuteronômio 5,12-15, este era entregue a Javé, e era dele. Constrói-se, no início do reinado de Josias, a partir do texto em questão, um calendário do campo incluindo ao antigo nome *šabat* a nova terminologia *šabbat*, que remete ao ritmo babilônico de trabalho.

4.5.2. É sábado e ninguém deve trabalhar!

O texto descreve o sétimo dia, agora resguardado, assegurando seu descanso, e nele, se parte para o detalhe do funcionamento na casa³⁹⁶ dos *pater familias*. Depois de falar sobre o ajuste no calendário, os autores buscam mostrar as especificidades das casas. Eles detalham, dizendo que todos, do mais importante até os que pouco trabalham, terão direito ao bendito dia de descanso.³⁶⁷

O texto bíblico nos apresenta uma lista extensa de pessoas e meios de produção que se encontram nas casas. Para iniciar a indicação das pessoas que ocupavam, os anciãos

³⁹³ Cf. Crüsemann. “Elias e o surgimento do monoteísmo no Antigo Israel”, *Fragments da Cultura*, v.11, n.5, p. 779-90.

³⁹⁴ Sobre essa nova terminologia, cf. Lohfink, “Zur Dekalogfassung”, p.17-32.

³⁹⁵ Cf. Pedro Kramer, *Origem e Legislação*, p.212-225.

³⁹⁶ Para as casas do povo da terra, cf. Winfried Thiel *A sociedade de Israel*, p. 32-64.

³⁶⁷ O caso da escravidão e dos meios de produção cf. Dreher, “As uvas do vizinho”, p.19-23, Ronald Clements, “The Book of Deuteronomy”, p.32-48.

determinam que $hk' al' m. - lk hf, [] t; al \{$, “não farás nenhum trabalho”. Começam a oração mais extensa junto ao conectivo de negação al (*lo'*), “não”³⁴⁸. Nessa frase, proíbe-se que se faça então $hk' al' m. - lk$ “todo o trabalho”³⁴⁹. Isto é, compreendemos que os chefes tribais, anciãos, continuam a explicar aquilo que não se devia fazer, em comparação ao antigo calendário, no qual o trabalho todos os sete dias da semana.³⁵⁰

Observamos que o texto não prescreve que não se trabalhe nas propriedades do povo da terra, mas que não se trabalhe como antes. Com isso, o tribalismo passa a ser parte do calendário! Nesse caso, a indicação de “nenhum trabalho” está relacionada a todo o trabalho que se fazia antes, em todos os dias da semana, pelos homens e por aqueles que dependiam das suas propriedades.³⁵¹

Agora, a dinâmica no interior das suas cercanias será entendida tendo em vista os grupos sociais e os animais encontrados na sua dependência, entre eles se pode perceber a atividade produtiva nas terras palestinas. Nesse caso, é interessante destacar que, no v.14, os próprios proprietários de terras livres são os primeiros a serem citados após a negação de “nenhum trabalho”.³⁵²

Isso ocorre de forma indireta no texto. A designação surge através da 2ª pessoa do singular, o pronome אתה (*atah*), “tu”, comum nas deliberações jurídicas de Deuteronômio e nas deliberações encontradas, por exemplo, no Código da Aliança. Para ilustrar, buscamos retirar um fragmento de um texto ilustrativo de Haroldo Reimer:

“Código Deuteronômico (...) compilado e sistematizado para organizar a vida social e religiosa de Judá, na segunda metade do século VII a.C. (...) (nele) há provavelmente uma coalizão de forças sociais que é composta por

³⁴⁸ Cf. Gesenius e Robinson, *Hebrew*, p.112.

³⁴⁹ Nesse caso a lógica do trabalho e da exploração permanece, por que aquilo que seria feito em sete dias, será feito agora apenas em seis dias, cf. para isso, a epistemologia tida junto a visão econômica de Marx, em seu *O capital*, tomo II, capítulo 4, e ainda, o seu discípulo, Gramsci, na sua, *Concepção*, p.156.

³⁵⁰ Vale dizer que só acreditamos que houve intervenção do tribunal sacerdotal no texto, diante das palavras junto ao divino de Judá. Então, todas as demais palavras e termos devem ter sido confeccionadas pelas mãos dos anciãos do portão da cidade. No caso quase todo v.14, fora expresso no tribunal do portão. Sem nenhuma intervenção sacerdotal séria nesta parte. Em relação á contagem da semana cf. Lonfink, em seu “Zur Dekalogfassung”, p.17-32.

³⁵¹ Cf. von Rad, *Deuteronômio: tradução e comentário*, p.110, e, ainda, Ronald Clements, “The Book of Deuteronomy.”, p.211-213.

³⁵² Op. cit. ,p.211-213.

proprietários de terras livres, chamados de ‘povo da terra’ (‘am há’arets), (...) Legalmente, ele é o proprietário de terra, que tem mulher, filhos e filhas, escravos e escravas, estrangeiros e dependentes sob o seu cuidado e administração. A esse ‘tu’ são dirigidas as leis do código”³⁵³

Haroldo Reimer nos mostra que os homens fortes de Judá tinham grupo dependentes das promulgações de suas casas. Portanto, para falar destas pessoas, dos grupos e dos animais ligados a sua casa, analisaremos com cuidado o que é apresentado na seqüência do v.14. Quando comparamos Deuteronômio 5,12-15, com os textos anteriores³⁵⁴ do descanso do trabalho, entendemos que o povo da terra estaria com problemas ligados aos seus meios de produção.

Nesse caso, depois de apresentar os destinatários da parênese em questão, os anciãos e os sacerdotes enumeram todos os que são ligados ao povo da terra naquela época. Na solução se estabelece que nenhum deles deve trabalhar no sétimo dia, assim como o *pater família*. Todos os beneficiados são descritos na seqüência do v.14, detalhadamente.³⁵⁵

Mas não é só isso. Além de noticiar as pessoas e animais dentro das casas rurais, a coalizão distingue os vários grupos sociais encontrados na propriedade do povo da terra. Mostram com isso as funções e locais sociais de cada grupo na roça.³⁵⁶ Sua precisão é tanta, que todos estas pessoas sociais estão colocadas semanticamente na dependência direta da partícula *atah* “tu” – o sujeito oculto da oração. Todos eles são ligados a terminação hebraica *kî*, “teu” e “tua”. Como indica o hebraico, são sempre relacionados ao sujeito da oração.³⁵⁷

Após apresentar os *pater família*s, os anciãos e sacerdotes apresentam os $\text{^t, m' a]w: - ^D>b. [i w> ^T, biW - ^n>biW}$, “e (nem) teu filho, e (nem) tua filha, e (nem) teu escravo, e (nem) tua escrava”. Estes seriam os trabalhadores os trabalhadores mais próximos do *pater família*.

Consideramos, no caso, o que dizem Haroldo e Ivoni Reimer, quando comparam esta primeira seqüência dos beneficiados às “pessoas relacionadas com a ‘micro-empresa’

³⁵³ Cf. Reimer, “Benção e solidariedade”, p.22-23.

³⁵⁴ Para isso que deve ter ocorrido à chegada de técnicas e de tecnologias para dentro dos poucos campos de Judá, para isso, cf. os textos que tratam da chegada destas técnicas: Schmitt, “O surgimento”, p.36-46, Reimer, “Leis de mercado”, Reimer e Reimer, p.56-59, Silwer, *Prophets and Markets*, p.76-100.

³⁵⁵ Cf. Reimer, “Benção e solidariedade”, p.22-23.

³⁵⁶ Cf. o que salientam, Reimer e Reimer, p.43.

³⁵⁷ Vide a gramática de Moisés Chaves, *Gramática Hebraica*, 1981, capítulo IV.

familiar³⁵⁸. Sem dúvida, eram os trabalhadores mais operantes nestas casas, pois, tanto o “filho” e a “filha” eram herdeiros diretos da tal ‘micro-empresa’. Embora, a família tivesse uma relação consanguínea com o *pater família*, o oposto do “escravo” e “escrava”³⁵⁹, ambos grupos são colocados junto, devido ao serviço prestado aos homens fortes da casa.

Em conjunto os “filhos”, “filhas”, “escravos” e “escravas” sempre estariam trabalhando nas propriedades, mesmo nas épocas de crise.³⁶⁰ “Filho” e “filha” eram família logo pertenciam ao clã, agora, o “escravo” e a “escrava” eram grupos que trabalhavam na casa quase sempre pelo processo de endividamento.³⁶¹ Trabalhavam por conta das dívidas adquiridas, por exemplo, junto aos próprios homens livres. Então, o grupo comparado à ‘micro-empresa’ seria formado pelos que trabalhavam a todo o momento nas propriedades. E, o serviço destes era feito junto ao dos membros do povo da terra local.

O interessante é que, em Deuteronômio, esse sítio relacionado ao líder do povo da terra local volta ser mencionado em Deuteronômio 16,11a³⁶², quando se trata da celebração de festas. Este texto apresenta a mesma ordem da ‘micro-empresa’ observada no texto de Deuteronômio 5,14, algo inovador para o caso das palavras legais ligadas ao descanso da terra.³⁶³ Em todas outras deliberações pouco diz das demais camadas, pois há ênfase nos materiais de produção Frank Crüsemann³⁶⁴, e Ivoni e Haroldo Reimer³⁶⁵ indicam isso. É a lógica social de Deuteronômio que novamente atualiza tal temática, dando apelos mais tribais as parênteses.³⁶⁶

O segundo grupo na seqüência dos beneficiados com o ajustamento do sétimo dia, são os $\text{^T, m. h, B. - lk' w} > \text{^r} > \text{mox}] \text{w} : \text{^r} > \text{Avw}$, “e (nem)

³⁵⁸ Cf. Reimer e Reimer, p.43.

³⁵⁹ Para a questão do tipo de escravismo no povo judaíta, cf. Dreher, “Escravos no Antigo Testamento”, *Estudos Bíblicos* n°18, p. 9-26.

³⁶⁰ Para falar dos grupos sociais que trabalhavam nas terras do povo da terra, cf. Crüsemann, *Preservação*, p.18-32, e ainda, sobre questão da sociedade de Judá com um todo, vide Winfried Thiel *A sociedade de Israel*, p. 32-64.

³⁶¹ Cf. Dreher, “Escravos no Antigo Testamento”, p. 926. Agora, para o processo de endividamento no Antigo Oriente, cf. Haroldo Reimer, “Leis e relações de gênero”, p.11-32.

³⁶² Sobre os menos favorecidos, vida a descrição de Eduardo Paulo Sauter, “O dizimo como prática comunitária e solidária”. Mas também, se pode ver os textos de Georg Braulik, “Die Abfolge der Gesetze in Dtn 12-26”, p.232-255, Duane Chirtesen, *A Song of Power*, p.176-193.

³⁶³ Como se vem ressaltando tendo com base Reimer e Reimer, p.43-59.

³⁶⁴ Cf. Crüsemann, *Preservação*, p.18-32.

³⁶⁵ Cf. Reimer e Reimer, p.43-49.

³⁶⁶ Para que questão do tribalismo e as leis de Deuteronômio cf. Milton Schwantes, *Sofrimento e esperança no exílio*, p.13-32, e Pedro Julio Triana Fernandez, “Um proyecto de solidaridad”, p.53-68.

teu boi, e (nem) teu jumento, e todo teu animal doméstico”. Estes eram os animais que trabalhavam nas casas, ajudando em todo o tipo de serviço nas lavouras nos campos da Sefalá judaíta.³⁶⁷ Eles eram imprescindíveis para a lida dentro dessas propriedades, pois eles podiam levar cargas em seus lombos e tracionar o arado para rasgar o solo.³⁶⁸

Desde a chegada dos bois e jumentos, a economia da região palestina teria se transformado. Adquiriu agilidade, principalmente com a chegada dos arados de ferro.³⁶⁹ Sem eles (“bois” e “jumentos”), a economia das terras de Judá pouco poderia produzir. Eram terras pobres, com baixo teor de oxigenação. Por isso, precisavam de animais de porte para rasgar o solo, fazendo o ar circular com mais profundidade.³⁷⁰ Por isso, por volta do 7º a.C., bois e jumentos eram um dos principais elementos da agricultura judaíta.³⁷¹ E, como observamos anteriormente, nesse tipo de tema e de texto (ensino) - a relação dos meios de produção com o descanso da terra é antiga.³⁷²

Observamos este dado no século 9º a.C. quando se diz “mas o sétimo dia descansarás, na aradura e na colheita descansarás” (Êxodo 34,21). Este texto detalha o valor da “aradura” para o processo da “colheita”. Idéia semelhante à sentença do século 8º a.C., do Código da Aliança, quando este diz: “mas o sétimo dia descansarás, para que descansem como tu o teu boi e o teu jumento, e para que o tomem alento o filho da tua serva e o estrangeiro”, em Êxodo 23,12.³⁷³

Sendo que em Êxodo 23,12, aqueles que fazem o serviço são incentivados a descansar os “bois” e “os jumentos”, para que assim se acalmem a linhagem da serva e do

³⁶⁷ Sobre esses animais, cf. Reimer e Reimer, p.43/56-62, e, ainda, Almeida, “Coisas”, p.61-82, Schmitt, “O surgimento”, p.36-46, Kramer, *Origem e Legislação*, p.212-225, Lohfink, “Zur Dekalogfassung”, p.17-32, e, von Rad, *Deuteronomio*, p.110-115.

³⁶⁸ Para a função destes animais cf. Reimer, “Sobre pássaros e ninhos”, p.39. Agora para cada um desses animais se pode ver suas funções no dicionário de Gesenius e Robinson, *Hebrew*, p.215/267/1165.

³⁶⁹ Agora para chegada do ferro na região é uma percepção iniciada por Y. Aharoni e R. Amiran que informam com detalhes a chegada do ferro na região palestina e que detalham o processo de linearização dele nestas terras. O afinamento do ferro ao longo dos séculos levou os pesquisadores a dividirem a Época do Ferro em duas etapas: em ferro I, e em Ferro II, cf para esses detalhamentos, Amihai Mazar, *Arqueologia*, p. 290-354. Assim, para a utilização deste metal nos inícios da história de Israel se pode ver as p.351-354 quando Amihai Mazar trata da metalurgia na região de Israel e de Judá.

³⁷⁰ Para a questão teológica e geográfica sobre os animais de porte e a própria história do ferro na região cf. os textos, por exemplo, de Schmitt, “O surgimento”, p.36-46 e Reimer e Reimer, p.56-59. Detalhes teológicos podem ser vistos sobre o tema em Reimer, “Sobre pássaros e ninhos”, p.39-42, Ludovico Garmus, “O descanso da terra”, p.109-111.

³⁷¹ Cf. escreve Schmitt, “O surgimento da monarquia em Israel”, p.36-46.

³⁷² Como podemos ver no fragmento de Êxodo 34, 21, comentado por Reimer e Reimer, p.34.

³⁷³ Op. cit, p.56-59.

estrangeiro.³⁷⁴ Os instrumentos de produção ganham tonalidade nos serviços das propriedades melhorando a produção e a extração das terras.³⁷⁵ Obtêm o descanso com o que extraem nos outros dias.

Pensando sócio-economicamente Deuteronômio 5,12-15, há de se considerar o valor de destaque que os meios de produção têm nas prescrições jurídicas (anteriores) do descanso na terra.³⁷⁶ Percebemos então que este tipo de ensino se enraíza nas sentenças econômicas (anteriores) retendo sobre ele razões na economia das pobres terras de Judá, relacionado diretamente meios de produção como: “bois” e “jumentos”. É que, até então, as antigas prescrições jurídicas só falavam de descanso nas terras quando havia técnicas de trabalho nelas.³⁷⁷ Portanto, separa-se o trabalho para que possam acertar o arado, e para sossegar os “bois” e os “jumentos”. Tendo em vista a teoria econômica de Karl Marx³⁷⁸, a intenção por detrás deste descanso era obter um aumento na extração.

Este fator pode ser compreendido por mais um detalhe, justamente considerando que em “Deuteronômio (...) a ótica é dominadora”³⁷⁹. Para os *pater familias*, não fazia sentido conceder descanso num dia da semana que poderia ser produtivo. Sim, mesmo na sociedade judaíta, amparada pelo sistema tribal, reconhecemos a lógica do serviço.³⁸⁰

³⁷⁴ No caso se for pensado de forma econômica o texto de Êxodo 34 e de Êxodo 23, os materiais são importantes para a produção, cf. para isso a análise de Marx, livro I, capítulo XV, parágrafo IV. Para a questão da produção e esse tipo de técnica e de safra cf. Ludovico Garmus, “O descanso da terra”, p.98-115.

³⁷⁵ Claro, que existem nesse caso dois lados da moeda, como a linha materialista de história, concebe que quanto mais se avança em instrumentos de produção e em tecnologias para produção mais as reservas naturais vão se esvaindo, cf. Belamy Foster, *Marx's Ecology: Materialism and Nature*, p.432-469.

³⁷⁶ Como se aproxima desta percepção Frank Crüsemann quando busca fazer uma história-social das leis do Antigo Testamento (p.283-382), e mesmo Haroldo Reimer quando busca aprofundar tal tentativa na exegese da América Latina, cf., por exemplo: “Benção e Solidariedade”, p.22-26. Nesse caso, num ensino como este, de vínculos econômicos e agrários, sua origem estaria ligada a atividade de extração nas terras de Judá, assim, o elemento imprescindível para o texto, seriam os meios para a produção como Karl Marx nos ajuda a perceber sobre as instruções na sociedade industrial inglesa, *O capital*, livro I, capítulo XV.

³⁷⁷ Como se vê num pequeno pedaço de Êxodo 34 e de Êxodo 23, que fora analisado por Reimer e Reimer, p.34-42.

³⁷⁸ Cf. a análise de sobre a ideologia do materialismo histórico de Belamy Foster, *Marx's Ecology: Materialism and Nature*, p.432-469, e o texto Marx, *O capital*, livro I, capítulo XV.

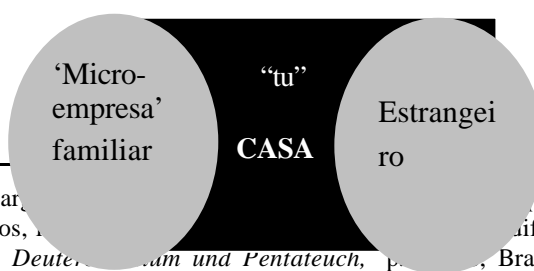
³⁷⁹ Cf. Crüsemann, “Imaginário”, p.218-238.

³⁸⁰ Nesse caso aprofundamos a percepção de Frank Crüsemann explicitada principalmente em *Preservação*, p.65-70, dizendo pela leitura sócio-econômica que os animais tem valor dentro desta parênese, por que se apresentam como meios de produção das elites hegemônicas de Judá, no caso o povo da terra. E, ora, numa perspectiva econômica como esta, se acredita que se separe um dia tendo em vista o “todo trabalho” feito nos campos da Sefalá. Próximo do que Whitold Kula trabalha na sociedade polonesa anterior ao mercantilismo, cf. *Teoria econômica*, p.231-253.

Compreendemos que não é algo comum para as elites paralisar o serviço para o bem comum, seja pelo cansaço daqueles ditos acima, que formariam a ‘micro-empresa’, seja para beneficiar os que vivem ao redor das casas e que eventualmente trabalham nelas.³⁸¹ Nesse caso, quando se observamos os trabalhadores eventuais das casas, que são descritos como “estrangeiros”, no texto: ^r > g E w > , “e (nem) estrangeiro”³⁸².

Ora, se os grupos mais chegados a casa não trabalhassem, ou se não dessem conta da carga de trabalho, o “estrangeiro” trabalharia.³⁸³ $\text{r g E } \text{𐤁}$ ($g^e r$), “estrangeiro”, é aquele que chega em Judá e que pode ajuda a economia local. Um grupo social que normalmente recolhia as sobras da colheita do povo da terra³⁸⁴, mas que tinha a possibilidade de ascender socialmente, acumulando terras, como o caso de Abrão e Moises que foram $g^e r$ em Israel.³⁸⁵

Haroldo e Ivone Reimer³⁸⁶ observam que este grupo é o mais distante dos proprietários de terras. Detalhe válido, mas se o $g^e r$ é encontrado no texto é por ter alguma função no que tange ao trabalho, como se percebe na própria tradição de Abraão. A julgar pela forma econômica, eles deviam funcionar como reserva de mão-de-obra, pronta a trabalhar na casa com a finalidade de seu sustento. Percebemos isso na narrativa de Gênesis 23 quando Abrão tenta comprar uma terra e é chamado pelos anciãos de $g^e r$: “estrangeiro”³⁸⁷. Assim, tendo como base os dados acima sobre os grupos responsáveis pelo serviço no interior das casas das roças de Judá, desenhamos o seguinte diagrama:



³⁸¹ Notadamente, este é o ar que busca transformar os textos bíblicos em símbolos, em diferentes épocas, cf. para isso, as obras de: Lohfink *Deuteronomium und Pentateuch*, p.1-10, Braulik, *Die deuteronomischen Gesetze*, p.221-384, Levinson, “The Hermeneutics”, p.269-286, Kramer, *Origem e legislação*, p.285-294, Zabatiero, “Em busca”, p.9-14 e, Otto, “Von der Programmschrift einer Rechtsreform”, p.93-104.

³⁸² Cf. para esta tradução Gesenius e Robinson, *Hebrew*, p.459-460.


³⁸³ Cf. para a questão do $g^e r$ e do trabalho nas terras de Judá cf. Mercedes Brancher, “Abraão e o povo da terra”, p.21-46.

³⁸⁴ Cf. Pinzetta, “Um projeto de defesa aos estrangeiros: a proposta do Deuteronomio” *Estudos Bíblicos*, nº27, p. 29-37.

³⁸⁵ Cf. a análise de Abrão como “estrangeiro”, em Mercedes Brancher, “Abraão e o povo da terra”, p.21-46. E, a tradição de Moises como $g^e r$ em David H. Aaron, *Etched in Stone*, p.67-94.

³⁸⁶ Cf. Reimer e Reimer, p.42.

³⁸⁷ Cf. Mercedes Brancher, “Abraão e o povo da terra”, p.21 -46.



Animais
da casa

Agora, entre os quatro grupos que sub-existiam nas propriedades dos povos da terra de Judá³⁸⁸, os proprietários de terras livres devem ter sido os mais prejudicados com a indicativa tribal da suspensão de um dia de trabalho.³⁸⁹ Mas também, por um lado, deixava-se de trabalhar, mas por outro lado, se assegurava com isso a reprodução social entre a sociedade judaíta.³⁹⁰ Assegurando a exploração dos seus dependentes por mais tempo. Sem esquecer, que o descanso da terra (logo do serviço) assegura a melhora nos meios de produção, pois, sem eles, pouco poderia ser feito nestas propriedades diante de solo tão desfavorável.³⁹⁵ Sendo assim, são a eles que justificariam maiores cuidados devendo ser por eles o interessante do povo da terra em separar um dia no calendário.

Sim, os proprietários de terras não eram tão dependentes do “escravo” do “filho”, da “filha, da “escrava” e do “estrangeiro”³⁹⁶ Todos eles podiam ser substituídos por outros homens e mulheres que viviam a mercê da coalizão de Judá. Isso é explicado por que após a destruição do reino Norte e a devastação de quase todas as cidades (menos Jerusalém) por Senaqueribe, sobravam homens para serviço.³⁹⁷

Assim, pela ótica dominante, a parênese de Deuteronômio 5,12-15³⁹⁸, é um ensino construído em meio à hegemonia dos proprietários de terras livres, onde se destaca o

³⁸⁸ Como se disse o desenho foi baseado em Reimer e Reimer, p.43.

³⁸⁹ Voltamos a dizer sobre o sigma de Marx, *O capital*, livro I, capítulo XV.

³⁹⁰ O movimento de “não-serviço” nas casas do povo da terra ele é ambíguo, por que, ao mesmo tempo em que se anula um dia de trabalho, ao mesmo tempo, o trabalho e a produção com o descanso da terra, dos meios de produção e dos trabalhadores. Fazendo com que a vida seja preservada na forma que está em Judá. Parece ser uma outra forma de aliena os envolvidos na produção nos campos do Sefalá de Judá. No caso desta percepção dialética cf. Marx, *O capital*, livro I.

³⁹⁵ Para os caso da análise das terras de Judá cf. Amihai Mazar, *Arqueologia*, p. 290-354.

³⁹⁶ Ora, divergindo completamente do que é dito por Pinzetta, “Um projeto de defesa aos estrangeiros: a proposta do Deuteronômio”, p. 29-37, Fernandez, “Um proyecto de solidaridad”, p.53-68, Fernandez, “Palavras para tempos de crises...”, boletim anglicano, Maria Laura Gorgulho, “Ano Jubilar – ideal de igualdade e garantia de cidadania”, *Estudos Bíblicos*, n.58, p.43-59, Matthias Grenzer, “Junto ao Inimigo”, *Religião e Cultura*, v. 11, n°3, p. 113-126 e Ivo Storniolo, “Ecologia em Deuteronômio”, p. 23-27.

³⁹⁷ Cf. para isso, a descrição arqueológica do *tel laquis*, indica na época a existência de pessoas ao redor das cidades. Grupos que se estabeleciam a margem das cidades tendo em vista a grande quantidade de pessoas dentro das mesmas, cf. para isso Almeida, “Textos na iminência da vida”, p.67-89.

³⁹⁸ Cf. Crüsemann, “Imagário”, p.218-238.

enfoque econômico do descanso das terras, como ocorria nas sentenças jurídicas de Êxodo 34,21 e de Êxodo 23,12 no reinado de Josias. Sobre esta seqüência de textos, ponderamos o vínculo do descanso do trabalho com a paralisação dos meios de produção, ato que se firma como um simples paliativo da reprodução social.³⁹⁹ Para eles, e para os anciãos e sacerdotes, não havia vantagem em se transformar a vida, mas sim em mantê-la como era.⁴⁰⁰

Nesse detalhe, continuamos a ler a última parte da seqüência⁴⁰¹, ainda não analisada no hebraico do TM. Passamos agora a ponderar parte dos resultados encontrados em toda esta leitura de Deuteronomio.

4.5.3. Todos devem descansar!

Depois de utilizar verbos para enquadrar o ensino de Deuteronomio 5,12-15, e após falarem da tradição do Egito, além de se citar indiretamente o povo da terra, seus escritores, anciãos e sacerdotes, dizem de onde se teria iniciado esta parênese. Mostram que tal mandamento partira primeiro do local público, exclusivo para se resolver os dilemas da sociedade judaíta.⁴⁰² Buscavam, com isso inicialmente elevar o *status* de Deuteronomio 5,12-15.

A terminologia $\hat{y}r$, [' v . B i, “(está) em teus portões”, ressalta isso. Mostra que a aliança dos grupos em Judá é posta em prática, sobretudo, por conta das queixas e dos debates que devem ter ocorrido entre os proprietários de terras no meio da localidade jurídica dos portões.⁴⁰³ Para isso, os anciãos do portão preparam inicialmente uma sentença

³⁹⁹ Segundo a linguagem do próprio Marx, *O capital*, livro I, capítulo XV, parágrafo IV.

⁴⁰⁰ Nesse caso destacamos a teoria de Antonio Gramsci sobre os intelectuais orgânicos, como o são os anciãos e os sacerdotes, cf. Antonio Gramsci, *Os intelectuais*, p.151-163.

⁴⁰¹ Quando falamos que iremos continuar lendo lembramos que estamos lendo a parte da estrutura concêntrica, isto é, à parte C – o v.14.

⁴⁰² Sobre os problemas e as questões levadas ao portão da cidade, vide, Crüsemann, p. 119-125, e ainda, para esses tribunais, sua localização na porta e seus legisladores anciãos, cf. Reimer, “A mós: profeta de juízo e justiça”, p. 171-190.

⁴⁰³ Percebemos que os proprietários de terras que levavam as intrigas para serem resolvidas pelos proprietários de terras mais destacados. Tais líderes mais destacados que se organizam no portão sobre o nome de anciãos. Os anciãos, nada mais são, do que os maiores proprietários de terras livres que por prestígio se uniam aos demais para ajudar os outros a resolver seus problemas e intrigas, cf. para o caso dos anciãos, Dobberahn, “Reflexões arqueológicas”, p.39-52, e para os debates nos portões cf. Crüsemann, p. 122-125.

jurídica primorosa, atualizada posteriormente pelos sacerdotes no tribunal templar ganhando assim forma de parênese. E, como se vem dizendo, a solução é que todos ligados às propriedades produtivas deixariam de trabalhar num dia específico da semana. Principalmente para preservar a terra, os animais produtivos e os homens e mulheres que trabalhavam em suas terras.⁴⁰⁴ Pois, sem todos eles, o cultivo dos judaítas seria prejudicado.

A ordem para as casas do povo da terra era veemente. Todos teriam que “descansar”! Todos teriam que “interditar o dia”. Sim, por que, após se citar o local de onde se estava debatendo a intriga, o texto destina a restrição a todos, desde o proprietário de terra até o escravo. Assim, termina dizendo: $\hat{A}mK' \hat{t}.m'a]w: \hat{D}>b.[i;x;Wny" ! [i;m;l].?$ “para que descansem teu escravo e tua escrava como tu”. O texto dá a entender que, desde os próprios alvos do ensino, até os sujeitos mais subjugados socialmente na região judaíta, todos os envolvidos na propriedade teriam que passar por tal dia do ócio nos setores rurais de Judá.⁴⁰⁵

Interessante notar que, após os proprietários de terras introduzirem as pessoas sociais do v.14 como sujeito oculto da deliberação, eles voltam a ser mencionados no fim. Novamente, os anciãos e os sacerdotes ousam na escrita. É que os proprietários de terras tanto abrem quanto fecham as pessoas sociais da deliberação. Mostram que, embora todos que trabalham nas propriedades fossem valiosos (mais ainda o meio de produção), o texto se dedica a eles, chamados: $\hat{a}tah$ - o “tu” do texto.⁴⁰⁶

⁴⁰⁴ Cf. para o dilema da tecnologia nos locais de produção dependentes das reversas naturais, Belamy Foster, *Marx's Ecology*, p.432-469. Claro, em termo da revolução industrial, dentro da visão econômica compreendida aqui, Karl Marx (*O capital*, livro I, capítulo XV, parágrafo IV) chega a dizer frente ao serviço operariado e os meios de trabalho em máquinas, “o meio de trabalho foi erguido como um autômato frente ao operário, no decorrer do próprio processo de trabalho, sob forma de capital, de trabalho morto que domina e que suga sua força de trabalho”.

⁴⁰⁵ Nesse detalhe, não se acredita, como por exemplo, Reimer e Reimer, p.42-44, argumentam que aqui se apresenta a chave igualitária deste texto, repetindo a pessoa do escravo. Pois, nas palavras de Deuteronômio não se quer promover a mudança da sociedade, mais apenas, em certas circunstâncias que se amenize um pouco a dominação para que as classes espoliadas não dificultem seu traço marginal. Aquilo, que ao ver se salienta quando se retoma o termo “escravo” e “tu”, é dizer que todos deveriam fazer o descanso, mas que a pessoa mais importante não eram os espoliados mais sim os proprietários de terras livres, tanto é que são retomados no fim do texto, como o foram no início do v.14.

⁴⁰⁶ Cf. para a questão do “tu”, Crüsemann, *Preservação*, p.24-26.

Nesse último detalhe, busca-se ajustar todas as classes sociais encontradas nas casas da roça sob o mesmo paradigma. Paradigma que obriga tanto os proprietários de terras quanto seus escravos a não trabalhar no sábado, dia agora dedicado a Javé. Pois os trabalhos com animais como o “boi” e o “jumento”, mesmo sendo preciosos para a região, vem causando danos principalmente à região produtiva da Sefalá de Judá.⁴⁰⁷⁴⁷⁵

4.6. Uma proposta: a técnica roceira e a teologia da situação

Considerando o que foi exposto acima, quando afirmamos que o texto de Deuteronômio 5,12-15 seria um ensino relacionado ao trabalho, feito pelos braços da coalizão hegemônica em Judá pouco antes do exílio, nesse tópico, após a análise das palavras de Deuteronômio 5,12-15, desenvolveremos uma proposta que parte do texto bíblico para o ramo da história de Israel ratificando-se na leitura sócio-econômica. É uma proposta que se alavanca na percepção de que os meios de produção são, e eram, valiosos para o ensino em cada sociedade.⁴⁰⁸

Como estamos expondo na dissertação, compreendemos que o texto vem em ajuda dos proprietários de terras livres. A eles se endereça a parênese, antes do exílio – no início do reinado de Josias. Eles são o “tu” encontrado no texto. Provavelmente só estes homens fortes de Judá teriam condições de ter tantos grupos sociais ligados à sua moradia. Além disso, eles deveriam se propor a diminuir os dias do serviço, quer dizer, os sete dias normais de para seis dias, se algo tivesse prejudicando sua produção ao extremo. Então no portão da cidade em meio às discussões entre o povo da terra, e seus líderes mais destacados (os anciãos), parte a idéia de se paralisar um dia de descanso.⁴⁰⁹ Proposta logo levada para o tribunal do Templo para ser ratificada.⁴¹⁰

⁴⁰⁷ Cf. o profeta Miquéias (capítulo 1 e 2) chega a noticiar em suas primeiras profecias, cf. Rainer Kessler, “Miquéias e a questão da terra no Antigo Israel”, *Fragmentos de Cultura*, p-791-800.

⁴⁷⁵ Cf. o profeta Miquéias (capítulo 1 e 2) chega a noticiar em suas primeiras profecias, cf. Rainer Kessler, “Miquéias e a questão da terra no Antigo Israel”, *Fragmentos de Cultura*, p-791-800.

⁴⁰⁸ Isto se baseando nas ponderações de Reimer e Reimer, p.42-46, contudo ampliado-a diante da percepção sócio-econômica da obra de Karl Marx, *Capital*, livro I, capítulo XV, parágrafo IV, quando fala da relação do capital morto, e o serviço operariado.

⁴⁰⁹ Para o caso da relação entre o povo da terra e dos anciãos, vide, Dobberahn, “Reflexões arqueológicas”, p.39-52.

⁴¹⁰ Cf. o que Crüsemann, p. 122-125, chega a destacar sobre o movimento das leis e ensinamentos em Judá no pré-exílio.

Como se disse, interditar um dia do trabalho era algo radical (tribal) para aqueles que viviam justamente da extração e plantio nas terras.⁴¹¹ Deviam obrigar todos a trabalhar duro dia após dia. Agora, poucos detalhes nos ajudam no entendimento de que algo ocorria nas terras produtivas judaítas antes do exílio. Aliás, destaca-se que a região produtiva de Judá para plantio e extração devia ser mesmo a Sefalá judaíta.⁴¹² Era uma das poucas regiões propícias a plantação. Para isso, lembramos da menção da destruição e devastação destas poucas e pobres terras da Sefalá de Judá, sugerida tendo em vista o estudo de Rainer Kessler⁴¹³. Ele que relaciona os textos proféticos de Miquéias, a terra e com os pretensos membros do povo da terra. Por Norman K. Gottwald⁴¹⁴ compreendemos que os trabalhos, seu ritmo de exploração, as pragas e as secas eram responsáveis na destruição e o arrendamento das propriedades da região.

As técnicas de plantação, do cultivo e de extração não faziam bem às terras da Sefelá.⁴¹⁵ Sim por que, David C. Hopkins⁴¹⁶ sintetiza que volta do século 8º a.C., houve na região a necessidade de se trazer novas formas de produção para prolongar a vida dos solos de Judá. Haroldo Reimer⁴¹⁷ apresenta dados sobre a arqueologia, a chegada e a utilização de outras formas de plantio na região Judá, bem como na região palestina:

“A arqueologia tem evidenciado que várias cidades de (...) Judá registravam (..) produção que excedia as necessidades locais e que, segundo Silwer, muito provavelmente, era canalizada para o "mercado de exportação" (..) Em cidades como Debir e Gibeon foram encontrados vários depósitos com mais de 20 mil galões de vinho. Práticas "modernas" no trabalho agrícola como *terraceamento e irrigação*, "*desert farming*" e *diversificação agrícola* teriam ajudado a incrementar esse processo.” (grifo meu)⁴¹⁸

⁴¹¹ Cf. Kessler, “Miquéias e a Questão da Terra no Antigo Israel”, p-791-800.

⁴¹² Op. Cit.

⁴¹³ Kessler, “Miquéias e a Questão da Terra no Antigo Israel”, p-791-800.

⁴¹⁴ Para isso cf. Norman K. Gottwald, “Israel, Social and Economic Development of”, em *The International's Dictionary of the Bible Supplementary*, Volume 1, p.456-468, Frank S. Frick, “Ecology, Agriculture and Patterns of Settlement”, p.67-93.

⁴¹⁵ Cf. Kessler, “Miquéias e a Questão da Terra”, p-791-800.

⁴¹⁶ Vale a pena conferir o texto de David C. Hopkins que analisa todos os tipos de terraciamentos encontrados nas escavações de Israel, e também, nas poucas regiões de Judá cultiváveis, cf. David C. Hopkins, “The Dynamics of Agriculture in Monarchical Israel”, Society of Biblical Literature Seminar Papers, nº22, Missoula, Scholars Press, p.177-202.

⁴¹⁷ Cf. Reimer, “Leis de Mercado”.

⁴¹⁸ Op. cit.

Percebemos que há um entrelaçar entre tais técnicas chegadas na palestina por volta do século 8º a.C. e o pedido de descanso constituído nos textos bíblicos em questão.⁴¹⁹ Compreendemos que a técnica da economia judaíta de separar a área produtiva para o descanso por um tempo determinado pode se confundir com decretos dos anciãos do portão e dos sacerdotes para que os proprietários de terras livres separem, inicialmente, um tempo para o descanso, como nos textos de Êxodo 34,21 e de Êxodo 21, 12, estes, pouco teologizados. A raiz *šbbt* se relacionaria então a técnica de descanso das terras.

Ora, com o aprofundamento das dificuldades produtivas na Sefalá⁴²⁰, por exemplo, houve a necessidade de se interditar um dia específico. De uma técnica alternativa, passa a ser algo fixo no calendário dos proprietários de terras. Por conta dos problemas populacionais, de chuva e de pragas nas plantações que passam os judaítas, este dia é firmado para a paralisação do serviço na lida. Até por que, utilizando um escrito de Antonio Gramsci⁴²¹ sobre as questões problemáticas e a humanidade, compreendemos que: “a humanidade só coloca os problemas que se pode resolver (...) o próprio problema só surge, quando as condições materiais da sua resolução já existem ou, pelo menos, já estão em vias de existir”⁴²²

Assim, acreditamos que a partir do século 8º a.C., na região agrícola palestina, se apresenta um problema da destruição e da devastação das terras, fator esse que tem um dos seus possíveis responsáveis na busca de sanar o consumo da parcela de israelitas vinda do Norte após sua destruição em 722a.C.⁴²³ Tendo em vista a percepção econômica de Karl Marx⁴²⁴, ao mesmo tempo em que seus bois ajudavam a cortar a terra, e seus jumentos ajudavam a carregar tais produtos, eles também estariam ajudando a piorar a condição deste pobre solo. Ora, sobre isso, Belamy Foster re-compreende Karl Marx dizendo, “cada

⁴¹⁹ Acreditamos que a chegada de técnicas como o terraciamento e a diversificação agrícola, elas se misturam ao início das narrativas bíblicas sobre o sábado. Parece-nos que existe entre ambos um entrelaçar entre tais propostas a vida rural de Judá. Sobre essa impressão cf. Almeida, “Coisas de Criança”, p.61-81.

⁴²⁰ Como propriamente atestam Nakanose, *Um história para contar*, p.151-196, Norman K. Gottwald, “Israel, Social d Economic Development Old”, p.456-468 e David C. Hopkins, “The Dynamics of Agriculture in Monarchical Israel”, p.177-202.

⁴²¹ É uma frase de Antonio Gramsci retirada de Karl Marx, cf. *Concepção*, p.156.

⁴²² Op. cit.

⁴²³ Para a questão da agricultura e da busca de produção em Judá cf. David C. Hopkins, “The Dynamics”, p.177-202.

⁴²⁴ Cf. Marx, *Capital*, livro I, capítulo XV.

progresso da arte de elevar a fertilidade por um tempo (é) um progresso na ruína de suas fontes duradouras de fertilidade⁴²⁵.

Entendemos que, ao mesmo tempo em que os animais são indispensáveis, eles podem estar ajudando a assorear mais a região de solo pouco fértil.⁴²⁶ Daí devem vir as denúncias proféticas do texto de Miquéias 2, comentadas por Rainer Kessler⁴²⁷. Assim, pode ter sido ensinada teologicamente a paralisação, um descanso a Javé, deus dos destinatários do texto. Deuteronômio 5,12-15 localiza o descanso das terras no calendário semanal dos proprietários de terras da região. Nesse caso, voltamos a citar Frank Crüsemann:

“Os conflitos acerca do sábado (...) permitem reconhecer que sua expansão do âmbito da produção agrícola – ‘arar’ e ‘cortar’ (...) para o âmbito da distribuição, abastecimento, transporte, etc. foi um processo lento e sempre controvérsado”⁴²⁸

Isto é, não se pode negar o vínculo do descanso da terra com a lida e o trabalho nas propriedades de Judá. Nesse entremeio deveria estar ocorrendo um problema específico com o povo da terra - levado com urgência aos líderes do portão. Problema que no portão e no templo, ganha ares de um ensino paliativo. Um exemplo é quando se determina que todos os membros do povo da terra, principalmente da região da Sefalá, tinham agora que aderir ao trabalho em seis dias, descansando no dia seguinte, o sétimo.

Caso diferente das outras deliberações do descanso semanal. Pois, a partir de Deuteronômio 5,12-15, todos os dias passariam a ser de Javé, inclusive o de descanso.⁴²⁹ Antes disso, em textos legais, esse seria o único dia pertencente aos homens, como vemos em Êxodo 34 e em Êxodo 21. Mas, por conta dos problemas da produção, extração, do carregamento e do plantio, tal dia passaria agora a ser também deliberado ao divino.

Aprimoram esta deliberação jurídica quando buscam na tradição salvífica do Egito a memória de que os judeus foram escravos naquelas terras. Para fazer o dia do “não-trabalho”, lembram os tempos de violência vividos quando foram escravos.

⁴²⁵ Sobre a noção de metabolismo, bem como da dívida de Marx em relação a Leibig, consultar Foster, *Marx's Ecology*.

⁴²⁶ Quem deixa indicado sobre a condição pobre do solo de Judá é Norman K. Gottwald, “Israel, Social and Economic Development”, p.456-468.

⁴²⁷ Cf. Kessler, “Miquéias e a Questão da Terra”, p.791-800.

⁴²⁸ Cf. Crüsemann, p.202-203.

⁴²⁹ Para a transformação trazida com Deuteronômio 5,12-15, de leis e ensinamentos tipicamente agrários para forma sagrada, cf. Reimer e Reimer, p.32-46.

Nisso, pode-se estar dizendo que Javé compadeceu-se deles por não terem tido vida tranqüila na terra do Egito. Nesse caso, os escritores mostram para os proprietários de terras livres que a deliberação era importante para os seus dependentes, como os escravos, pois amenizaria sua vontade de fugir para se salvar da escravatura.⁴³⁰

Ensina-se o dia de descanso que agora é entregue a Javé. Este beneficia também as pessoas ligadas à propriedade, já que nenhuma delas deveria trabalhar. Eles que tinham a função de manipular os animais na colheita. Mesmo assim, afirmamos que a chave para o descanso na propriedade é o descanso dos animais, como vemos no v.14. Então, com a parênese de Deuteronômio 5,12-15, os grupos hegemônicos que possibilitam o reinado de Josias⁴³¹, passam a ensinar o descanso do serviço. Para ajudar a melhorar as condições produtivas nas terras judaítas, Javé passa a ter um dia separado.

Para Javé, se separa o descanso dos homens e animais na terra e, para ele, a terra descansa no sétimo dia da semana. Uma nova prática, que abarca os subjugados, traço comum na sociedade de Deuteronômio. Nela, como em várias novas sociedades, se condicionam novas legislações, pois as antigas não mais enquadram os problemas das novas organizações sociais.⁴³²

Através da entrega dos dias, Javé ajudaria aos membros da coalizão a se manter à frente desta nova sociedade, ajudando-os a amenizar a destruição e a devastação das terras dadas por ele aos judaítas. Assim, por ele, no Templo, se ensina a não fazer serviço algum no sétimo dia, pois essa era a forma mais imediata de se manter ou de ajudar a melhorar as condições das terras e dos meios de produção. Uma parênese que visa a manutenção da sociedade, partindo da vida, não da utopia do povo de Judá, como interpreta Norbert Lohfink⁴³³.

Sociologicamente entendemos que toda lei se baseia na sociedade e serve para alicerçar determinadas elites à frente da reprodução social – como descrevem Karl Marx⁴³⁴ e Antonio Gramsci⁴³⁵. Leis (e ensinamentos/parêneses) como as tidas de Deuteronômio não

⁴³⁰ Para a vida dos escravos no Antigo Testamento, Dreher, “Escravos no Antigo Testamento”, p. 9-26.

⁴³¹ No caso do texto de Deuteronômio, as elites envolvidas são, o povo da terra, os anciãos e os sacerdotes do Templo de Jerusalém, cf. Reimer, “Benção e Solidariedade”, p.22-26.

⁴³² Baruch Halpern, “Jerusalem and the Lineages”, p.11-107.

⁴³³ Cita-se Norbert Lohfink, em seu, “Zur Dekalogfassung”, p.17-32, mas, na verdade, se esta colocando no mesmo trilho, Braulik, *Die deuteronomischen*, p.221-384, e, Kramer, “O órfão e a viúva”, p.20-28.

⁴³⁴ Vide, Marx, *O Capital – livro I*, cf. o capítulo XXIII.

⁴³⁵ Cf. Gramsci, *Concepção*, p.156.

seriam projetos utópicos de sociedades, mas apenas garantem certos direitos para as minorias espoliadas para mantê-las à margem da sociedade.⁴³⁶ Nesse caso, segundo esta leitura sócio-econômica o descanso para Javé visaria a manutenção dos proprietários de terras livres à frente da sociedade, mesmo tendo em vista seus problemas produtivos.

A salvação lembrada com a tradição do Egito é a salvação dada pela manutenção da ordem social. Ela mais se parece como uma “tradição inventada”⁴³⁷, para que o próprio povo da terra aplique com maior intensidade o dia do descanso. Com isso, eles lideram a nova organização social, que alicerça o reinado de Josias sem dar melhores condições aos menos abastados. Enfim, ao invés de mudar as condições dos menos abastados como Norbert Lohfink⁴³⁸ acredita, a aliança entre povo da terra, anciãos e sacerdotes busca sua reprodução social, através do balanceamento do homem e natureza na roças do povo da terra.⁴³⁹ Algo que retoma a percepção moderna de François Chesnais e Claude Serfati sobre a relação da ecologia com as classes dominantes, quando dizem:

“por detrás de palavras como 'ecologia' e 'meio-ambiente' ou ainda, nas expressões 'questões ecológicas' e 'questões ambientais' encontra-se nada menos, do que a perenidade das condições de reprodução social, de certas classes, de certos povos e, até mesmo, de certos países”.⁴⁴⁰

⁴³⁶ Percebemos isso quando lemos o texto de Nakanose, *Uma história para contar*, p.21-218.

⁴³⁷ Cf. Hobsbawm, *On history*, p.23-54.

⁴³⁸ Cf. Lohfink, *Grandes manchetes*, p.229-235.

⁴³⁹ Cf. para o caso do discurso ecológico para a manutenção social, Chesnais e Serfati, “‘Ecologia’ e as con Entre eles, cf. Vanderlei Souza Carvalho, *Imprensa e o Neoliberalismo do Brasil*, p.13-23. dições físicas”, Löwy, “De Marx ao ecossocialismo”, p. 90-107, O’Connor, “Essai sur marxisme et ecologie”, e ainda que, mais esporadicamente, Pereira, “Meu povo será como árvore”, p.101-120.

⁴⁴⁰ Cf. Chesnais e Serfati, “‘Ecologia’ e as condições físicas”.

Conclusão

“a democracia e a equidade redefinem-se no campo da sustentabilidade em termos dos direitos de propriedade e de acesso aos recursos, ou seja, das condições culturais e políticas de reapropriação do ambiente”

Enrique Leff, *Ecologia, capital e cultura: racionalidade ambiental*, 2000, p.210.

Ao longo do trabalho acreditamos ter destacado pontos relevantes para a pesquisa do antigo Israel. Esses foram analisados sob uma perspectiva crítica a partir de informações e resultados de pesquisas feitas em fontes teológicas, históricas, sociológicas, arqueológicas e econômicas no pré-exílio judaíta.

Com esta pesquisa algumas questões do continente da América Latina puderam ser iluminadas.⁴⁴¹ E, junto à perspectiva bíblico-pastoral lembramos que a análise do plano do povo bíblico traz pistas para que percebamos “o novo” na sociedade contemporânea. Assim, tornou-se comum nos meios da animação bíblica, o jargão de que a leitura das Escrituras serve para iluminar a vida e nosso caminhar nela.⁴⁴²

Com o cotidiano iluminado pela reflexão bíblica, mesmo ela crítica, seus fieis em meio as suas dificuldades na vida podem partilhar as lições retiradas do passado do povo bíblico.⁴⁴³ Ora, se em um sentido, com a leitura bíblica apresentamos as questões de vida, em outro sentido, ela também pode mostrar possíveis soluções percebidas no passado. Assim, gostaríamos de destacar o papel construtor da reflexão bíblica no âmbito das comunidades na modernidade (ou, pós-modernidade).

Agora, quanto ao trabalho dissertativo bíblico, foi relevante pensar nas questões que vêm permeando a pesquisa do livro de Deuteronômio que perpassaram o livro chegando até Deuteronômio 5,12-15. Partimos da literatura mundial chegando até seus assentamentos e aprofundamento da pesquisa bíblica na América Latina nas décadas de oitenta, noventa e no fim do século passado.

⁴⁴¹ Para o detalhe da leitura bíblica nas comunidades, cf. Carlos Mesters e Francisco Orofino, *O caminho por onde caminhamos: reflexões sobre o método de interpretação da Bíblia*, p.31-49. Assim, nesse caso, é notório o seu trabalho em *Por trás das palavras*, p.112-134, e, ainda, o texto de Schwantes, *Projetos de esperança*, p.11-18.

⁴⁴² Mesters, “Como se faz Teologia Bíblica hoje no Brasil”, p.7-19.

⁴⁴³ Cf. Mesters, *Por trás das palavras*, p.112-134.

Destacamos no início dos anos setenta do século passado, tempo em que houvera a chegada das pesquisas internacionais na América Latina, havendo com elas, o diálogo com a realidade do povo destes países espoliados.⁴⁴⁴ Particularmente, a América Latina não apresenta muitas interpretações das palavras do livro de Deuteronômio, e quando o fazem, buscam conotar seus ensinamentos e leis como sigmas utópicos, refletindo muito pouco da situação marginal do continente na economia mundial.

Então, na **primeira parte** buscamos apresentar o histórico das pesquisas sobre o Deuteronômio, sobre o decálogo, para assim, chegarmos à pesquisa do terceiro mandamento de Deuteronômio 5,12-15. Percebendo de fora da América Latina para dentro, as óticas e as suas raízes de como e quando tais linhas de pesquisas chegaram por aqui. Com isso, apresentamos, no geral, o lugar das linhas exegéticas (filosóficas) quando se pronunciam sobre o Deuteronômio no continente.

Num **segundo momento**, após a constituição dos ramos da pesquisa, buscamos relações entre Deuteronômio 5,12-15 e a literatura de Deuteronômio, principalmente com o centro do livro, isto é, com Deuteronômio 12-26 - o Código Deuteronômico. Relações que nos levou a perceber intercessões entre Deuteronômio 5,12-15, com os grupos hegemônicos (povo da terra, anciãos e sacerdotes) estabelecidos em Judá por um golpe antes e após a reforma de Josias como indicam a linha de pesquisa de Frank Crüsemann⁴⁴⁵.

Elo entre o vocabulário de Deuteronômio 5,12-15 e do Código Deuteronômico, que mesmo reconhecendo a pesquisa de Norbert Lohfink⁴⁴⁶, não acreditamos ter como dissociar uma literatura da outra. A circulação do material ocorre por volta de 650-625a.C., e nesse caso até se ensaiou uma harmonização dos trabalhos de Norbert Lohfink e Frank Crüsemann, quando dão indicativos de um sábado no pré-exílio judaico, no tempo das monarquias de Judá - diferentemente do que tratam Eckard Otto⁴⁴⁷ e David Aaron⁴⁴⁸.

Então, Deuteronômio 5,12-15 pode ter sido apresentado como uma inovação em Judá decorrente da influência babilônica, mesmo antes da sua invasão, ocorrida em 586

⁴⁴⁴ Para isso vide a produção de textos feitos pelo primeiro grupo de biblistas brasileiros, Andersen e Gorgulho, "O Cântico dos Cânticos", p.337-344.

⁴⁴⁵ Cf. Crüsemann, p.202-203, e ainda Reimer, "Benção e Solidariedade", p.22-26..

⁴⁴⁶ Cf. Lohfink, "Zur Dekalogfassung", p.17-32.

⁴⁴⁷ Cf. Otto, "Von der Programmschrift", p.93-104.

⁴⁴⁸ Cf. Aaron, *Etched in Stone*, p. 32-352.

a.C. Portanto, esta solução partira dos anciãos, passando pelos sacerdotes, para que pudesse ser distribuído e ensinado entre o povo da terra como indica Frank Crusemann⁴⁴⁹.

Quanto à questão da autoria do texto de Deuteronômio 5,12-5, chegamos ao **terceiro ponto** bíblico-teológico. O ensino Deuteronômio 5,12-15 deve ter sido proposto entre as elites de Judá para que parte deles mantivesse a produção nas terras de Judá. Como se disse acima, o problema saiu do povo da terra, donos das terras livres de Judá, sendo levado inicialmente para os anciãos do portão, para que solucionassem a causa. Posteriormente, a causa teria ganhado o tribunal do Tempo para que passasse pelos sacerdotes, e assim, a garantia-se maior reconhecimento social sobre a questão. Nisso, compreendemos, há vontade de se separar um dia de descanso e de resguardo, para que as terras descansem pelo serviço feito na produção e extração de produtos e de alimentos nelas.

Assim, com Deuteronômio 5,12-15 buscava-se a manutenção social, pois, com a interdição não se revoluciona o trabalho nos campos, mas apenas visava a reprodução social de certas pessoas sociais. O descanso era um paliativo para a conservação dos setores hegemônicos, como o povo da terra judaíta.

O resguardo das terras de Judá seria então um brasão sócio-econômico para diminuir o processo de desgaste das terras, pelos anos do uso de técnicas a anos na região, pela falta de chuva e pelas pragas. Técnicas como uso do boi, e do jumento, pesados demais para aquele solo, e, também, para os homens e mulheres dependentes do trabalho dia-a-dia nos campos.

Assim, todos que trabalhavam nas propriedades, isto é, os filhos, filhas, órfãos viúvas, estrangeiros, bois, animais de porte e jumentos, todos seriam beneficiados pelo descanso de Javé. Conseqüentemente, nenhum deles, neste dia, poderia usufruir os meios de produção. Uma transformação nas casas dos judaítas dominantes, mas que não faz sentido de ser pensando para ao bem comum, como faz, Norbert Lohfink⁴⁵⁰.

A proposta partia dos anciãos, e dos sacerdotes tendo em vista a casa do povo da terra, justamente para nelas diminuir os desgastes de suas terras, ao mesmo tempo, assim eles poderiam se manter à frente da sociedade tendo em vista um balanceamento entre

⁴⁴⁹ Cf. Crusemann, p.286-385.

⁴⁵⁰ Cf. Lohfink, "Zur Dekalogfassung", p.17-32.

homens e natureza, aproximando-se do que hoje chamamos de um discurso ecológico. Assim, questionamos se uma parênese deste tipo pode ser designada simplesmente como discurso ecológico, ou como, Jürgen Moltmann chega a chamá-la de parte da “doutrina ecológica da criação”⁴⁵¹. E, neste detalhe, chegamos ao **quarto ponto** da reflexão.

Ora, perguntamos isso por que, pela leitura econômico-social do texto de Deuteronômio 5,12-15, é relevante, a um continente espoliado e rico em reservas naturais com o da América Latina, trazer a tona à discussão dos interesses do bloco dos países desenvolvidos que usam acintosamente o discurso ecológico.

Pela teoria econômica de Karl Marx⁴⁵², compreendemos que, após os países desenvolvidos terem destruído praticamente toda sua reserva natural em prol da industrialização e do desenvolvimento, voltaram seus intentos para o sul, este repleto ainda de uma reserva ambiental. Nesse caso, tornou-se comum em meio às reivindicações à internacionalização dos bens ambientais e naturais daqui. Isso pode ser visto, recentemente, quando se propôs num fórum mundial a pauta da internacionalização da Amazônia.

Quanto aos detalhes internos, no meio de uma economia neoliberal, levada principalmente pelo turbilhão de idéias globalizantes, destacamos a forma usada no discurso da ecologia, principalmente pelos agentes do sistema.⁴⁵³ Esses que muitas vezes são favoráveis à unificação das fronteiras geográficas e culturais, e, sobre eles, questionamos quanto ao interesse das mídias globalizadas em enfatizar tanto os elementos ligados a ecologia.

O Brasil e tanto a América Latina vêm sofrendo com esse ataque das mídias internacionais (e nacionais) dando a impressão de que somente intervenções internacionais poderão salvar os elementos naturais abundantes por aqui. Trazem consigo a estratégia de culpar os países donos das maiores reservas naturais de flora e fauna de estarem destruindo o pouco que sobra mundialmente falando das florestas, rios, mares, animais, etc.

Por trabalhos recentes⁴⁵⁴ se percebe que a artimanha de gerar descrédito nos governos nacionais vem se cumprindo – principalmente na questão da preservação das reservas naturais. Descrédito que faz com que, o apelo mundial, volte-se ao fim de que as

⁴⁵¹ Cf. Moltmann, *Doutrina Ecológica da Criação*, p.9-32.

⁴⁵² Vista por exemplo em *O capital*.

⁴⁵³ Como analisa o economista francês que se preocupa com a relação da economia neoliberal com os recursos da natureza, François Chesnais, *A Mundialização Financeira*, p.49-67.

⁴⁵⁴ Entre eles, cf. Vanderlei Souza Carvalho, *Imprensa e o Neoliberalismo do Brasil*, p.13-23.

reservas naturais não sejam mais cuidadas pelos governos regionais, mas que, as reservas passem também pelo processo de internacionalização. Ou seja, os países mais desenvolvidos querem (como donos do modo de produção) ter direito, agora, as reservas ecológicas dos países subdesenvolvidos.

Pensar o texto de Deuteronômio 5,12-15, pelo viés dominante pode apontar questionamentos sobre a validade das falas, imagens e matérias sobre a ecologia. Nesse detalhe, parece ser fundamental o diálogo da Literatura do Mundo Antigo junto à cadeira de Sociologia e de Economia, trilha na qual fora buscado durante o trabalho dissertativo.

Assim sendo, pela leitura sócio-econômica, a perspectiva de equilibrar as relações homem-natureza em Judá seria promulgada para que a elite do povo da terra se mantivesse na posição de exploração naquela sociedade. Um texto sem muitas idealizações, mas ao invés disso, condicionando a existência de pobres e excluídos na sociedade, pois, há, sobretudo, a reprodução de elites hegemônicas. Sim, por que, se existe este ensino, é por que, existem diferenças, e, ainda, grupos entre os quais estão sendo promovidos com elas.

Nesse caso, o texto de Deuteronômio 5,12-15 muito se parece com as manchetes e com as resoluções das hegemonias existentes mesmo nos países latinos americanos. Elas que usam a temática ecológica para aparentemente fazer uma política do “bem estar”, mas que querem a manutenção de sua posição frente à sociedade latino-americana.

Sobre isso a pesquisa deixa um indicativo. Toda vez que se veja, ou se diga algo ligado à temática ecológica que se pergunte, ou, mesmo se perceba, quem o faz. Quais são as pessoas sociais ligadas a tais noticiários – enquanto discursos.

Mesmo em discursos despretensiosos, como o ecológico, deve ser reconhecido seu lado político e econômico permeado pelo sustento do modo de vida. Essa é a face econômica que nunca pode ser dissociada da ecologia, e, muito pelo contrário, a ecologia como qualquer outra esfera cultural é refém direto dela.

Agora, o pedido é que a América Latina que tome cuidado com tais discursos. Da mesma forma que ela busque manter sua fauna e flora cada dia, mais preservado das mãos dos imperialistas. Afinal de contas, nestas reservas permanece o futuro do continente.

Referências bibliográficas

- AARON, David H. *Etched in Stone: The Emergence of the Decalogue*, New York e London, T & T Clark, 2006, 352p.
- A BÍBLIA: tradução ecumênica, São Paulo, Edições Loyola, 1995, 1567p.
- ALMEIDA, Fabio Py Murta. "Coisas de Criança: uma leitura do terceiro mandamento", em *Cultura Teológica*, n°55, São Paulo, Paulinas, 2006, p.61-81.
- ALMEIDA, Fabio Py Murta. "Animais de Porte como chave para Deuteronômio 5,12-15". *Ciências da Religião da Universidade Lusófona de Lisboa*, Lisboa, no prelo.
- ALMEIDA, Fabio Py Murta. "Reconhecemos nossos inimigos: meditações exegéticas das entranhas javistas", *Teologia e Cultura*, Departamento de Teologia da Puc-sp, São Paulo, Paulinas, **no prelo**.
- ALBRIGHT, William Foxwell. *Archaeology and the religion of Israel*, Baltimore, Johns Hopkins Press, 1953, 246p.
- ALONSO-SCHÖKEL, Jose Luis. *Dicionário bíblico hebraico-portugues*, São Paulo, Paulus, 1997, 798p.
- ALT, Albrecht. *Terra prometida: ensaios sobre a historia do povo de Israel*, São Leopoldo, Sinodal, 1986, p.32-57.
- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*, Rio de Janeiro, Graal, 1985, 367p.
- ANDERSEN, Ana Flora e GORGULHO, Gilberto. "O cântico dos cânticos – o amor erótico e o projeto do povo irmão", em Carlos Dreher (org.), *Profecia e Esperança – um tributo a Milton Schwantes*, São Leopoldo, Oikos, 2006, p.337-344.
- ANDERSEN, Ana Flora e GORGULHO, Gilberto. Resenha de "Introdução socioliterária a Bíblia Hebraica, *Estudo bíblicos*, n°8, Petrópolis, Vozes, 1987, p.50-52.
- ARAÚJO, Reginaldo Gomes. *Theologie der Wüste im Deuteronomium*, Frankfurt, Nova York, Lang, 1999, 325p.
- BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura popular na idade média e no renascimento, o contexto de François Rabelais*, São Paulo, Hucitec, 1987, 419p.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*, São Paulo, Martins Fontes, 1997, p.277-326.

- BARRERA TREBOLLE, Julio. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã*, Petrópolis, Vozes, 1999, 741p.
- BAPTISTA, Roberto Nadal. “Ecoteologia 92 – por um novo ser humano em paz com a criação”, *Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, Cedi, 1992, p.13-16.
- BENTZEN, Aage. *Introdução ao Primeiro Testamento*, São Paulo, Aste, 1968, 333p.
- BERGER, Peter. *O dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*, São Paulo, Paulinas, 1985, 231p.
- BLOCH, Marc. *Apologie pour L’Histoire*, Cahier des Annales, Paris, 3-Librairie Armand Colin, 1949, p. 13-49.
- BLUM, Ehard. “Israel no Monte de Deus. Observações sobre Ex 19-24; 32-34 e sobre o contexto literário e histórico de sua composição”, em Albert de Pury (org.), *O Pentateuco em Questão. As origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes*, Petrópolis, Vozes, 1996, p. 217-39.
- BIBLIA HEBRAICA KITTEL, Editionem Tertiam denuo Elaboratam ad Finem Perdixerunt Editionem Septimam Auxerunt et Emendaverunt, Editio Octava Emendata Typis Editionis Expressa, Stuttgart, 1952, p. 963-4.
- BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA, Editio tertia emendata, Deutsche Bibelgesellschaft, 1987, 2278p.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM: nova edição, revista e ampliada, São Paulo, Paulus, 2002, 2206p.
- BÍBLIA SAGRADA: edição pastoral, São Paulo, Paulus, 2002, 2402p.
- A BÍBLIA, Petrópolis, Vozes, 2001, 1565p.
- BIBLE WORKS for Windows, Montana, Hermeneutika Bible Research Software, Versão 6.0, 2005.
- BOFF, Leonardo. *Ética da vida*, Brasília, Letraviva, 1999, 263p.
- BORDIEU, Pierre e WACQUANT, Loic. “Sobre as artimanhas da razão imperialista”, *Estudos Afro-Asiáticos*, nº especial, ano 24, nº 1, 2002, p. 15-33.
- BOURDIEU, Pierre. “O Consumo Serve Para Pensar” em *Consumidores e Cidadãos - conflitos multiculturais da globalização*, Rio de Janeiro, Ed Ufrj, 1997, p. 51-70.
- BRANCHER, Mercedes. “Abraão e o povo da terra”, *Estudos Bíblicos*, nº46, Petrópolis, Vozes, 1994, p.21-46.

- BRAULIK, Georg. *Die deuteronomomischen Gesetze und der Dekalog. Studien zum Aufbau von Deuteronomium 12-26*, Vereniging voor Kerkrentmeesterlijk Beheer in de Protestantse Kerk in Nederland, 1991, p.221-384.
- BRAULIK, Georg. *Deuteronomium 1-16,17*, Würzburg, 1986, p.2-10.
- BRAULIK, Georg. “O livro de Deuterônômio” em Erich Zenger, *Introdução ao Antigo Testamento*, São Paulo, Edições Loyola, 2004, p. 98-109.
- BRAULIK, Georg. “Die Abfolge der Gesetze in Dtn 12-26 und der Dekalog”, em Norbert Lohfink (ed.), *Das Deuteronomium. Entstehung, Gestalt und Botschaft*, 1988, p.232-255.
- BRENNER, Athalya. “Uma palavra final: o decálogo – sou uma destinatária?”, em Athalya Brenner, *Êxodo e Deuterônômio: a partir da leitura de gênero*, São Paulo, Paulinas, 2000, p.282-286.
- CARDOSO, Ciro Flammarion Siqueira. *Ensaio racionalistas*, Rio de Janeiro, Campus, 1988, 117p.
- CARDOSO, Ciro Flammarion Siqueira. “Epistemologia pós-moderna, texto, conhecimento: a visão de um historiador”, *Revista Diálogos*, Maringá, v.3, n.3, 2000, p.1-13.
- CARDOSO, Ciro Flammarion Siqueira. “Tempo e a História”, em *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, 2007, no prelo.
- CARVALHO, Vanderlei Souza. *Imprensa e o Neoliberalismo do Brasil (1995-1998): o posicionamento da Revista Veja no primeiro governo FHC*, Campinas, Dissertação de Mestrado em História Social Unicamp, 2004, p.13-23.
- CAZELLES, Henri. *História política de Israel: desde as origens até Alexandre Magno*, São Paulo, Paulinas, 1986, 410p.
- CAZELLES, Henri. “L’Alliance du Sinai em Ex 34,10-27”, em André Caquot (org.), *Mélanges bibliques et orientaux em l’Honneur de M. M. Delcor*, 1985, p.57-68.
- CHESNAIS, François. *A mundilização financeira, gênese, custos e riscos*, São Paulo, Xamã, 1999, 321p.
- CHESNAIS, François e SERFATI, Claude. “‘Ecologia’ e as condições físicas da reprodução social: alguns fios condutores marxistas”, *Critica Marxista*, acessado

em 05.06.2007 em <http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/16chesnais.pdf>, disponível em 05.06.2007.

- CHILDS, Brevard. *Introduction to the Old Testament as Scripture*, London, SCM, 1979, 323p.
- CHISTENSEN, Duane. *A Song of Power and the Power of Song: Essays on the Book of Deuteronomy*, Sources for Biblical and Theological Study 3, Winona Lake, Eisenbrauns, 1993, 321p.
- CHOURAQUI, André. *Palavras*, São Paulo, Imago, 1996, p.89-94.
- CLEMENTS, Ronald. “The Book of Deuteronomy”, *The New Interpreter’s Bible*, volume 2, Nashville, Abingdon Press, 1998, 402p.
- CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma Introdução à fenomenologia da Religião*, São Paulo, Paulinas, 2002, 527p.
- CROATTO, Jose Severino. *Êxodo: uma hermenêutica da Liberdade*, São Paulo, Paulinas, 1988, 73p.
- CROSS, Frank M. “Javé e os deuses dos patriarcas”, em Ehard Gerstenberger (org.), *Deus no Antigo Testamento*, São Paulo, Aste, 1981, p. 75-102.
- CRÜSEMANN, Frank. *A Tora: teologia e história social da lei no Antigo Testamento*, Petrópolis, Vozes, 2001, 599p.
- CRÜSEMANN, Frank. *Preservação da liberdade: o decálogo numa perspectiva histórico-social*, São Leopoldo, Sinodal e Cebi, 1995, 88p.
- CRÜSEMANN, Frank. *Der Widerstand gegen das Konigtum*, Wissenschaftliche Monographien zum Alten und Neuen Testamet, Neukirchen, 1978, p.3-26.
- CRÜSEMANN, Frank. “Direito, Estado, Profecia: questões básicas de uma interpretação sócio-histórica das leis vétero-testamentárias”, *Estudos Teológicos*, nº29, 1989, p. 283-94.
- CRÜSEMANN, Frank. “Elias e o surgimento do monoteísmo no Antigo Israel”, *Fragmentos da Cultura*, v.11, n.5, 2001, p. 779-90.
- CRÜSEMANN, Frank. “Abraão e os moradores da terra”, *Caminhos*, v.1, n.1, Goiânia, Ucg, 2003, p. 779-90.
- CRÜSEMANN, Frank. “Imaginário de violência como parte da história das origens: a lei do anátema e a ordem legal no Deuteronômio”, em Carlos Dreher (org.), *Profecia e*

- Esperança – um tributo a Milton Schwantes*, São Leopoldo, Oikos, 2006, p.218-238.
- DOBBERAHN, Friedrich Erich. “Reflexões arqueológicas sobre a sedentarização de Israel”, *Boletim Teológico*, nº15, São Leopoldo, 1991, p.39-52.
- DOBBERAHN, Friedrich Erich e HOEFELMANN, Verner. "Redescobrimo as cruzeiras lá onde foram erguidas - Reflexões sobre uma arqueologia do proletariado", *Estudos Teológicos*, vol.31, n.1, São Leopoldo, Editora Sinodal, 1991, p.85-100.
- DREHER, Carlos. *Cântico de Débora: Jz 5 - conflito social e teologia num episódio da história de Israel pré-estatal*, Dissertação de Mestrado em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1984, 178p.
- DREHER, Carlos Arthur. “Escravos no Antigo Testamento”, *Estudos Bíblicos* nº18, Petrópolis, Vozes, 1988, p. 9-26.
- DREHER, Carlos Arthur. “As uvas do vizinho”, *Revista de Interpretação Latino Americana*, v.14, Petrópolis, Vozes, 1993, p.19-23.
- DELÉAGE, Jean-Paul. *Une histoire de l'écologie*, Éditions de la Découverte, Paris, 1991, p. 246-289.
- DEMO, Pedro. *Conhecimento moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento*, Petrópolis, Vozes, 1997, 387p.
- DERANI, Cristiane. *Direito Ambiental Econômico*, São Paulo, Max Limonad, 1997, 321p.
- DIETRICH, José Luis A *História da História de Davi e Golias: o processo e a função social da produção da imagem de Davi como pastor que fala em nome de YHWH Zebaot, em ISm 17. 1-18.5*, Tese de Doutorado em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2002, 284p.
- DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*, São Leopoldo e Petrópolis, Sinodal e Vozes, 2001, 535p.
- DUMÉZIL, James. *Do mito ao romance*, São Paulo, Martins Fontes, 1992, 273p.
- ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*, São Paulo, Martins Fontes, 1993, p.43-51.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e profano*, São Paulo, Mercúrio, 2001, 191p.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*, São Paulo, Martins Fontes, 1993, 479p.

- FERNANDEZ, Pedro Julio Triana. “Um projecto de solidaridad, justicia social y resistencia: um estúdio a partir de Deuterônômio 15,1-18”, em Jose Ademas Kaefer e Haidi Jarschel (org.), *Dimensões socais da fé do Antigo Israel: uma homenagem a Milton Schwantes*, São Paulo, Paulinas, 2007, p.53-68.
- FERNANDEZ, Pedro Julio Triana. “Palavras para tempos de crises... uma aproximação ao livro de Deuterônômio (parte I), Boletim Anglicano, 2007, 4p.
- FERNANDEZ, Pedro Julio Triana. “Palavras para tempos de crises... uma aproximação ao livro de Deuterônômio (parte II), Boletim Anglicano, 2007, 6p.
- FINKELSTEIN, Israel e SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*, São Paulo, A Girafa, 2003, 515p.
- FOSTER, Belamy. *Marx's Ecology: Materialism and Nature*, 2000, p.432-469.
- FRICK, Frank S. “Ecology, Agriculture and Patterns of Settlement”, *The Word of Ancient Israel*, Cambrite University Press, 1989, p.67-93.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro, Graal, 2004, 295p.
- GARCIA-CANCLINI, Néstor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*, Rio de Janeiro, Ed UFRJ, 1997, 235p.
- GARCIA LÓPEZ, Felix. *O Decálogo*, São Paulo, Paulus, 1995, 194p.
- GARCIA LÓPEZ, Felix. *Deuterônômio: uma lei pregada*, São Paulo, Paulus, 1995, 232p.
- GARCIA, Paulo Roberto. “Bíblia e Ecologia: uma reflexão sobre Mateus 5,5”, *Mosaicos da Bíblia*, Cedi, 1992, p.5-8.
- GARMUS, Ludovico. "O descanso da terra – uma releitura de Êxodo 23,10-11 e Levítico 25, 1-7", *Revista de Interpretação Latino Americana*, Petrópolis, Vozes, 1998, p.98-112.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro, LTC, 1998, 323p.
- GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*, Rio de Janeiro, Zahar, 2001, 247p.
- GERSTENBERGER, Erhard. “O dez e os outros mandamentos”, *Estudos Bíblicos*, n.36, 1996, p.10-22.
- GESENIUS, Willian e ROBINSON, Edward. *Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*, 1850, 2243p.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*, São Paulo, Companhia das Letras, 2002, 192p.

- GORGULHO, Maria Laura. “Ano Jubilar – ideal de igualdade e garantia de cidadania”, *Estudos Bíblicos*, n.58, Petrópolis e São Leopoldo, Vozes e Sinodal, 1998, p.43-59.
- GOTWALD, Norman K. “O método sociológico no estudo do antigo Israel”, *Estudos Bíblicos*, n°7, Petrópolis, Vozes, 1987, p.42-55.
- GOTWALD, Norman K. “Israel, Social and Economic Development of”, em *The International’s Dictionary of the Bible Supplementary*, Volume 1, 1988, p.456-468.
- GRADL, Felix e STENDEBACH, Franz Josef. *Israel e seu Deus: guia de leitura para o Antigo Testamento*, São Paulo, Edições Loyola, 2001, 235p.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979, 244p.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1989, 341p.
- GRENZER, Matthias. “Junto ao Inimigo”, *Religião e Cultura*, v. 11, n°3, São Paulo, Paulinas, 2003, p. 113-126.
- GOTTWALD, Norman K. *As tribos de Iahweh: uma sociologia da religião de Israel liberto 1250-1050 aC.*, São Paulo, Paulinas, 1986, 932p.
- GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária da Bíblia hebraica*, São Paulo, Paulinas, 1988, 639p.
- GUATTARI, Felix. *As três ecologias*, Campinas, Papirus, 1990, 56p.
- GÜNKEL, Hermann. *Genesis*, Gottingen, 1969, p.167-250.
- GUNNEWEG, Antonius H. *Teologia bíblica do Antigo Testamento: uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica*, São Paulo, Loyola e Teológica, 2005, 437p.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*, São Paulo, Centauro, 2004, 318p.
- HALPERN, Baruch. ‘Jerusalem and the Lineages in the seventh Century BCE - Kinship and the Rise of Individual Moral Liability’, em Baruch Halpern e David W. Hobson (eds.) *Law and Ideology in Monarchic Israel*, Sheffield, Sheffield University Press, 1991, p.11-107.
- HAHN, Noli Bernardo. *A profecia de Miquéias: memórias, vozes e experiências*, São Bernardo do Campo, tese de doutorado UMESP, 1997, p.32-134.
- HOBBSAWM, Eric. *On history*, London, Weidenfeld e Nicolson, 1997.

- HOPKINS, David C. "The Dynamics of Agriculture in Monarchical Israel", *Society of Biblical Literature Seminar Papers*, n°22, Missoula, Scholars Press, 1983, p.177-202.
- HOPPE, Leslie J., "Deuteronomio", *Comentário Bíblico*, São Paulo, Edições Loyola, 1999, p.191-193.
- HOSSELD, Frank Lothar. *Der dekalog: Seine Spate Fassungen, Die Originale Komposition und Seine Vorstufen*, Orbis Biblicus et Orientalis, v.45, Fribourg e Gottingen, Universitätsverlang e Vandenhoeck, 1982.
- HOUTART, François. *Religião e modos de produção pré-capitalista*, 1987, p.11-43.
- KEEL, Othmar. "Do meio das nações: A bíblia como porta de entrada de Culturas antigas do Oriente Próximo", *Concilium*, n° 257, 1995, p.10-21.
- KELLEY, Page H. *Hebraico bíblico: uma gramática introdutória*, São Leopoldo, Sinodal, 1998, 451p.
- KESSLER, Rainer. *Staat und Gesellschaft im vorexilischen Juda*, Diss. Hábil. Bethel, 1990, p.204-209.
- KESSLER, Rainer. "Miqueias e a questão da terra no Antigo Israel", *Fragments de Cultura*, n.5, Goiânia, 2001, p-791-800.
- KRAMER, Pedro. *Origem e Legislação de Deuteronomio: um programa de sociedade sem pobres e nem excluídos*, São Paulo, Paulinas, 2006, 227p.
- KRAMER, Pedro. "O órfão e a viúva no livro do Deuteronomio" *Estudos Bíblicos*, n°23, 1990, Petrópolis e São Leopoldo, Vozes e Sinodal, 1990, p. 20-28.
- KRAMER, Pedro. *Origem e Legislação de Deuteronomio: um programa de sociedade sem pobres e nem excluídos*, Tese de doutorado em Teologia na Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1999, 343p.
- KULA, Whitold. *Teoria econômica do sistema feudal*, Lisboa, Edições 70, 1962, 386p.
- LEVINSON, Bernand. *Deuteronomy and the Hermeneutics of Legal Innovation*, Oxford, Oxford University, 1997, 326p.
- LEVINSON, Bernard, "The Hermeneutics of Tradition in Deuteronomy", *Journal of Biblical Literature*, Vol. 119, 2000, p. 269-286.

- LEVINSON, Bernand. “The Reconceptualization of Kingship in Deuteronomy and the Deuteronomistic history’s transformation of Torah”, *Vetus Testamentum* LI, 4, Koninklijke Brill NV, Leiden, 2001, p.511-534.
- LIMA, Cleodon Amaral. *A proibição de se fabricar ídolos: um estudo exegético de Êxodo 20,1-6 e de Deuterônimo 5,5-10*, Dissertação de Mestrado da Faculdade de Teologia Nossa Senhora Assunção, 2004, 321p.
- LOHFINK, Norbert. “Zur Dekalogfassung von Dt 5” em *Biblische Zeitschrift* 9, 1965, p. 17-32.
- LOHFINK, Norbert. “Deuteronomium und Pentateuch.Zum Stand der Forschung”, *Stuttgarter Biblische Aufsatzbände*, n° 20, 1995, p. 13-38.
- LOHFINK, Norbert. “Um balanço após a catástrofe”, em Josef Schreiner (org.), *Palavra e Mensagem no Antigo Testamento*, São Paulo, Paulinas, 1983, p.184-211.
- LOPEZ, Mercedes. “A Hokmah bem humorada”, *Mandrágora*, n° 11, São Bernardo do Campo, Metodista, 2005, p.43-59.
- LOWY, Michael. *Pós-Neoliberalismo II - Que estado para que democracia?*, Petrópolis, Editora Vozes, 1999, p. 90-107.
- MAINVILLE, Odete. *A Bíblia à luz da história: guia de exegese histórico-crítico*, São Paulo, Paulinas, 1999, 158p.
- MARX, Karl. *O Capital*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981, 539p.
- MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*, Campinas, Editorial Psy II, 1995, p.219-321.
- MAZAR, Amihai. *Arqueologia na terra da Bíblia: 10000-586 a.C.*, São Paulo, Paulinas, 2003, 554p.
- MENDENHALL, Georg. “The Hebrew Conquest of Palestine”, em Carter Meyer e Carol Meyer (orgs.), *Community, identity and Ideology, Social science Approaches to the Hebrew Bible*, Winona Lake, Indiana Eisenbrauns, 1996, p.231-254.
- MESTERS, Carlos. *Por trás das Palavras*, Petrópolis, Vozes, 1984, 392p.
- MESTERS, Carlos e OROFINO, Francisco. *O caminho por onde caminhamos: reflexões sobre o método de interpretação da Bíblia*, São Leopoldo, Sinodal, 2006, p.31-49.
- MESTERS, Carlos. “O livro de Aliança na vida do povo de Deus Êxodo 19-24”, *Revista de Interpretação Latino Americana*, n.23, 1996, p.104-122.

- MERSTES, Carlos. “O decálogo: palavras de uma aliança”, *Revista Estudos Bíblicos*, n°9, Petrópolis, Vozes, 1982, p.8-22.
- MERSTES, Carlos. “Como se faz Teologia Bíblica hoje no Brasil”, *Revista Estudos Bíblicos*, n.1, 1981, p.7-19.
- MOLTMANN, Jürgen. *Doutrina ecológica da criação: Deus na criação*, Petrópolis, Vozes, 1992, 421p.
- MOWINKEL. *Le Décalogue*, Paris, 1927, 323p.
- MÜELLER, Enio. *Teologia da libertação e marxismo: uma relação em busca de explicação*, São Leopoldo, Sinodal, 1996, 301p.
- NAKANOSE, Shigeyuki. “Para entender o livro de Deuterônômio – uma lei a favor da vida”, em *Revista de Interpretação Latino Americana*, n°38, Petrópolis e São Leopoldo, 1996, p. 176-193.
- NOTH, Martin. *The Deuteronomistic History*, Sheffield, Academic Press, 1981.
- NOTH, Martin. *Überlieferungsgeschichtliche Studien. Die sammelnden und bearbeitenden Geschichtswerke im Alten Testament*, Dasmstadt, 1967, p.18-39.
- O’CONNOR, James. “Essai sur marxisme et écologie”, *Quatrième Internationale*, n°44, maio-julho, 1992, s/p.
- OTTO, Eckard. “Del libro de la Alianza e la ley de Santidad. La reformulación del derecho israelita y la formación del Pentateuco”, *Estudios Bíblicos*, n 52, 1994, p.201-204.
- OTTO, Eckard. “Von der Programmschrift einer Rechtsreform zum Verfassungsentwurf des Neuen Israel”, em Georg Braulik (org), *Bundesdokument und Gesetz – Deuteromium Studien*, Herder, 1995, p.93-104.
- PALMA, Rodrigo Freitas. *Elementos de Direito Ambiental na Bíblia Hebraica*, Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2002, 178p.
- PALMA, Rodrigo Freitas. “O Direito na Antiguidade Oriental”, *Jurídica do Cesut*, v.1, n.1, 2000, p.165-170.
- PEREIRA, Nancy Cardoso. “Meu povo será como árvore. Florestas, trabalho e ídolos em Isaías 44”, em José Ademar Kaefer e Haidi Jarschel (org.), *Dimensões sociais da fé do Antigo Israel. Uma homenagem a Milton Schwantes*, São Paulo, Paulinas, 2007, p.101-120.

- PINZETTA, Inácio. “Um projeto de defesa aos estrangeiros: a proposta do Deuteronômio” *Estudos Bíblicos*, nº27, Petrópolis e São Leopoldo, 1990, p. 29-37.
- PISANO, Stephen. “O Texto do Antigo Testamento”, em Horácio Simeon Yofree (org.), *Metodologia do Antigo Testamento*, São Paulo, Edições Loyola, 2000, p. 39-69.
- PIXLEY, Jorge. *A História de Israel a partir dos podres*, Petrópolis, Vozes, 2001, 136p.
- PIXLEY, Jorge. *Êxodo: uma leitura evangélica e popular*, México, Casa Unida de Publicações, 1983, p.174-202.
- PURY, Albert de (org.). *O Pentateuco em Questão: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes*, Petrópolis, Vozes, 1996, 323p.
- RAVASI, Gianfranco. *Êxodo*, São Paulo, Paulinas, 1985, 145p.
- REIMER, Haroldo e REIMER, Ivoni R. *Tempos de graça: o Jubileu e as tradições Jubilares na Bíblia*, São Leopoldo e Sinodal, Paulus e Cebi, 1999, 163p.
- REIMER, Haroldo. “Sobre economia no antigo Israel e no espelho de textos da Bíblia hebraica”, em Ivoni R. Reimer, *Economia no mundo bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos*, São Leopoldo, Cebi e Sinodal, 2006, p.7-32.
- REIMER, Haroldo. “Inclusão e Resistência: anotações a partir do Deuteronômio” *Estudos Bíblicos*, nº72, Petrópolis, 2001, p. 11-20.
- REIMER, Haroldo. “Amós: profeta de juízo e justiça”, *Revista de Interpretação Latino Americana*, nº35/3, Petrópolis, Vozes, 2000, p. 171-190.
- REIMER, Haroldo. “Leis e relações de gênero: apontamentos sobre Êxodo 21.2-11 e Deuteronômio 15.12-18”, *Revista de Interpretação Latino Americana*, nº 37, Petrópolis, Vozes, 2001, p.11-32.
- REIMER, Haroldo. “Leis de mercado e direito dos pobres na Bíblia Hebraica”, *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, Vozes, 2002.
- REIMER, Haroldo. “Benção e Solidariedade: anotações a partir do Deuteronômio” *Revista da Bíblia*, nº26, Rio de Janeiro, Juerp, 2002, p.22-26.
- REIMER, Haroldo e REIMER, Ivoni R. “Por uma espiritualidade cristã ecológica”, *Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, n.8, 1992, p.9-13.
- RENDTORFF, Rolf. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento*, São Leopoldo, Sinodal, 2001, 47p.

- RENDTORFF, Rolf. *Das Überlieferungsgeschichtliche Problem des Pentateuch*, Beitrage zur Zeitschrift zum Alten und Neuen Testament 147, Berlin, 1976, 218p.
- RIBEIRO, Osvaldo Luiz. “500 Anos em 50. Exegese e teologia histórico-críticas”, *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, nov/dez, 2004, p.1507-1521.
- RIBEIRO, Osvaldo Luiz. “Vento tempestuoso: um ensaio sobre a tradução e a interpretação de Gn 1,2 à luz de Jr 4”, *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, UCG, 2002, p. 573-598.
- RIBEIRO, Osvaldo Luiz. “Vento tempestuoso: novas reflexões sobre Gn 1,2 à luz da Fenomenologia da Religião”, *Teológica de Londrina*, Londrina, 2003, p. 103-169.
- RIBEIRO, Osvaldo Luiz. “A ‘terra’ e ‘as águas’ originais: história e linguagem mítica em Gn 1,1-3”, *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, 2003, p. 40-48.
- ROBINSON, Gnana. *The Idea of Rest in the Old Testament and the Search for the Basic Character of Sabbath*, *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft* 92, 1980, p.32-42.
- SADER, Emir e BRIE, Michael (org), *Reforma ou revolução? Para além do capitalismo neoliberal - concepções, atores e estratégias*, São Paulo, Expressão Popular, 2004, 243p.
- SADER, Emir. *Afinidades seletivas*, São Paulo, Boitempo Editorial, 2002, 245p.
- SANT’ANNA, Elcio. *Criação e Recriações cosmogônicas em Isaías 51,9-11. Um estudo do uso do mito cosmogônico pelo Deutero-Isaías para o entendimento da comunidade dos cativos judaitas em Babilônia*, Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, Dissertação de Mestrado, 2007, 123p.
- STAUDER, Eduardo Paulo. *Dízimo: dádiva, comunhão e solidariedade - uma leitura histórico-crítica de Deuteronomio 14,22-29*, Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2006, 105p.
- SCHMID, Hans Heinrich Schmid. “Auf der Suche nach neuen Perspektiven für die Pentateuchforschung”, *Congress Volume*, Vienna, 1980, p.1-34.
- SCHMIDT, Flávio. “O surgimento da monarquia em Israel”, *Estudos Bíblicos*, n.44, Petrópolis, Vozes, 1994, p.36-46.

- SCHMIDT, Flavio. “Hermenêutica Bíblica”, em José Ademar Kaefer e Haidi Jarschel (orgs.), *Dimensões sociais da fé do Antigo Israel: uma homenagem a Milton Schwantes*, São Paulo Paulinas, 2007, p.427-432.
- SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*, São Leopoldo, Sinodal, 2002, 395p.
- SCHREINER, Josef. *Introducción a los Métodos de la Exégesis Bíblica*, Barcelona, Herder, 1974, 367p.
- SCHREINER, Josef. “Ejemplo de crítica textual bíblica”, em Josef Schreiner, *Introducción a los Métodos de la Exégesis Bíblica*, Barcelona, Helder, 1974, p.113-125.
- SCHWANTES, Milton. *Das Recht der Armen*, Beiträge zur biblischen Exegese und Theologie, Frankfurt, Verlag Peter Lang, 1977, p.11-79.
- SCHWANTES, Milton. *Projetos de esperança: meditações sobre Gênesis 1-11*, Petrópolis, Paulinas, 2001, 93p.
- SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e esperança no exílio. História e Teologia do povo de Deus no século VIaC*, São Paulo e São Leopoldo, Paulinas e Sinodal, 1987, 124p.
- SCHWANTES, Milton. *A Família de Sara e Abrão: texto e contexto de Gênesis 12-25*, São Paulo e São Leopoldo, Paulinas e Sinodal, 1986, p.21-26.
- SCHWANTES, Milton. *A terra não pode suportar suas palavras: reflexão e estudo sobre Amós*, São Paulo, Paulinas, 2004, 321p.
- SCHWANTES, Milton. “A Cidade da Justiça - estudo exegetico de Is 1.21-28”, *Estudos Teológicos*, v.22, São Leopoldo, Sinodal, 1982, p 5-48.
- SCHWANTES, Milton. “Meditação sobre Deuteronômio 5,12-15”, *Proclamar Libertação*, v.3, São Leopoldo, 1978, p.61-67.
- SCHWANTES, Milton. “Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra: iniciação à temática do trabalho e do trabalhador na Bíblia”, *Estudos Bíblicos*, nº11, São Leopoldo, Sinodal, 1986, p 6-21.
- SCHWANTES, Milton. “Faze sair meu povo Israel do Egito: anotações sobre Êxodo 3”, *Estudos de Religião*, vol. 14, São Bernardo do Campo, Umesp, 1998, p.23-33.
- SCHWANTES, Milton. “Nas montanhas há solução (Gênesis 13,1-18)”, *Cultura Teológica*, São Paulo, Paulinas, 2001, p.81-98.

- SCHWANTES, Milton. “No banquete das origens: comida e bebida em narrações bíblicas”, *Estudos da Religião*, nº28, São Bernardo do Campo, Umesp, 2005, p.29-45.
- SCHWANTES, Milton. “Repetições e paralelismos: observações em um debate hermenêutico, exemplificado em Provérbios 10,1”, *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, UCG, 2005, p.1385-1389.
- SCHWANTES, Milton. “Caminhos da hermenêutica bíblica na América Latina”, em Haroldo Reimer e Valmor Silva (org.), *Hermenuticas bíblicas*, São Leopoldo, Oikos, 2006, p.11-38.
- SKA, Jean Louis. *Introdução à Leitura do Pentateuco*, São Paulo, Edições Loyola, 2003, 299p.
- SKA, Jean Louis. *Le passage de la mer. Étude de la construction, du style et de la symbolique d'Ex 14,1-31*, Deuxième édition revue et corrigée, Analecta Biblica, nº109, 1997, 204p.
- SELLIN, Ernst e FOHRER, Georg. *Introdução ao Antigo Testamento*, São Paulo, Paulinas, 1977, 461p.
- SICRE DIAZ, Jose Luis. *Introdução ao Antigo Testamento*, Petrópolis, Vozes, 1999, 318p.
- SICRE DIAZ, Jose Luis. *A justiça social nos profetas*, São Paulo, Paulinas, 1990, 670p.
- SIQUEIRA, Tércio Machado. *O povo da terra no período monárquico*, Tese de Doutorado em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1997, 296p.
- SILVA, Airton José. “A história de Israel na pesquisa atual”, *Estudos Bíblicos*, nº71, Petrópolis e São Leopoldo, 2001, p.62-73.
- SILVA, Airton José. “Os instrumentos da helenização”, *Estudos Bíblicos*, nº 61, Petrópolis e São Leopoldo, 1999, p. 23-37.
- SILVA, Airton Jose. “O contexto da obra historiográfica deuteronomista”, *Estudos Bíblicos*, nº88, Petrópolis e São Leopoldo, 2005, p.18-26.
- SILVA, Cássio Murilo Dias. *Metodologia de Exegese Bíblica*, São Paulo, Paulinas, 2003, 321p.
- SILVA, Marcelo Moura. *Malaquias, mensageiro da justiça: um estudo a partir do quarto oráculo (2,1-3,5)*, Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2004, 128p.

- SIQUEIRA, Tércio Machado. “Um pouco da história da pesquisa sobre o ‘povo da terra’”, *Estudos Bíblicos*, nº44, Petrópolis e São Leopoldo, Vozes e Sinodal 1994, p. 9-16.
- SILVER, Moris. *Prophets and Markets: The Political Economy of Ancient Israel*, Boston, Kluwer-Nijhoff, 1983, 421p.
- STORNILO, Ivo. “Ecologia em Deuteronômio”, *Mosaicos da Bíblia*, n.23, São Leopoldo, Cedi, 1992, p.23-27.
- THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum – estudo sobre a cultura popular tradicional*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, 532p.
- TÜNERMANN, Rudi. *As reformas de Neemias: a reconstrução de Jerusalém e a reorganização de Judá por Neemias no período persa*, São Leopoldo, Sinodal. 2001, 267p.
- UEHLINGER, Christoph. “O clamor da terra: perspectivas bíblicas para o tema ecologia e violência”, *Concilium*, Petrópolis, Vozes, 1995, p.52-65.
- VERA, José Loza. *Las palabras de Yahve – estudio del decálogo*, Mexico, Universidad Pontificia de México, 1989, 388p.
- VERA, José Loza. “Universalismo y particularismo em las leyes del Antiguo Testamento”, *Bíblica*, nº50, 1993, p.65-90.
- VOLKMAR, Fritz. *Die Entstehung Israels im 12. und 11. Jahrhundert v.Chr.*, Stuttgart, Kohlhammer, 1996.
- von RAD, Gehard. *Teologia do Antigo Testamento*, Vol I, São Paulo, Aste, 1973, 482p.
- von RAD, Gehard. *Deuteronômio: tradução e comentário*, Bréscia, Paideia, 1979, 402p.
- WELLHAUSEN, Julius. *Prolegomena to The history of Ancient Israel*, New York, Merian Books, 1975.
- WESTERMANN, Claus. *Genesis*, Gottiga, 1981, p.108-112.
- WOLFF, Hans Walter. *Bíblia: o Antigo Testamento - introdução aos escritos aos métodos de estudo*, São Paulo, Paulinas, 1982.
- YOFRE, Horácio Simeon (org.). *Metodologia do Antigo Testamento*, São Paulo, Edições Loyola, 2000, 315p.
- ZABATIERO, Julio Paulo Tavares. “História social da reforma de Josias: breve análise de interpretações contemporâneas”, *Teologia Hoje*, Londrina, v. 2, n. 1, 2004.

- ZABATIERO, Julio Paulo Tavares. “Em busca de uma economia solidária: Dt 14,22-15,23 - resistência popular e identidade social”, *Estudos Bíblicos*, v.84, Petrópolis e São Leopoldo, 2004, p. 9-21.
- ZABATIERO, Julio Paulo Tavares. “O espaço sagrado na tradição deuteronômica (VIII-VI sécs. a. C.)”, *Teologia Hoje*, Londrina, v. 2, n. 2, 2004.
- ZABATIERO, Julio Paulo Tavares. “A adoração e o espaço sagrado: uma leitura de Deuteronômio 12,13-19”, *Teologia Prática Latino Americana*, Londrina, v. 1, 2002, p. 57-113.
- ZARPELON, Sandra Regina. *A Esquerda não Socialista e o Novo Socialismo Utópico: aproximações entre a utilização das ONGs e o corporativismo da CUT*, Dissertação de Mestrado em História Social na Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003, p.6-30.
- ZENGER, Erich. “O tema da ‘saída do Egito’ e a origem do Pentateuco”, em Albert de Pury (org.), *O Pentateuco em Questão – as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes*, Petrópolis, Vozes, 1996, p. 241-263.